

Semana

REVISTA DA

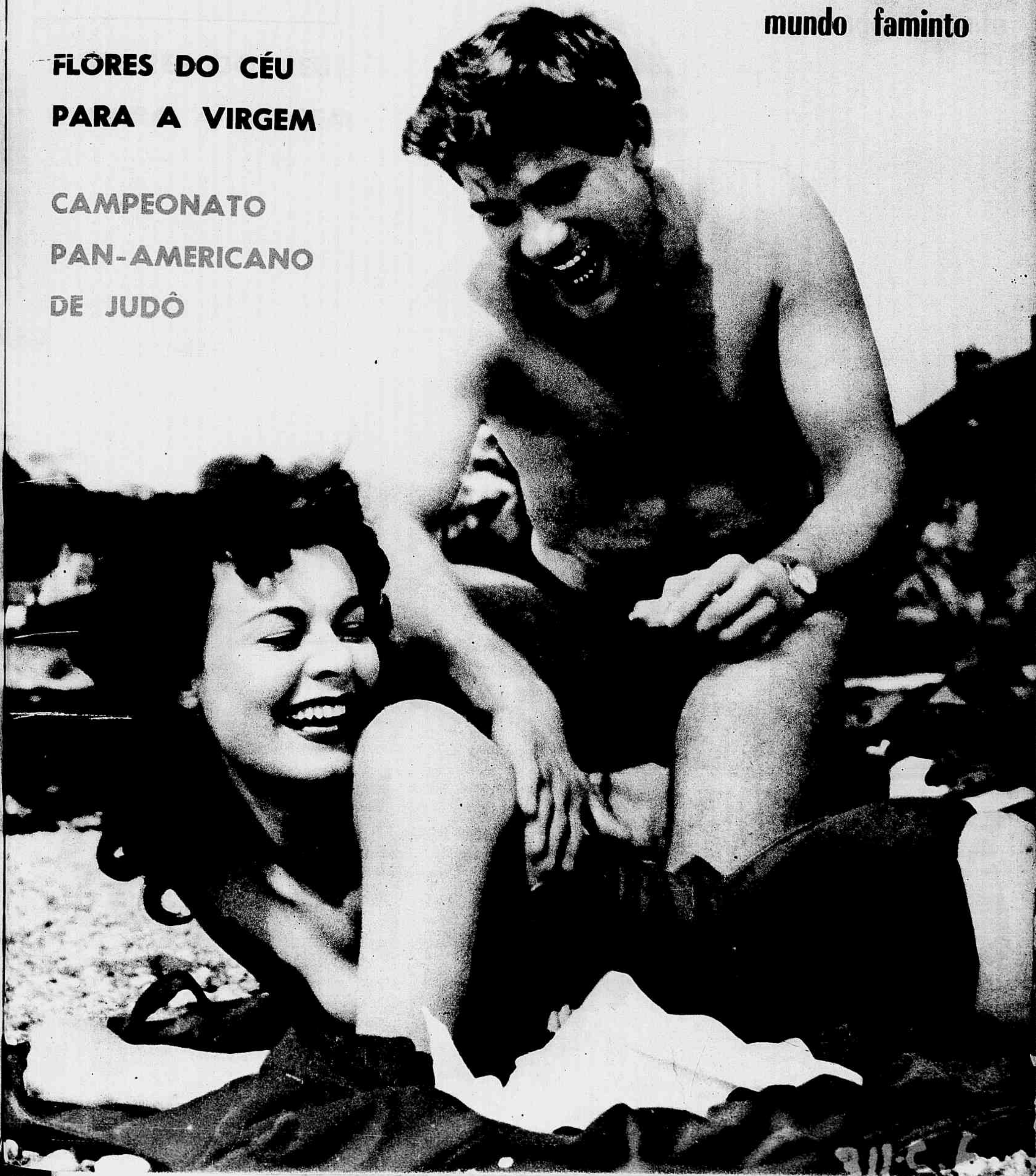


Nº 34 — 23 de agosto 58 — Cr\$ 10,00

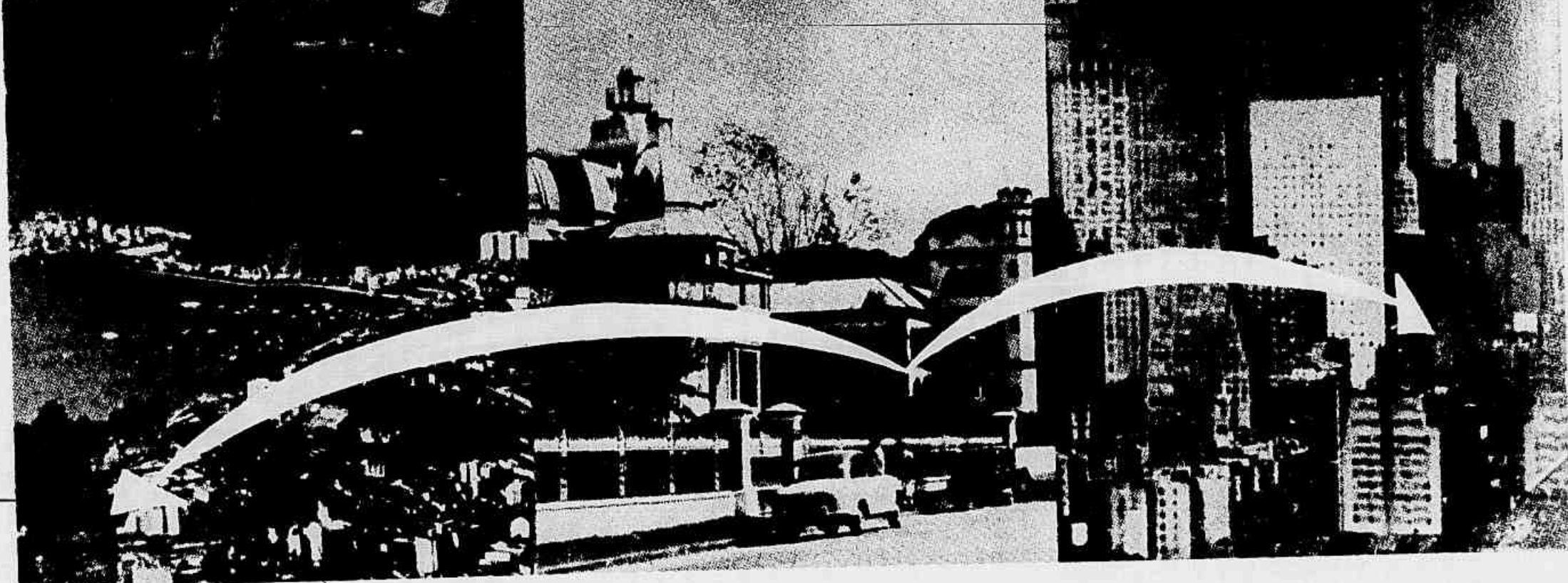
Aldous Huxley:
Fala-se em
ideologia num
mundo faminto

FLÔRES DO CÉU
PARA A VIRGEM

CAMPEONATO
PAN-AMERICANO
DE JUDÔ



Uma só escala *entre RIO-NOVA YORK*



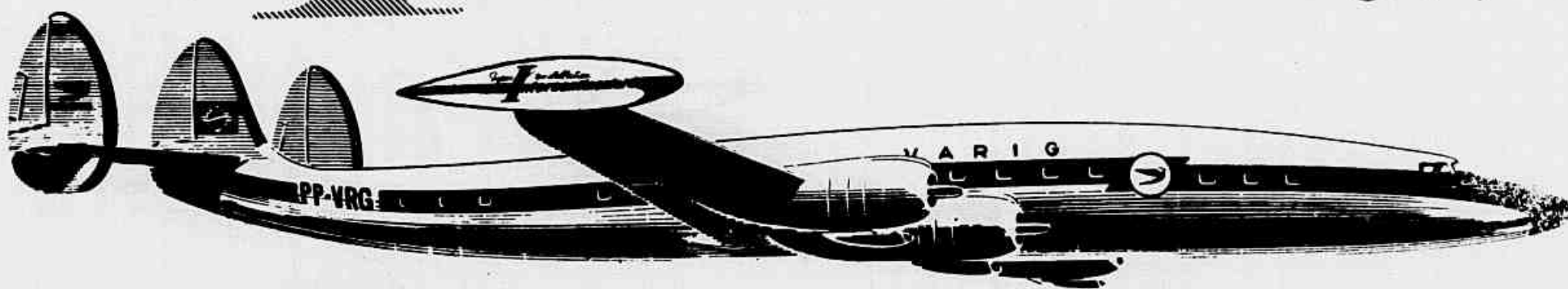
Rio

Trinidad

N. York

no ultra confortável

Super **1** *Constellation*
Intercontinental
de Luxo



Agora, duas vezes por semana a VARIG realiza vôos ainda mais rápidos a Nova York, com uma escala apenas, Port Of Spain... em seus novos Super Constellation Intercontinental de Luxo... com radar, leitos confortáveis, poltronas espaçosas e um esmerado tratamento a bordo.

* Também dois vôos semanais a Nova York via Belém e Ciudad Trujillo. Em ambas as rotas, acomodações e tarifas de Primeira Classe e tarifas econômicas na Classe Turista.

VARIG

O MELHOR SERVIÇO PARA NOVA YORK

Consulte seu agente de turismo ou as agências da Varig sobre os novos planos de financiamento da sua viagem ao exterior.

LEIA:

REPORTAGENS

Copacabana coroa a sua rainha	4
Sua Excelência, a Baliza	19
Guerra Declarada ao Teatro Convencional	32
Fala-se em Ideologia enquanto o mundo passa fome	40
Mostra o Americano a classe do seu Ballet	45
Margarida com Tulipas ganhou o Vice em Otawa	50
Brasil — Campeão Pan-Americano de Judô	61

A COMÉDIA HUMANA

A propósito de .. religião	11
----------------------------------	----

NOVELA

Os Galhos do Cedro	14
--------------------------	----

CONTO

Tiago	54
-------------	----

SEÇÕES

Puxe pelo Cérebro	26
Letras e Artes	30
Modas	36
A Revista há 50 anos	39
As Verdades de Mariazinha Maranguape	44
Humor	58

CRÔNICA

Sapatomancia	59
--------------------	----

A CAPA

Anne Heywood (Ektachrome R.K.O. — Rank)	28
---	----

CONTATO

O esporte brasileiro prossegue fazendo carreira em 1958. Conquistamos, agora, o título de campeões pan-americanos de judô, derrotando os Estados Unidos, costumeiro secundante do Japão, que é cate-drático permanente da matéria. Fizemos três campeões individuais (Yoshiwo, Mendonça e Hinata) fase Rio, e levantamos o campeonato por equipes — fase Belo Horizonte. Reportagem completa às páginas 60 e seguintes.

ESTÊVE no Rio o famoso romancista inglês Aldous Huxley, vindo ao Brasil a convite do Itamarati. O conhecido autor de "Sem Olhos em Gaza" e "Contraponto", que nos deu importante depoimento sobre a atual situação do mundo, mostrou-se encantado com a cidade ("deve ser feliz um povo que vive cercado por natureza tão bela") e lamentou não saber o português para ter, com o carioca, um contato mais direto e mais profundo.

AREVISTA inicia, neste número, a publicação em capítulos de um novo romance: "Os Galhos do Cedro", de Maria da Conceição Neves About, ilustrado por Luís Canabrava. Além de uma bela história de amor, "Os Galhos do Cedro" é ainda a história da vida dos sírios-libaneses radicados no Brasil. Autora já de vários trabalhos de ficção, casada com um filho de imigrantes libaneses, e vivendo em contato permanente com árabes radicados nos Estados Unidos, Argentina, Austrália e outros países, ninguém melhor do que Conceição About para abordar semelhante tema e transportar, para o plano literário, algo sobre a vida e o espírito dos homens dessa raça, em sua adaptação a um mundo novo.

DEPOIS do Ballet da Georgia, tem o Rio a oportunidade de ver o Ballet de São Francisco. O carioca acorre ao Municipal e ao Maracanãzinho, para fazer suas comparações e para ver as dançarinas, realmente belas, que nos mandam Tio Sam. Já que o tempo de que dispunham para passar entre nós era limitado, as jovens americanas, por sua vez, fazem um passeio ao Pão de Açúcar, para terem, do alto, uma visão completa da cidade. E, como era de se esperar, ficaram encantadas.

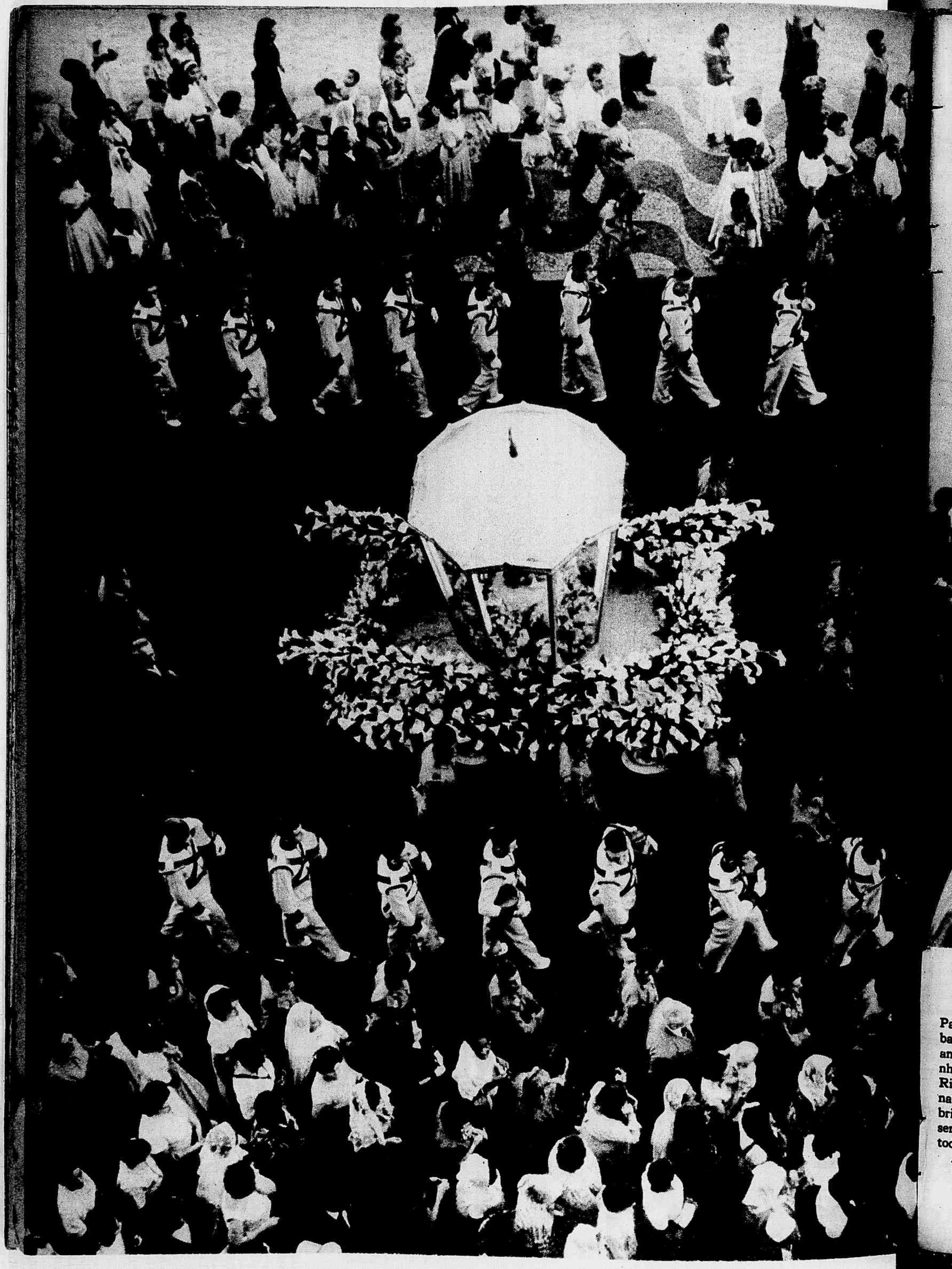
HÉLIO Polito, o responsável pelo nosso D.E., inicia neste número uma série de reportagens fotográficas à margem do Concurso de Long-Beach, abordando aspectos completamente inéditos daquela já famosa competição da Beleza. Neste trabalho inicial, fala-nos ele das "Balizas" — importante elemento com que conta o desfile que antecipa a escolha de Miss Universo.

N. S. de Copacabana, coroada rainha — Momentos de beleza viveu o Rio e, principalmente, Copacabana, na tarde do dia 15, quando foi coroada a imagem de Nossa Senhora, na igreja do Pôsto 6. Tôda a população da Zona Sul acorreu à Avenida Atlântica, para assistir ao desfile que conduziu a padroeira do Bairro do Pôsto Dois ao lugar de destino. A Revista apresenta, às páginas 4 e seguintes, alguns dos belos flagrantes que o nosso fotógrafo conseguiu fixar, da festa religiosa.

COPACABANA COROA A SUA RAINHA

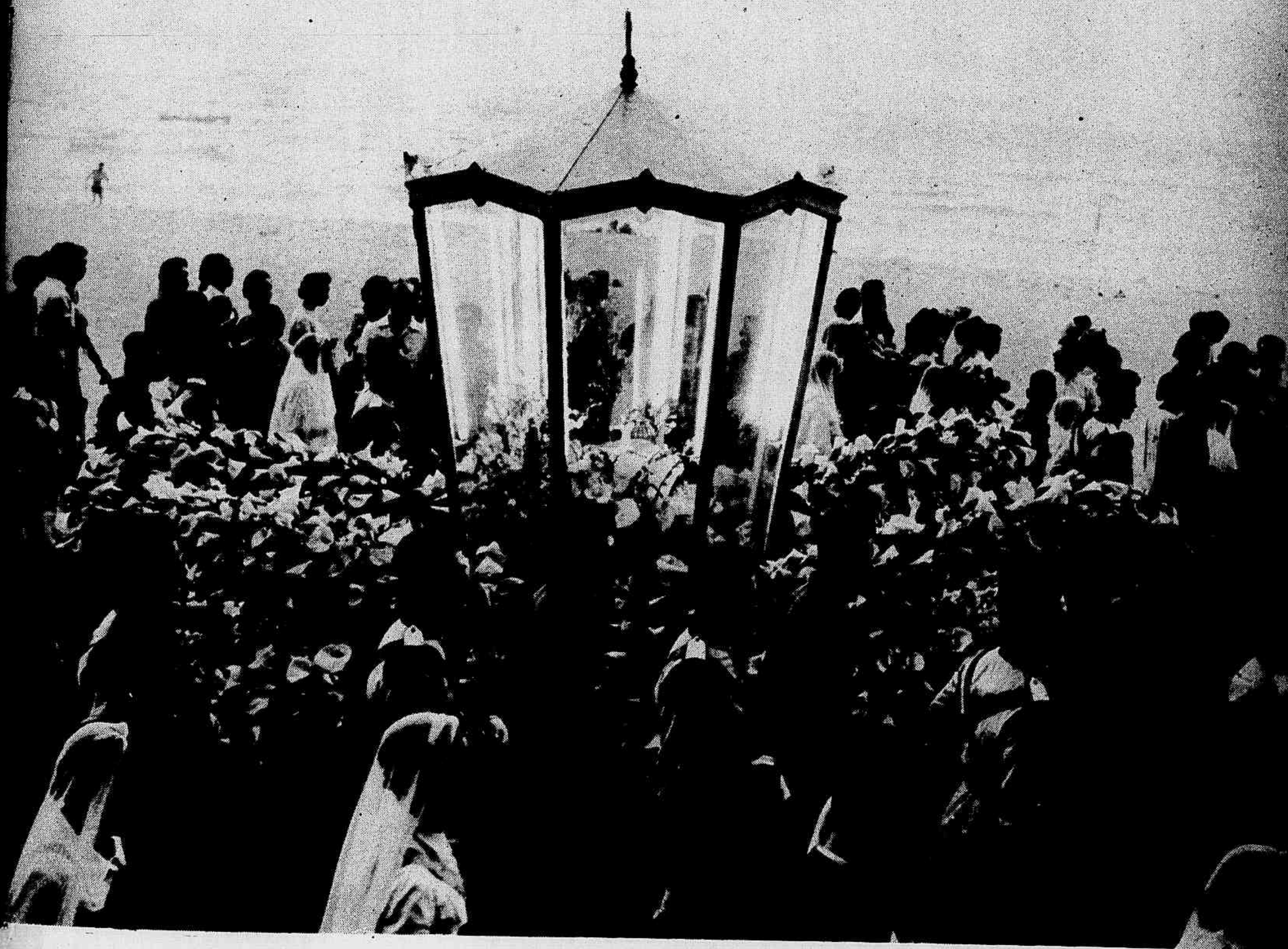
(Fotos de Alberto Ferreira)





Pa
ba
an
nh
Ri
na
br
ser
too

Transportada num nicho de vidro, tendo aos pés a sua coroa de ouro, desfila a Virgem de Copacabana



A HOMENAGEM prestada por Copacabana à sua Santa Padroeira, na tarde magnífica do dia 15, deu motivo a que o bairro vivesse um de seus momentos mais belos dos últimos anos. À hora do Angelus, na igreja do Pôsto 6, Nossa Senhora de Copacabana foi coroada Rainha, pelo Arcebispo do Rio de Janeiro — Cardeal Dom Jaime Câmara, que depositou, na frente da imagem, uma coroa de ouro maciço, cravejada de brilhantes. A bela festa religiosa contou não só com a presença de todas as famílias residentes no Bairro, mas de quase todo o Rio de Janeiro.

A solenidade teve início às quatro horas da tarde, com

uma imponente procissão que saiu do Forte Duque de Caxias, no Leme, e de que participou grande número de irmandades e congregações, bem como de delegações estudantis. Seis batedores abriam o cortejo, e jovens colegiais conduziam estandartes de diferentes paróquias. A imagem vinha transportada no interior de um nicho de vidro, iluminado com luz fluorescente, e disposto sobre uma carreta, transportada por soldados. Aos pés da imagem, entre flores, estava depositada a bela coroa de ouro maciço — obra do artista alemão Otto Heil. E enquanto elementos do Batalhão de Guardas formavam uma guarda de honra em torno da carreta, soldados do Forte



Na hora do Angelus, o Card

do Leme ladeavam o cortejo, para impedir a invasão da massa que se acotovelava nas calçadas da Avenida. Também uma banda da Polícia Militar seguia o desfile, executando hinos religiosos.

Mas a beleza do espetáculo não se limitava ao esplendor de que se revestiu a procissão. O cenário de Copacabana apresentava, nessa tarde, um aspecto ainda mais majestoso, com a presença, no mar, das embarcações embandeiradas das colônias

de pesca
da FAB,
fitas de f
os fogos
decorand
edifícios.

Às seis
onde uma



, o Cardeal Dom Jaime depõe a coroa na fronte da Virgem.

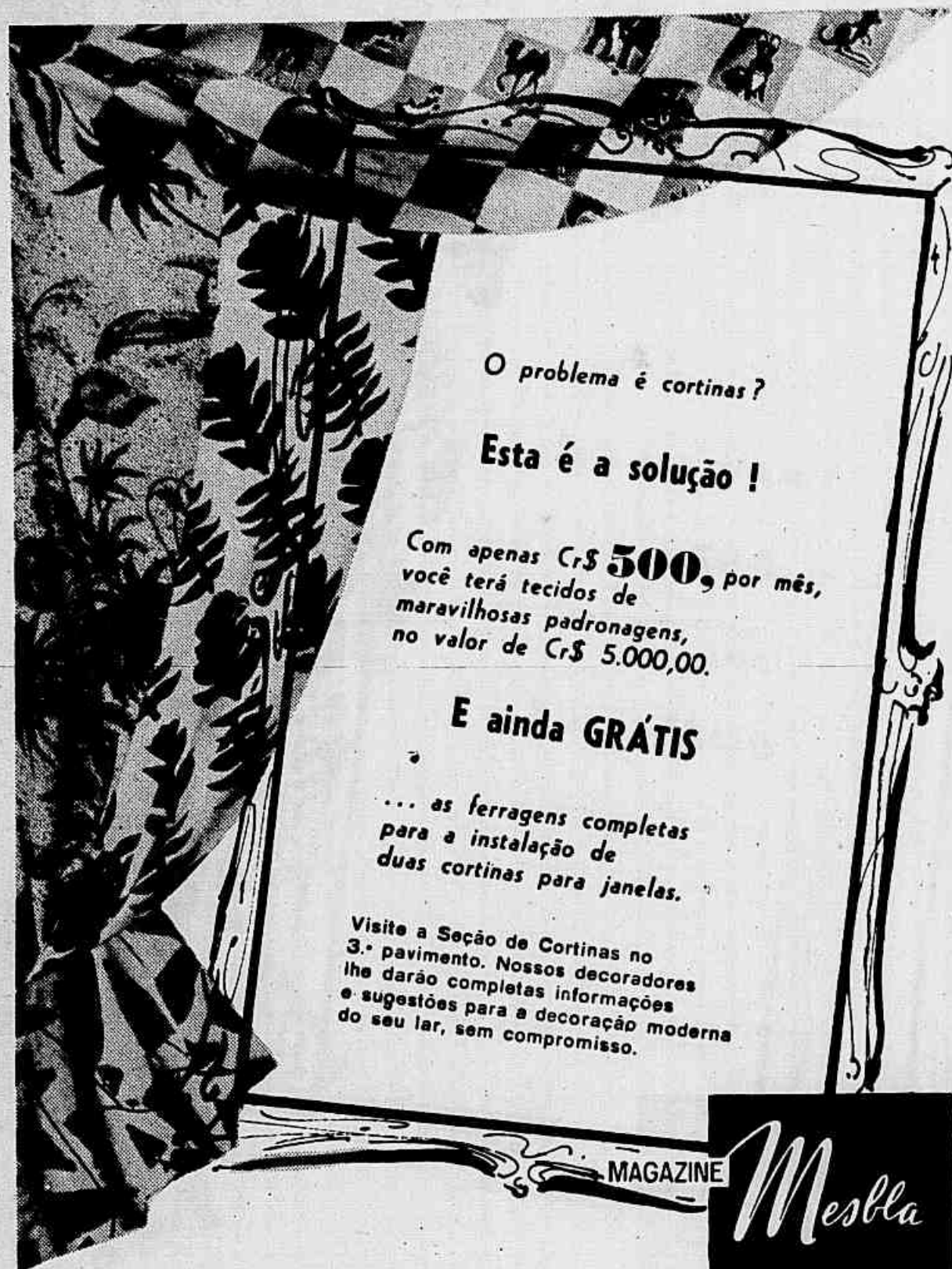
de pesca do bairro, a seguir o cortejo, e, no céu, dos aviões da FAB, a fazerem evoluções e riscarem o espaço com suas fitas de fumaça. Também davam um tom de festa ao ambiente os fogos de artifícios, a explodir no crepúsculo, e os tapêtes decorando sacadas, e bandeiras tremulando nas janelas dos edifícios.

Às seis horas, finalmente, chegou o cortejo ao Posto Seis, onde uma outra multidão se adensava. E se deteve, finalmente,

diante da enorme cruz de madeira, completamente iluminada, levantada à fachada da pequena igreja.

Chegado ao local, o Arcebispo foi conduzido através de duas fileiras de Bandeirantes. E ali, na presença de autoridades religiosas, civis e militares, teve seu desfecho a bela cerimônia.

Depois da coroação, o Cardeal Dom Jaime Câmara fez a consagração do bairro, e celebrou missa.



O problema é cortinas?

Esta é a solução!

Com apenas Cr\$ 500, por mês, você terá tecidos de maravilhosas padronagens, no valor de Cr\$ 5.000,00.

E ainda GRÁTIS

... as ferragens completas para a instalação de duas cortinas para janelas.

Visite a Seção de Cortinas no 3.º pavimento. Nossos decoradores lhe darão completas informações e sugestões para a decoração moderna do seu lar, sem compromisso.

MAGAZINE *Mesbla*



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECCÕES DO COURO CABELUDO

CARTAS

MR. DULLES

"Vocês dizem que Foster Dulles é um velho frio, figura anti-pática para muitos. O Secretário de Estado Americano é um grande homem e precisa ser tratado mais cerimoniosamente..."

Agenor Carvalho — D.F.

"Houve abuso no modo como vocês trataram o sr. Dulles. Por que a ironia?"

Liana Kruehl — Petrópolis

"Gostei da reportagem sobre a vinda desse famigerado Dulles": do texto, das fotos de Alberto Ferreira e, principalmente, daquelas deliciosas legendas. Vocês disseram coisas que pouca gente tem coragem de dizer..."

João Moreira — D.F.

ELOGIOS

"... e minha senhora, a quem tôda semana levo a Revista", também gostou da transformação que se nota, a partir da capa, muito movimentada, de Grande Otelo e Vera Regina. Também o papel melhorou setenta por cento. E aquela carta escrita com a bôca, na reportagem de Carlos A. Nascimento, me deu um nó na garganta..."

Ivo Bastos — D.F.

HELENA SILVEIRA

"... dados sobre Helena Silveira, cujo conto "A Mulher de Pestanas de Sol..."

Rita Carneiro — B.H.

§ Helena Silveira é paulista, e irmã de Dinah S. de Queiroz. Excelente escritora, tem publicados os seguintes livros: "A Humilde Espera" e "Mulheres, freqüentemente" (contos); "O Fundo do Poço" (teatro); "Damasco e outros Caminhos" (crônicas de viagem).

O Editor

IDOLOS DO PASSADO

"Como aficionado de cinema, e interessado na vida particular dos artistas, achei ótima a entrevista feita em Paris com a "doce Olívia". Sempre é do agrado dos leitores, como eu, saber o que fazem as grandes estrêlas que se afastam do cinema. Por que não iniciar uma série, focalizando nomes de ídolos de quinze anos atrás?"

Sebastião Vieira — Vitória

§ Será estudada a sugestão.

O Editor

MOCIDADE SEM LAMBRETAS

"Meu muito obrigada, de paraense, pelas boas palavras a respeito do nosso grupo enviado ao I Festival de Teatro dos Estudantes. Um achado, aquele título..."

Gracinda Tapajós — D.F.

TRAPEZIO

"... e gostei muito, muito, mesmo, de "Trapézio", a original seção de Osório Nunes. Não pensei que esse homem, escrevendo ensaios sempre tratando de assuntos sizudos, municípios e outras coisas difíceis, pudesse tratar os temas da nossa política com tamanho senso do que interessa ao público de uma revista popular, como a R.S."

Mauro de Oliveira — Ourinhos, S.P.

"Saber onde posso encontrar "Clamor dos Municípios", livro organizado e apresentado por Osório Nunes."

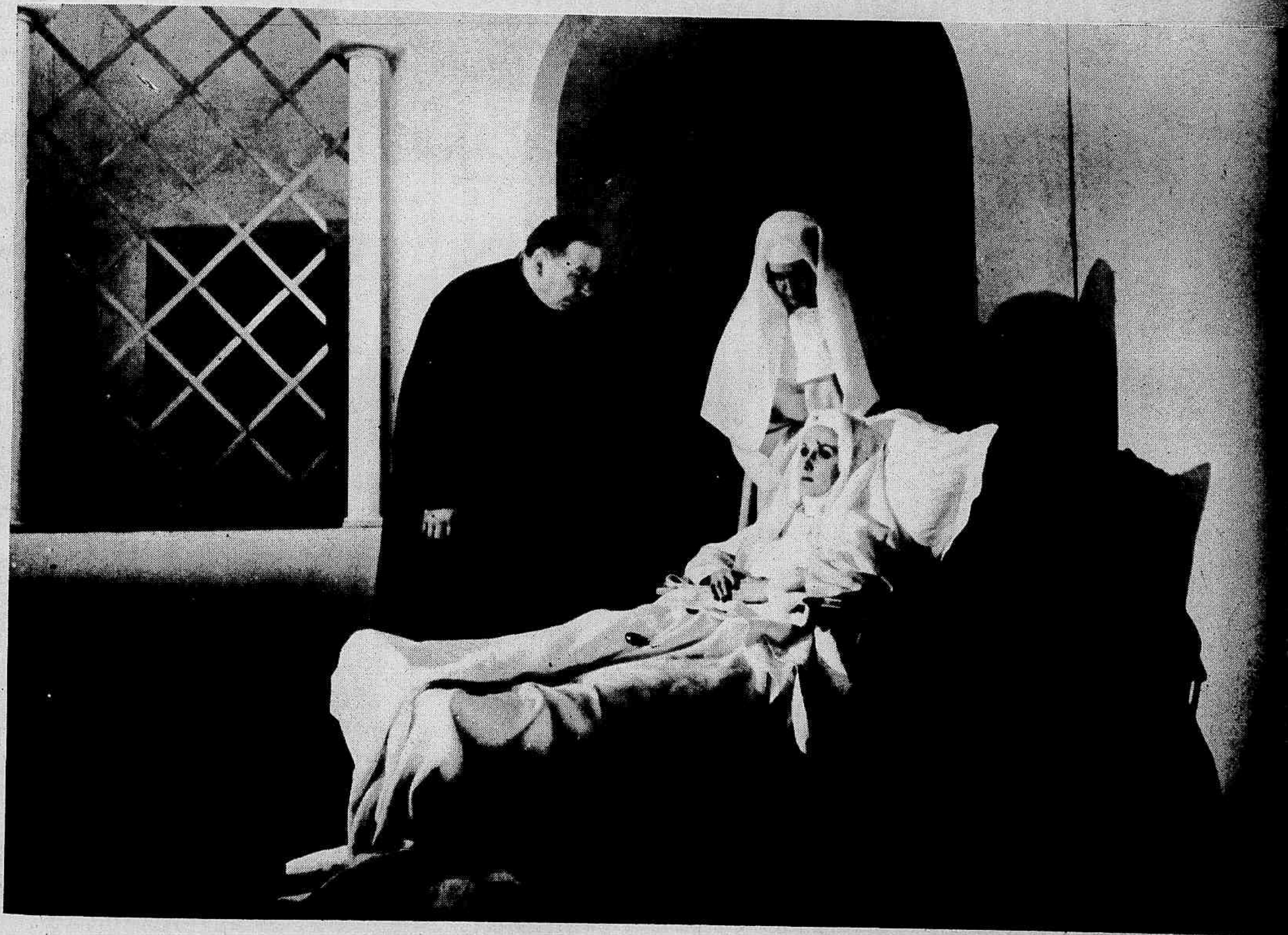
Kleber Maranhão — Florianópolis

§ Livraria São José, à rua São José, 35, Rio, para onde podem ser endereçados os pedidos.

O Editor

A COMÉDIA HUMANA

A PROPÓSITO DE... RELIGIÃO



Nem sempre as peças de fundo religioso têm a aprovação da Igreja. Na foto acima, uma cena de "Halte au Destin", de Jacques Chabannes, cujo tema foi combatido por grande parte dos padres franceses.

PADRE DIRETOR DE CINEMA — A versão cinematográfica da peça "O Diálogo das Carmelitas" está sendo dirigida por um padre católico. Esta — ao que nos consta — é a primeira vez que um religioso dirige cinema. Trata-se do reverendo Bruckberger, que se encontra em Paris dirigindo um elenco internacional de "astros". O padre Bruckberger fez seu "début" no cinema quando foi convidado pelo cineasta francês Robert Bresson a escrever o roteiro técnico de "Anjo do Pecado", película filmada em 1945.

CARLOS A. NASCIMENTO

Nos EUA, a Igreja condenou um filme de Brigitte



Eis um padre original, que se propõe a salvar almas de um modo bastante pitoresco: com suas belas canções acompanhado, naturalmente, de seu inseparável violão. Trata-se do padre Duval, um alegre reverendo francês.

QUANDO A BÍBLIA SE TORNA OFENSA

A propósito de cinema e religião, o filme mais recente de Cecil B. De Mille — "Os Dez Mandamentos" — foi proibido por lei no Paquistão. O governo paquistanês considera a Bíblia (livro onde DeMille foi buscar inspiração para sua obra) ofensiva a seu povo.

N. do R. — A maioria da população do Paquistão é muçulmana.

É PROIBIDO TOCAR "JAZZ" NOS DOMINGOS

Existe uma lei inglesa que proíbe o funcionamento de "boîtes" nos dias de domingo por ser consagrado ao "dia do Senhor". Pois bem. Qual não foi a surpresa de um inspetor de polícia, que faz a ronda noturna da capital britânica ao encontrar um "cabaret" de cujas portas exalava cheiro de álcool enquanto o som de uma orquestra de "jazz" quebrava a monotonia daquela rua fria e brumosa da maior cidade do mundo. Imediatamente, o zeloso agente da lei penetrou na "boîte" e autuou o proprietário do estabelecimento. Levado à presença do juiz o infrator deu a seguinte explicação: "A queixa contra mim apresentada é improcedente. Em respeito à lei do dia consagrado ao Senhor, abri meu estabelecimento a zero hora e um minuto, isto é, na segunda-feira pela manhã e não no dia que a lei proíbe, como me acusam".

PROIBIDO PARA AS MULHERES

Durante a recentemente encerrada temporada internacional do Teatro das Nações, em Paris, foi apresentado ao público francês um conjunto de dançarinos do Ceilão. A curiosidade estava no fato de tal conjunto jamais ter sido apresentado ao público feminino, por motivos religiosos. Um de seus números — o "khombajunkariya" — mostra um impressionante ritual de sacrifício em que os dançarinos se acercam de tochas acesas cujas chamas lhes molestam os corpos e que tem por fim mostrar o poder da magia.

O conjunto da Companhia Nacional dos Dançarinos do Ceilão foi assistido pela primeira vez naquela ocasião, em sua longa história, por um público feminino, contrariando, assim, os princípios religiosos da companhia.

A IGREJA CONDENA

126 filmes dos 394 examinados pela Legião Norte-Americana da Decência, organização católica com sede em Washington, foram condenados ou parcialmente condenados. Dos 394 filmes submetidos à censura da igreja, apenas 138 foram considerados permitíveis ao público. Dentre os filmes exibidos em território dos EE.UU. que tiveram o veto total da Legião figuram as películas (já exibidas no Brasil) "Boneca de Carne" e "...E Deus Criou a Mulher".

Para se ter uma idéia da força que a Igreja Católica (considerando-se serem os EE.UU. um país predominantemente protestante) exerce sobre as companhias cinematográficas, basta que citemos o fato de que certos produtores chegam ao ponto de modificarem o diálogo e até mesmo o enredo de suas produções para se livrarem do veto da Legião da Decência. Ainda recentemente, quando da filmagem de "Love in the Afternoon", Gary Cooper e Audrey Hepburn (protagonistas da película) chegariam ao final do filme com um "affaire d'amour" extra-matrimonial. A pressão da Legião foi de tal monta que a produtora da película (Allied Artists) viu-se na contingência de acrescentar um comentário ao final informando que os amantes pretendiam casar-se.

Nem só de religião vivem os padres. O reverendo Joaquim Salcedo, na Colômbia, tem uma estação de rádio dedicada exclusivamente à sua campanha de alfabetização de adultos, levada a efeito pela ONU.



Resultado: o filme ficou dois anos em cartaz...

MAS NEM SEMPRE A IGREJA SAI VITORIOSA

A propósito do que foi dito acima, nem sempre a Legião da Decência sai vitoriosa de suas campanhas contra determinadas películas. A condenação da igreja também desperta curiosidade pública. Tal foi o caso do filme de Brigitte Bardot, "... E Deus Criou a Mulher" que, lançado entre nós em 1958, e que permaneceu em cartaz durante dois anos nos EE.UU. tornando-se um dos 10 maiores sucessos de bilheteria da atualidade.

A BIBLIA NÃO TEM LIMITE PARA O NATIVO AFRICANO

Um cidadão ganhou 5 milhões de cruzeiros num programa de televisão nos EE.UU. respondendo sobre a Bíblia. Até aqui nada de mais. Acontece, porém, que o felizardo é natural da Nigéria, onde viveu até há pouco tempo, habitando uma maloca de uma aldeia de nativos no interior africano. Trata-se do jovem Theophilus Ade Aderomnu, filho de um chefe tribal. Aderomnu, que tem 3 cicatrizes no rosto produzidas por sabre, que indica o grau de "nobreza" de quem as possui (parte do ritual de batismo), foi educado por um missionário católico que o fez cristão.

E FOI MESMO O ÚLTIMO

E por falar em televisão, há pouco tempo apareceu no vídeo dos aparelhos de TV de Washington, um pastor para fazer um programa religioso intitulado "Night Beat" da emissora WABD daquela cidade. Convidado pelo produtor a fazer um sermão, o

Aqui está São Sebastião, numa caracterização da bailarina Ludmilla Tcherina, primeira bailarina da Ópera de Paris. Ludmilla desempenha o papel principal do "ballet" — "O Martirio de São Sebastião".

pastor lhe pediu que desse o tema: "Que diria o senhor se esse fosse o último sermão de sua vida?" — sugeriu o produtor. O pastor, que era o ministro A. Powell Davis — um dos maiores batalhadores da causa dos negros norte-americanos — achou interessante a idéia e fez uma brilhante dissertação sobre a igualdade dos homens. Dois dias depois foi encontrado morto por causa natural. Efetivamente aquele fora seu último sermão.

ESPIRITISMO — TEMA CINEMATOGRAFICO

Um filme de fundo espiritualista foi recentemente lançado em Londres e chamou a atenção da crítica, que o considerou como o mais estranho filme da história do cinema. A película, intitulada "Search for Bridey Murphy", revela detalhes de uma exaustiva experiência de um mesmerista e uma "medium" para reconstituírem uma encarnação que teria ocorrido na Irlanda em meados do século XVII, na pessoa de Bridey Murphy. A película, que tem como protagonistas a atriz Teresa Wright e o ator Louis Hayward, não será exibida no Brasil, segundo informações da companhia produtora Paramount.

A IGREJA NÃO É A ÚNICA PREOCUPAÇÃO DO CARDEAL

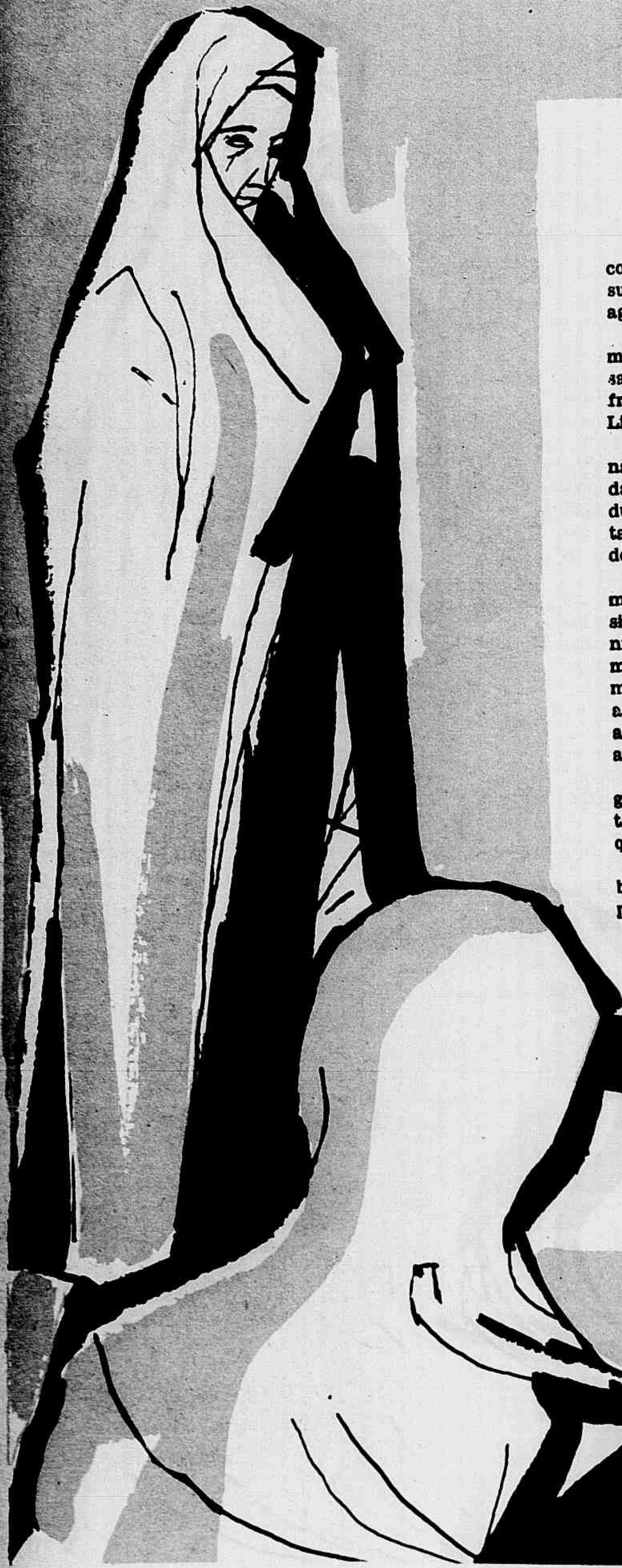
Dentre os 120 álbuns filatélicos expostos no Central Hall de Westminster, da Inglaterra, figura um do Cardeal Spellman, primeiro dignitário da igreja católica norte-americana. A coleção do Cardeal Spellman é considerada uma das mais completas do mundo.

Frei José de Guadalupe (José Mojica) começou no cinema e terminou no convento. Mas mesmo depois de vestido o hábito continua fazendo aparições públicas, cantando em festivais de beneficência.



OS GALHOS

MARIA DA CONCEIÇÃO ABOUD



SUAS MAOS RUDES, ásperas do trabalho da terra, de unhas cortadas tão rentes que pareciam cravadas nos dedos, deslizaram suaves, em seu rosto acalourado, enxugando o suor que o sol, agora morrendo vermelho, fizera brotar.

Havia um contraste imenso entre as mãos daquela mulher-menina de quatorze anos e sua face de carne delicada, milagrosamente invulnerável às agruras do calor do verão ou ao vento frio que soprava no inverno, vindo das nevadas montanhas do Líbano.

Nabira libertou-se do manto grosseiro, tecido em casa e surgiu na pujança de seu corpo rijo, de formas femininas bem acentuadas, apesar dos seus verdes anos. O manto que a protegera do sol durante a tarde, enquanto se curvara mil vezes na faina de plantar, jazia a seus pés, mancha escura e amorfa, o chato pedestal de uma estátua representando a Ceres do Oriente.

Em volta, a paisagem era doce e triste: montanhas e mais montanhas sombrias, aradas desde a base até o topo, pela necessidade de se aproveitarem todos os grãos de terra daquele pequenino país. Perto, um pastor recolhia um rebanho de ovelhas lamurientas e sua sombra, delineada pelo albornoz esfarrapado, movia-se alongada, no chão pedregoso. Na encosta mais próxima ao vale onde Nabira passara as últimas horas, uma casinha branca, a sua casa, era o único ponto claro e brilhante nas sombras a se acentuarem.

Homens e mulheres deixavam o trabalho dos campos e seguiam em busca de suas casas e do descanso da noite. Alguns, de tão cansados, apenas faziam menção de acenar-lhe com a mão que logo caía mole nos mantos velhos e exóticos.

Nabira esperava alguém. E seus olhos negros de cílios pesados brilhavam contentes quando esse alguém surgiu ao longe, de um pequeno bosque de nodosas oliveiras. Era um homem magro e

DO CEDRO



LUIZ CANABRAYA

O árabe carregava o manto que protegera sua noiva

alto. Aproximava-se com rapidez e na elasticidade do seu passo, havia a atávica elegância de seus ancestrais, nômades que enrigeceram o corpo, caminhando no deserto.

Uniram-se sem trocar uma carícia, sem ao menos as pontas dos seus dedos se tocarem e se não fôra o feliz sorriso do homem e a meiguice a envolver o rosto da jovem, não se poderia adivinhar que se amavam. Encetaram juntos o caminho para a casinha branca que era agora apenas uma nódoa esbranquiçada no verde tristonho da montanha. O árabe carregava o manto que protegera sua noiva dos raios do sol. Dêle se evolava um cheiro estranho, misto de suor, de terra úmida, de "misque" e êle, que não ousara tocar sua prometida, apertava a veste contra o peito com as mãos trêmulas de desejos e o coração aquecido de ternura.

Ela disse-lhe estar muito contente porque suas irmãs casadas mesmo as que moravam longe, viriam para o casamento. Êle contou que Alá dera-lhe inúmeras provas de estar satisfeitiíssimo com a escolha feita, pois desde o dia em que se haviam comprometido, notava uma inesperada floração em seu pomar, parecendo-lhe isso um símbolo, uma promessa de bonança para sua vida de casado. Não disse, mas alegrava-o, extraordinariamente, a convicção de que a exuberância de suas terras representava, também, a promessa de prole numerosa e saudável.

Chegaram. A porta da casa Adma, mãe de Nabira, acorçada, fumava "arguile". Só o som das bôlhas de ar, dentro da garrafa do complicado caximbo, rompia o silêncio. A velha não falou. Apenas tirou da bôca murcha de dentes, o tubo de "arguile" e ofereceu-o ao futuro genro. Nassim curvou-se num cumprimento, sentou-se e principiou a fumar solenemente. Havia riso em seus olhos, o que dava um ar infantil ao seu rosto queimado, cortado de leves rugas prematuramente desenhadas pelo sol. Sabia que a velha estava furiosa, pois Nabira e êle vieram sós, o que poderia desencadear acerbos comentários de quem os visse assim.

Era tremendo o senso de moral daquela gente. Contraditório numa raça vivendo em contato direto com a natureza. Ainda pequeninas, as crianças lidavam com rebanhos de cabras e ovelhas, o que naturalmente lhes ensinaria, desde os primeiros anos, os mistérios do sexo. Os camponeses do velho Líbano, entretanto, em relação às suas mulheres, eram exageradamente moralistas. Uma filha em casa era um vidro frágil que qualquer sopro de maldicência poderia embaçar, estragando-lhe o futuro e cobrindo de vergonha a família, prejudicando mesmo os casamentos das irmãs e das primas. Por isso, quando um casal recebia de Deus a graça de um herdeiro, havia grandes festas, mas se lhe vinha uma filha, era recebida tristemente. Constituía uma responsabilidade imensa, um tormento! Respiravam aliviados quando a entregavam, radiantes, a um marido providencial. Os pais, em geral, arranjavam os casamentos e os noivos não tinham a menor convivência até à noite na qual, graças aos sacramentos da Igreja Ortodoxa, ganhavam o direito de se enlaçarem para o amor.

A mãe de Nabira fôra sempre mais rigorosa do que as outras mulheres de sua clã, porque Alá amargurara-lhe a vida, dando-lhe sucessivamente cinco filhas e nenhum varão. Não adiantaram orações, de nada lhe serviu engolir pedacinhos de algodão embebidos em óleos santos ou amarrar na cintura cordões bentos, na esperança de em seu ventre gerar-se um homem. As cinco mulheres vieram umas atrás das outras, cada qual recebida com maior desapontamento, quase rancor. Os pais sentiam-se humilhados pela falta do herdeiro que preservaria o nome da família e lhes provaria estarem sôbre a proteção de Deus. Os vizinhos lamentavam o casal e cada nova gravidez de Adma despertava a atenção da aldeia. Anciãs de olhos enegrecidos de "kerli", iam a sorte da mulher, no fundo das xícaras, nas quais ela bebia o espumoso café típico da terra. Essa era a maneira mais comum de lerem a sina, no velho Líbano. O café, bebido sem ser coado, deixa no fundo dos utensílios um depósito rajado. Nas manchas e linhas desse depósito iam-se destinos, auguravam-se mortes e casamentos, previa-se o sexo de crianças em gestação.

Se as previsões falhavam, surgiam como surgem até hoje no mundo inteiro, desculpas ingênuas dos adivinhos, convencendo os crédulos da eficiência do sistema. Não fôsse a eterna ânsia do homem em se adiantar à própria sorte, não proliferariam as quiromantes...

Nabira era a caçula. Quando nasceu, provocou amargas lágrimas de desespero dos pais desiludidos que, desta vez, estavam cheios de esperança porque as velhas da aldeia haviam sido unânimes em prever a vinda de um menino, pois a gravidez fôra diferente das outras e o ventre, descomunal e pontudo, parecia prometer muito mais do que uma frágil mulherzinha.

Pouco tempo depois de ela haver nascido, morreu seu pai e não faltou quem dissesse que morrera de desgosto, capacitado de que nunca Alá lhe concederia a glória de um filho.

Mais do que nunca lamentaram Adma. O que seria de uma pobre viúva com cinco filhas nas costas? Breve a miséria entraria em sua casa e quando as meninas estivessem em idade de casar, onde arranjaría ela dinheiro para os dotes e enxovais? Além disso haveria, para espantar os pretendentes, o medo de as moças haverem herdado da mãe a incapacidade de conceber varões.

Os anos passaram. Adma, que tanto comisseração inspirara, transformou-se em heroína da aldeia, porque com férrea força de vontade, curtindo o corpo e esbranquiçando os cabelos, lavrara a terra ano após ano, dela tirando o sustento da família.

Com pulso de ferro, controlava as filhas, aprisionando-as em casa, ensinando-lhes os misteres que as transformariam em perfeitas donas de casa. Qualquer dinheiro que sobrasse, através desses anos, era imediatamente usado na compra de pano para peças de enxoval, costuradas cuidadosamente pelas meninas. Quando se punham mocinhas, embora vestindo muito modestamente, possuíam, cada qual, uma rústica arca repleta de roupa forte e bem feita. Aliás, era usual naquela época começar o enxoval das meninas desde quando nasciam. As famílias viviam, praticamente, em função dos casamentos dos filhos.

As moças eram fortes e bonitas. De uma beleza de traços acentuados, cabelos crespos e olhos brilhantes, muito ao gosto dos homens da terra. Embora não tivessem um dote rico, a fama de seus enxovais e de suas habilidades espalhou-se até às outras aldeias. A mais velha casou-se aos quinze anos e, por sorte, no primeiro parto, deu à luz um par de gêmeos. Em dois anos, casaram-se as outras três.

Adma era agora uma viúva abençoada por Alá, que casara quatro filhas muito bem e arranjava o casamento da mais nova com um dos melhores partidos da região.

Nenhum noivado, entretanto, lhe deu mais prazer do que o da sua caçula. Isso porque Nabira sempre a amedrontara com idéias de independência, recusando-se terminantemente, o rosto contraído de indignação, a aceitar o primeiro noivo que lhe conseguira. Criança, havia sido muito levada; adolescente, ousara inúmeras vezes recriminá-la pelo fato de nunca a ter deixado frequentar a escola do lugar, seguindo a estúpida tradição de não se dever ensinar mulher a escrever para depois mandar bilhetes de amor a namorados e amantes.

Nabira fôra sempre a menos amada das irmãs, pois, além do seu nascimento ter sido a maior das cinco desilusões, Adma ligava vagamente a sua vinda, com a época trágica dos seus primeiros anos de viuvez e a amarga tristeza que ensombrou o último ano de vida do seu pobre marido. Além disso, o temperamento da menina a irritava, enchendo-a, ao mesmo tempo, de medo.

Ficou atônita quando a viu aceitar Nassim com absoluta passividade. Não sabia e se soubesse ficaria furiosa, que ambos se tinham escolhido espontaneamente. Passavam sempre um pelo outro nas estradas dos arredores e viam-se aos domingos à hora da missa. Seus olhos procuravam-se irresistivelmente. O rapaz percebeu, através da perturbação que dominava a jovem, quando se encontravam, que ela o amava muito. Amou-a também. Entusiasmou-se ao saber que recusara casar-se com um abastado

dos raios do sol. Dêle se evolava um cheiro estranho, de terra úmida.

comerciante de Alepo. Pressurosamente pediu ao pai para procurar a viúva Adma, resolvendo aquêle casamento desejado com desmedido ardor.

Não adiantaram as ordens e depois os rogos do velho, no sentido de que procurasse espôsa mais dócil. A história da rebelião de Nabira contra o primeiro marido impôsto espalhara-se na redondeza e muita gente murmurava, sacudindo lentamente as previdentes cabeças, que ela não se casaria. Quem desejava para nora uma menina indiferente aos rogos da própria mãe?

Nassim argumentou primeiro com sutileza, depois com violência, chegando a ser teatral nos gestos e nas atitudes, sem, entretanto, conseguir que o pai se dirigisse à casa de sua amada para assegurar-lhe a felicidade. Apenas quando desesperado, afirmou-lhe que faria as coisas a seu modo, roubando Nabira e fundando seu lar sobre os alicerces do escândalo, o velho, lamentando-se doridamente, fazendo as piores previsões para um casamento a ser realizado contra a clarividência de um pai de barbas brancas, partiu sucumbido no cumprimento da missão considerada ingrata.

Entrou, todavia, com o melhor dos seus sorrisos em casa de Adma, no interesse de que ninguém jamais adivinhasse sua humilhação de pai desconsiderado e desobedecido. Se soubessem que Nassim o ameaçara e da indiferença com a qual ouvira seus rogos, ficaria desmoralizado. Seria considerado um pobre homem que não soubera preparar o filho para acatá-lo na velhice. Os orientais têm pelos velhos uma consideração especial. Há mesmo um de seus adágios assim: "Em casa onde não há cãs, não há sabedoria". Quem não tem velho em casa, deve arranjar um de qualquer maneira.

Adma recebeu-o com o riso largo e uma gentileza excessiva, pressentindo o motivo da visita. Desde quando enviuvara, jamais pisaram homens em sua humilde casinha, que não fôsem seus velhos parentes ou aquêles que lhes vieram pedir as filhas em casamento. Trouxe para êle sua única cadeira confortável e ofereceu-lhe imediatamente o "arguile". Duas vizinhas em visita, na ocasião, também compreenderam ser aquilo, uma embaixada de noivado. Seus olhos vivos, emoldurados de "kerli", brilharam de curiosidade e inveja. Nabira passava roupas num dos cantos da sala. Depois o ferro de engomar, pesado e escaldante, numa pedra chata. Cerrou as mãos no peito, estática e emocionadíssima. Conhecia o pai de Nassim e teve absoluta certeza de que naquela tarde sombria e chuvosa, seu destino se decidiria.

O velho olhou à volta, observando o perfeito asseio da casa modesta. Fitou Nabira, compreendendo a paixão do filho. A jovem era forte e bela. Seus olhos escuros brilhavam como estrêlas e suas tranças negras e pesadas eram as mais grossas que já vira. Pigarreou. As bôlhas d'água cantaram mais alto dentro do "arguile". Com lentidão estudada tirou o caximbo da boca, plantou um sorriso alegre e falso na cara encarquilhada, pois encontrara em casa da viúva, um público maior do que esperava para a cena feliz a ser representada:

— Prezada viúva Adma, agradecerá mil vezes se fizesse sair por alguns instantes a última das filhas que ainda se abriga em seu teto.

Adma fitou agressivamente Nabira, fazendo-lhe um gesto para sair, sentindo a garganta cerrada de emoção, aterrorizada de que ela, pela segunda vez, recusasse um pedido de casamento. Nabira eclipsou-se. Correu para rezar no quarto, aos pés de um ícone tósco e desbotado...

O velho riu mais largamente:

— Todos aqui da aldeia e das aldeias em que suas filhas mais velhas estão casadas, sabem o quanto têm sido felizes os homens cujos pais as escolheram. Esperando que Alá conceda bênção igual ao meu Nassim, venho pedir-lhe Nabira para êle. Eu e meu Nassim somos sós. Não tínhamos mulher em casa para vir confabular com a senhora, antes de vir fazer-lhe o meu pedido.

Adma levantou-se trêmula, o buço ralo, perlado de suor. Disse com uma energia que buscava convencê-la da própria autoridade:

— Nabira será espôsa de seu filho e sua filha obediente e dedicada.

Nassim levantou-se também e curvou-se numa ligeira mesura:

— Agradeço a dádiva de sua última riqueza. Meu Nassim tem cem ovelhas, terras abençoadas por uma boa fonte e uma casa de três quartos e um terraço. Sua filha terá tudo para ser feliz. Meu Nassim calcula, lê e escreve. A leitura é um bem que ilumina a cabeça, ainda que traga idéias que nos pareçam más. Nassim roga-lhe para deixá-lo visitar Nabira tôdas as noites até o dia do casamento, sob os vigilantes olhos de sua bondosa mãe.

As vizinhas ficaram com um vago ar de espanto. Adma pensou em dizer-lhe não ser próprio um homem vir às noites, em casa de duas mulheres solitárias, mas, pensando melhor, achou que não devia fazer exigências. Se era o futuro sogro da filha quem fazia o pedido, nada tinha a opor:

— Seu filho será bem-vindo em minha casa. Mas se é assim, devemos fazer o casamento dentro de duas semanas. Minha filha não tem riquezas, porém as roupas de sua arca darão para cinco anos. Sabe cultivar a terra e tratar de todos os trabalhos da casa. Não lê, não escreve mas calcula.

— A honrada viúva Adma educou perfeitamente aquela que será minha filha.

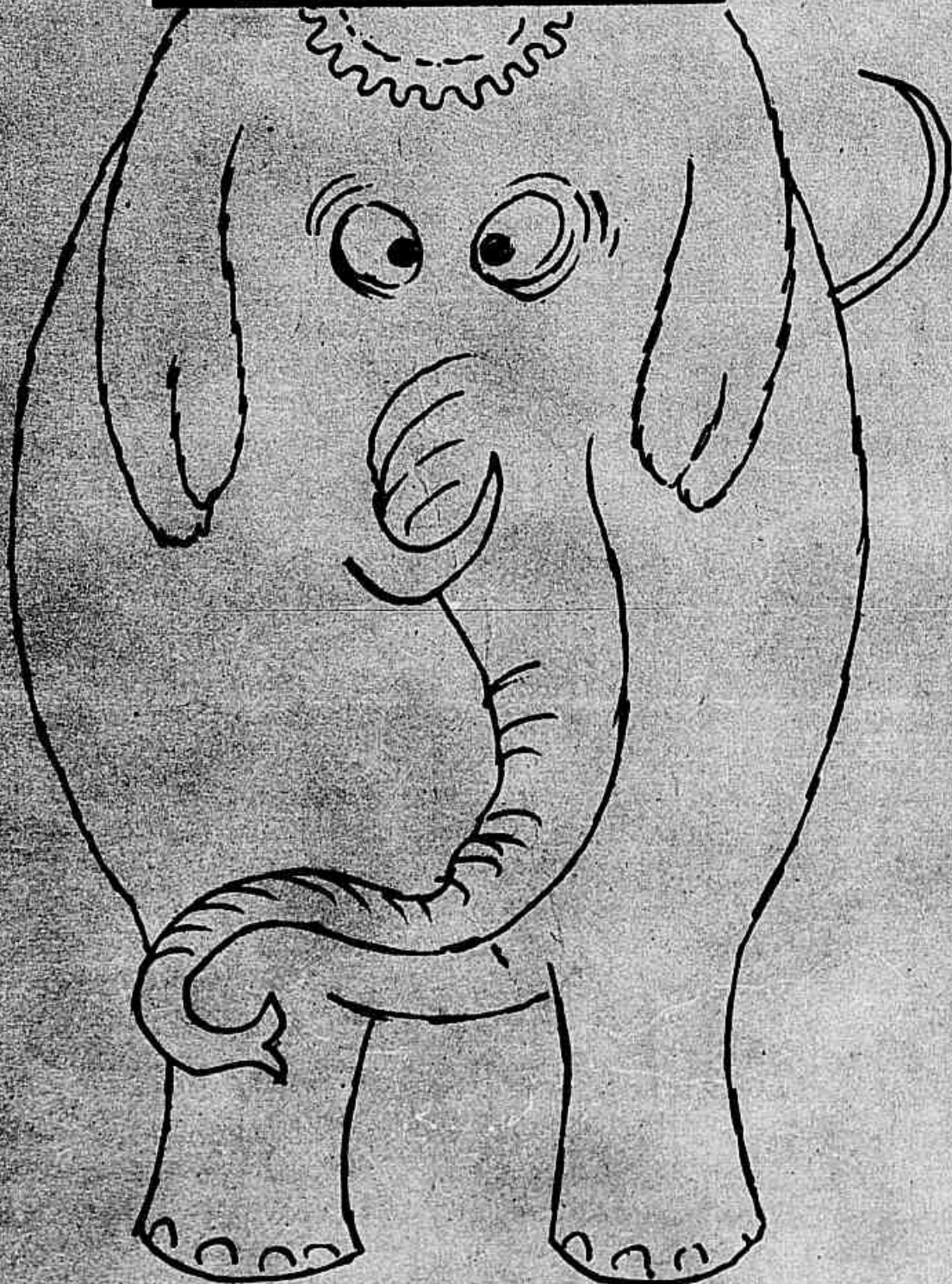
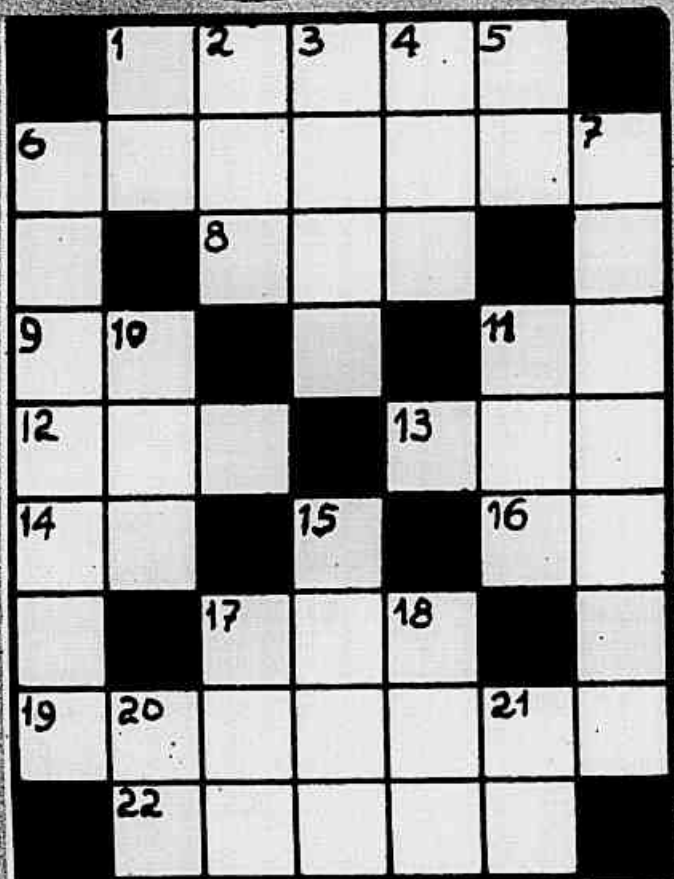
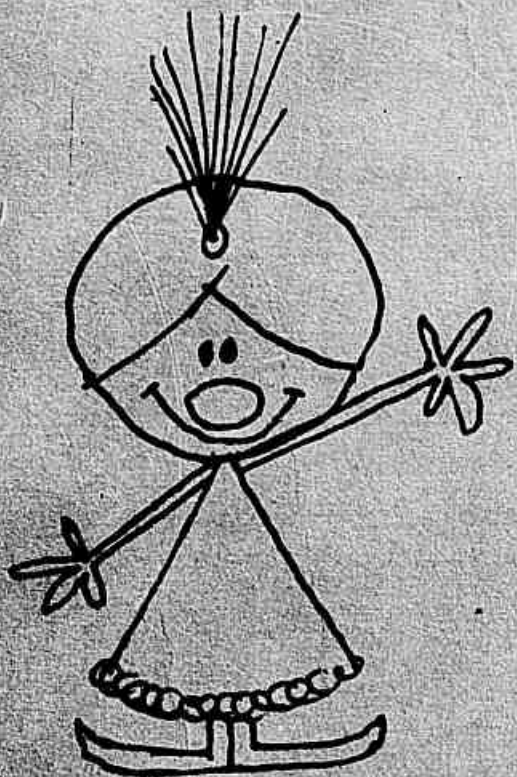
O velho sentou-se de novo e veio-lhe aos lábios o primeiro sorriso sincero daquela noite, imaginando que as vizinhas curiosas estavam loucas para sair dali, a espalhar entre os conhecidos, a notícia de tão extravagante pedido de casamento. Na sua juventude fôra também ousado e pouco amigo das convenções, como Nassim. Sorriu, ainda mais sinceramente, resolvendo escandalizá-las de vez. Com ironia pediu a Adma para chamar a filha e perguntar-lhe se aceitava o noivado, o que era coisa inteiramente anormal. Ninguém queria saber da satisfação ou insatisfação dos noivos, se os pais concordavam com o casório.

Adma empalideceu. Pretendera, inclusive, dar uma surra em Nabira nessa mesma noite, caso ousasse rebelar-se contra suas determinações. As vizinhas respiraram fundo, vivendo um momento emocionante. Depois de falar, o velho amedrontou-se. Que humilhação se a moça lhe dissesse nas barbas e na presença de testemunhas que não se casaria com seu filho? Viveu angustiantes momentos de expectativa enquanto Adma, gelada por dentro, mas não desejando em hipótese alguma ver mais uma vez espezinhada sua autoridade materna, foi ao quarto buscar Nabira. O velho, ouvidos atentos, escutou alguns murmúrios e uma exclamação que não pôde definir se fôra de rancor ou de alegria.

Quando as duas entraram na sala, vinham pálidas, porém, contentes. Nabira num gesto muito espontâneo correu a ajoelhar-se aos pés do ancião, beijando-lhe os dedos escurecidos de fumo. Conquistou-o num momento. O velho riu com inconfundível orgulho, vendo no gesto de submissão, algo digno de acalantar sua validade. A jovem que recusara o pedido de casamento de um rico negociante de Alepo, agradecia de joelhos havê-la escolhido para o filho.

As vizinhas falaram pela primeira vez, cumprimentando desajeitadamente a noiva e os pais. Adma serviu licor de ameixa e, com os olhos rasos d'água, de alegria, foi para a cozinha fazer café.

Agora Nassim vinha tôdas as noites. Nabira e êle noivavam serenamente, afastados um do outro, ainda que em seus corações rolassem tumultos de desejo. Só numa ocasião, quando Adma cochilava sobre o "arguile", êle a havia beijado perto dos lábios carnudos e vermelhos. A jovem estremecera de prazer. As mãos de Nassim contrairam-se violentamente na ânsia de conter-se para não enlaçá-la num imenso abraço.



PROBLEMA N.º 47 — PARA NOVATOS

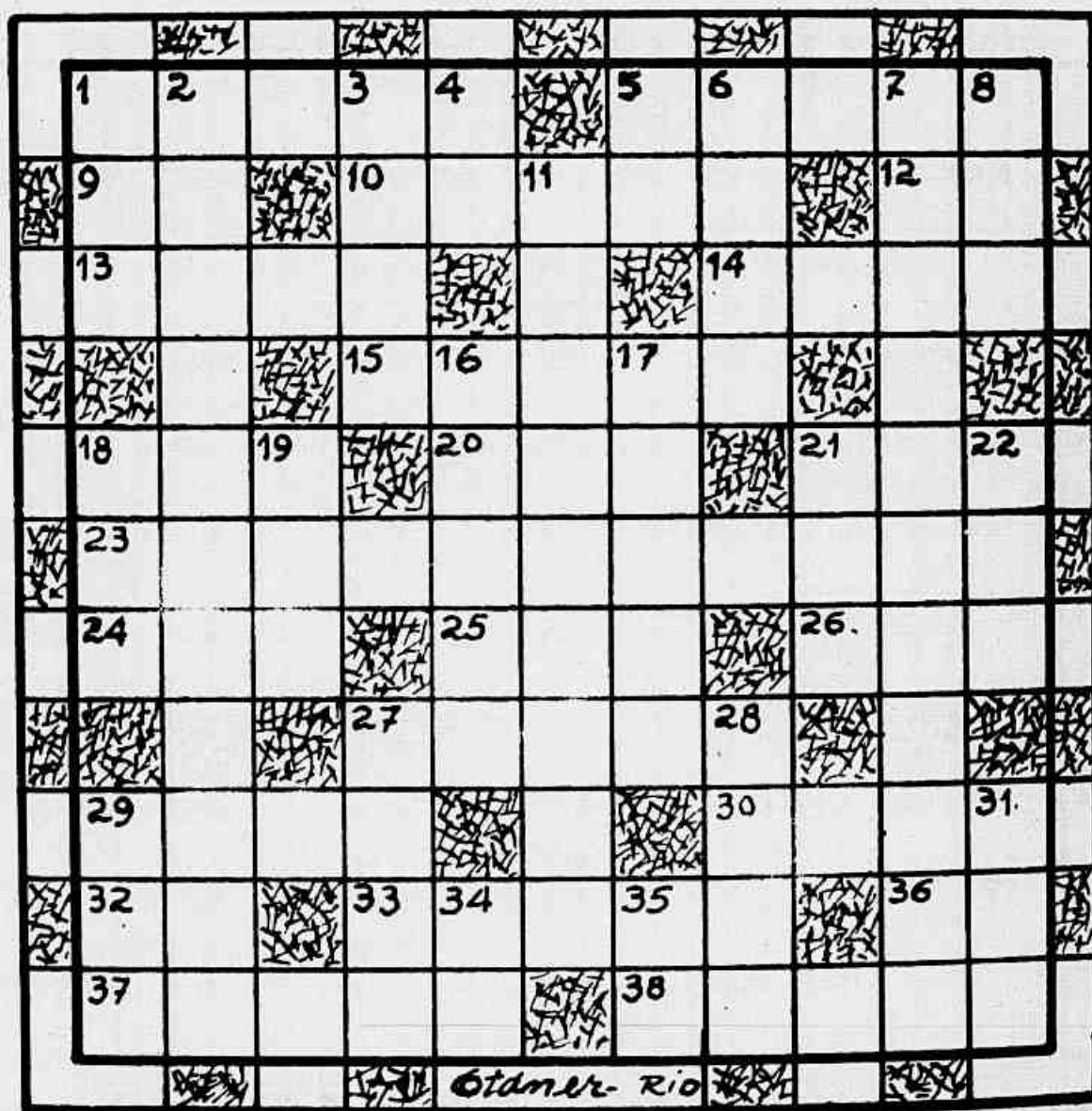
HORIZONTAIS: 1. Contrair matrimônio — 6. Ficar doente — 8. Fecha as asas para descer mais depressa — 9. Forma arcaica do artigo "o" — 11. Quatro em algarismos romanos — 12. Sorria — 13. Argola — 14. Seguiu — 16. Outra coisa — 17. Tempêro — 19. Venerava — 22. Fruto da amoreira.

VERTICAIS: 1. Quatrocentos em algarismos romanos — 2. Contração plural — 3. Poma — 4. Mau cheiro — 5. Criminosa — 6. O Novo Mundo — 7. Rebelião — 10. Estudava — 11. Raiva — 15. De preço elevado — 17. Ruído — 18. A casa — 20. Concede — 21. Siga.

PROBLEMA N.º 47 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 1. Meio — 5. Sem brio — 9. Sufixo designativo de ocupação, ofício — 10. Hipocrisia (pl.) — 12. Gás — 13. Vaidade — 14. Mulher perdida — 15. São e salvo — 18. Planta umbelífera, semelhante à cenoura — 20. Pega — 21. Moeda de prata da Índia inglesa — 23. Pôr de novo em prática — 24. Confusão — 25. Aduana — 26. Bebida nas Índias Orientais — 27. Elemento grego que exprime a idéia de putrefato — 29. Dança do Cabo Verde — 30. Mulher dissoluta — 32. Talhe — 33. Entrada — 36. Medida de comprimento na Birmânia — 37. Nome próprio feminino — 38. ídolo dos Moabitais.

VERTICAIS: 1. Tesouro público — 2. Abraja muito os olhos — 3. Pedra-ume em solução aquosa — 4. Nota musical — 5. A jarda inglesa na China — 6. Horror — 7. Título de arrendamento, em Goa — 8. Arara — 11. Dar a entender — 16. Página de livro — 17. Tirar — 18. Sapo do Amazonas — 19. Nome de mulher — 21. Relatório — 22. Lavra — 27. Sarar — 28. Perfume — 29. Assim — 31. Mordacidade — 34. Alto lá! — 35. Papagaio da Amazônia.



SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 46

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: arcaria — Ast — opa — ras — leia — leno — tamburutaca — irosa — rales — od — am — alala — rapta — gratificara — rota — arad — asa — ata — ale — secador.

VERTICAIS: átimo — co — apar — ra — arcal — alti — seareiros — ancestral — soas — absolta — itamaca — Uadal — urari — agra — aatás — parar — aade — fata — A.C. — ad.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: aramara — ras — cem — unânime — al — umes — fa — A.T. — mota — em — arumará — ima — meu — serrais.

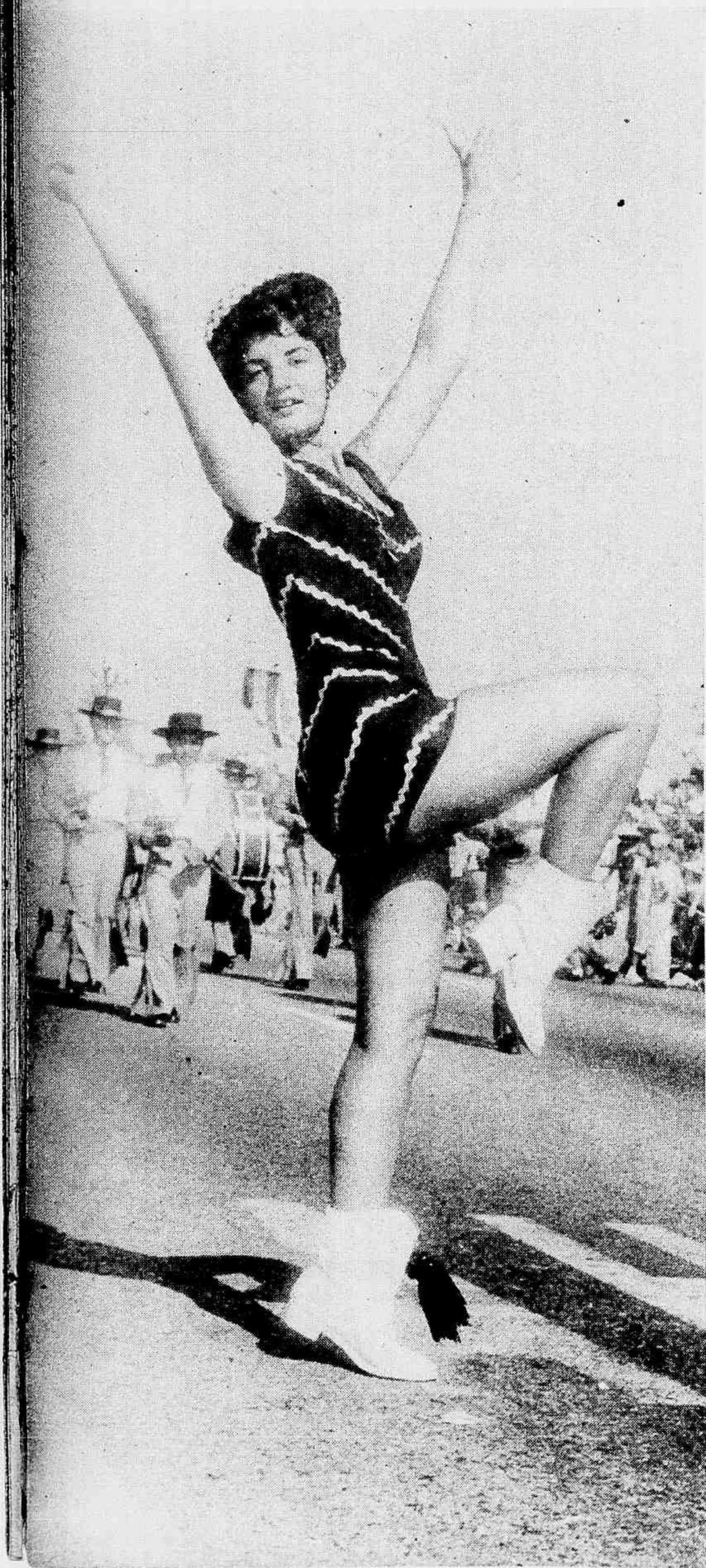
VERTICAIS: aruá — raniforme — asa — acima — remeterel — ames — nu — atuar — mais — AM — maus — ama.

A MARGEM DE UM CONCURSO DE BELEZA — I

SUA EXCELÊNCIA A BALIZA

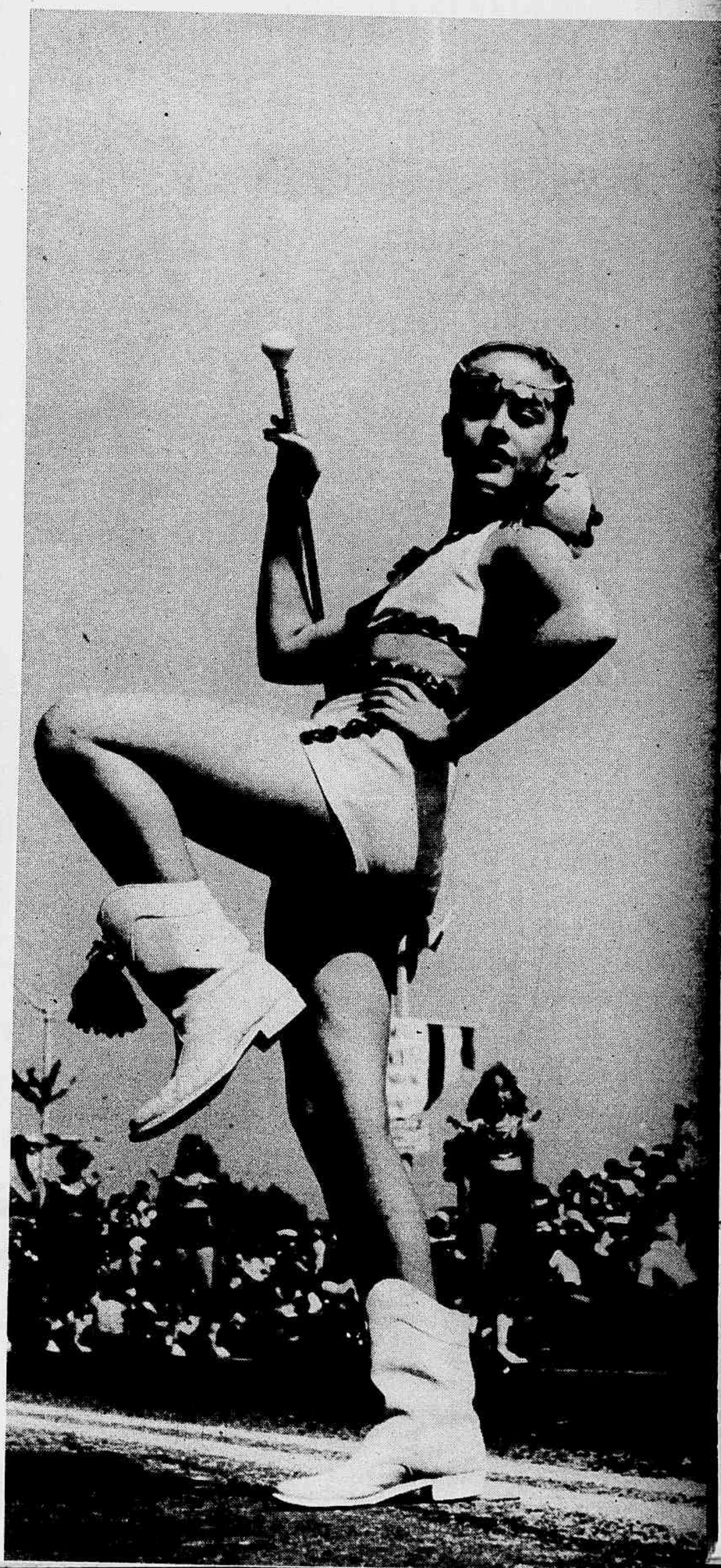


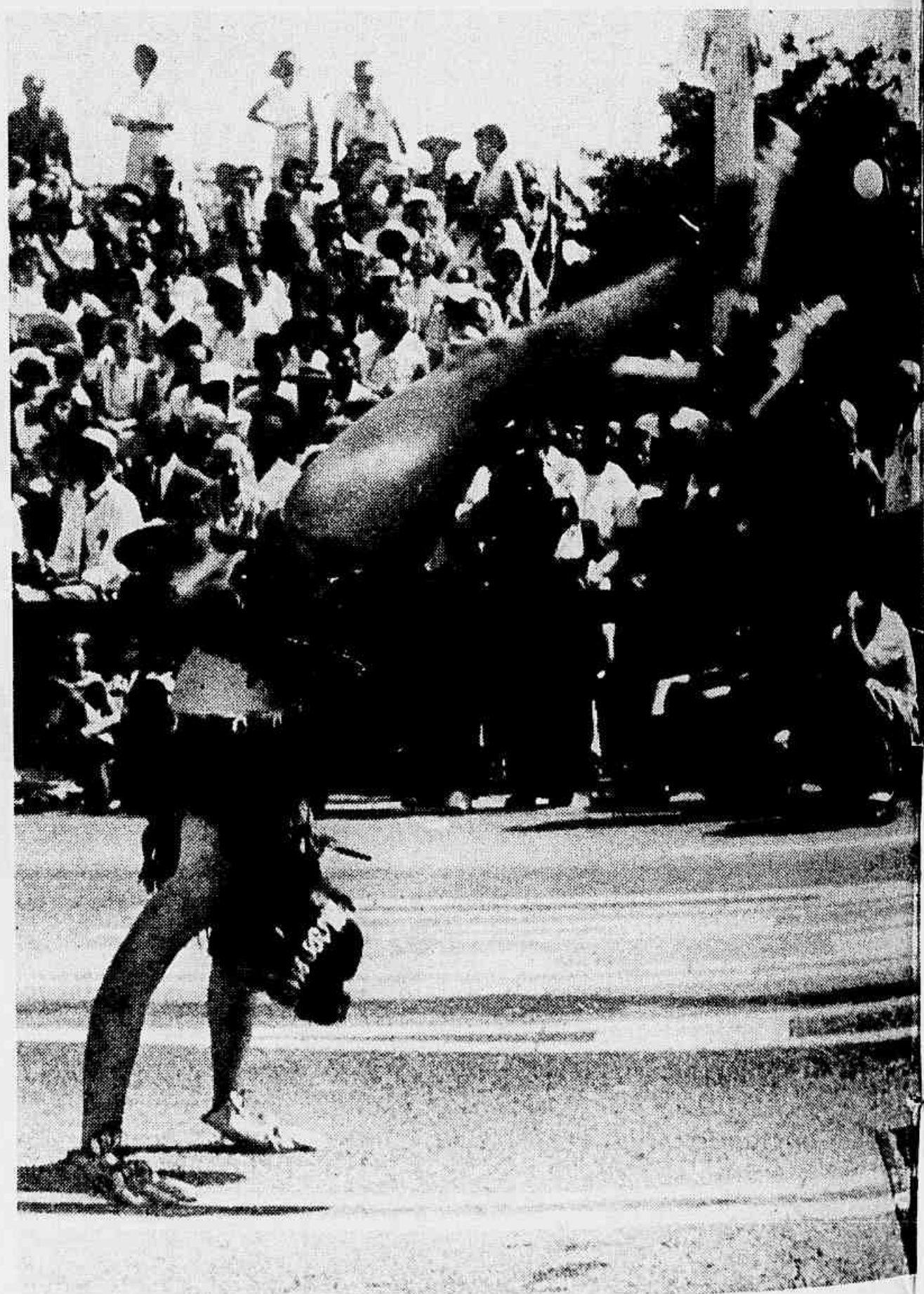
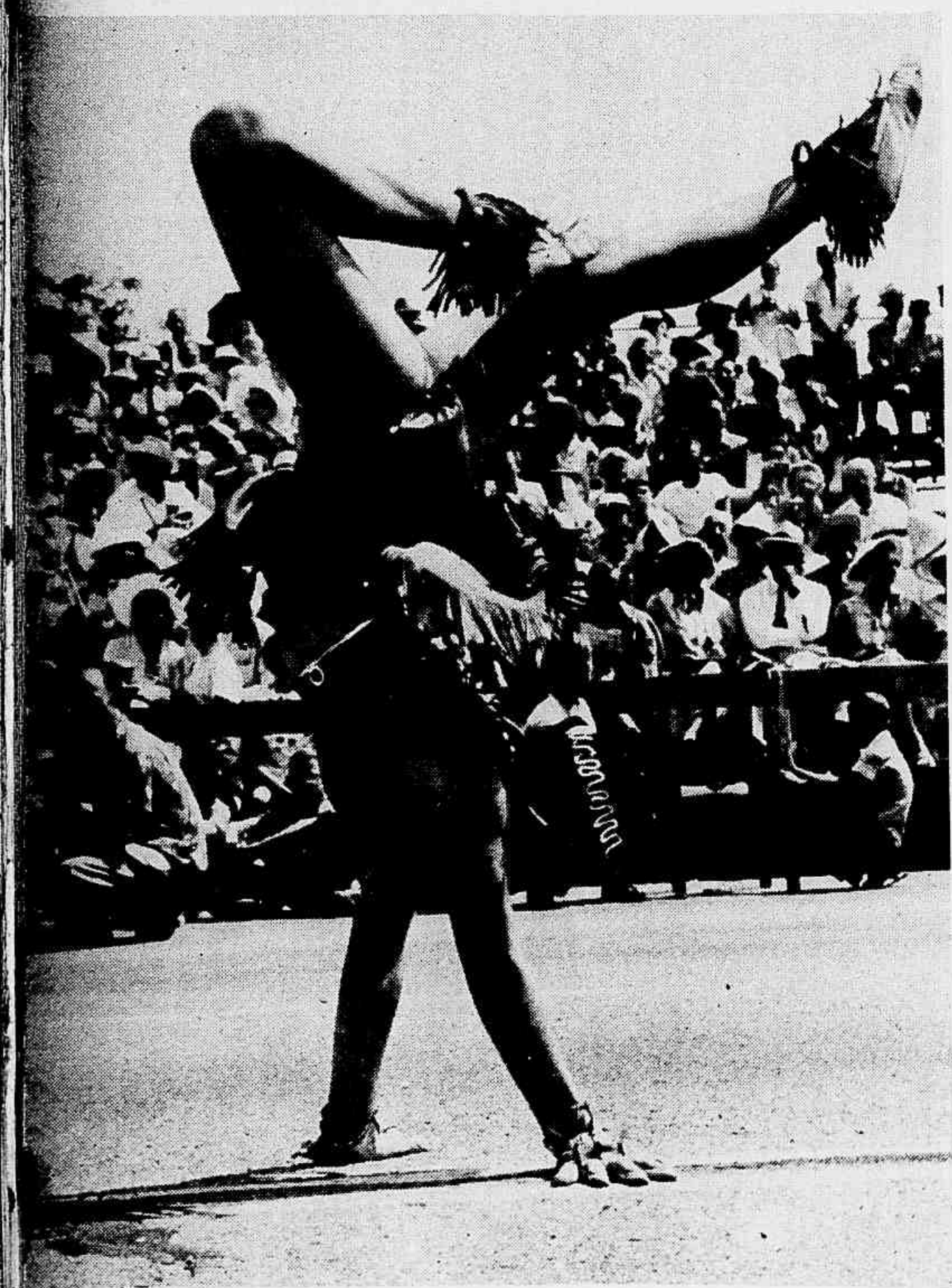
Na grande parada da beleza, em Long Beach, as balizas têm



m também o seu momento de glória.

A BALIZA, que é quase sempre uma figura de desfiles esportivos, é relativamente nova entre nós. O público brasileiro somente a veio conhecer melhor, de uns poucos anos para cá. E a Mário Filho, com os seus vitoriosos Jogos da Primavera, deve-se a iniciativa. Os nossos avós somente reconheciam por **baliza**, o homem que rodava um bastão e desfilava à frente das bandas de música, como a dos Fuzileiros Navais, hoje a **baliza** é quase que o símbolo da mocidade esportiva. Deve ser geralmente bonita, possuir corpo escultural, e ter principalmente, juntas de borracha. Porque a **baliza** é uma espécie de malabarista ou bailarina de ballet, com a diferença que só se apresenta no asfalto, ou nos campos de esportes.





O Brasil já possui grandes balizas: Roselee Tôrres (na foto) e Sônia Estrêla. Faltam apenas os desfiles à altura delas.

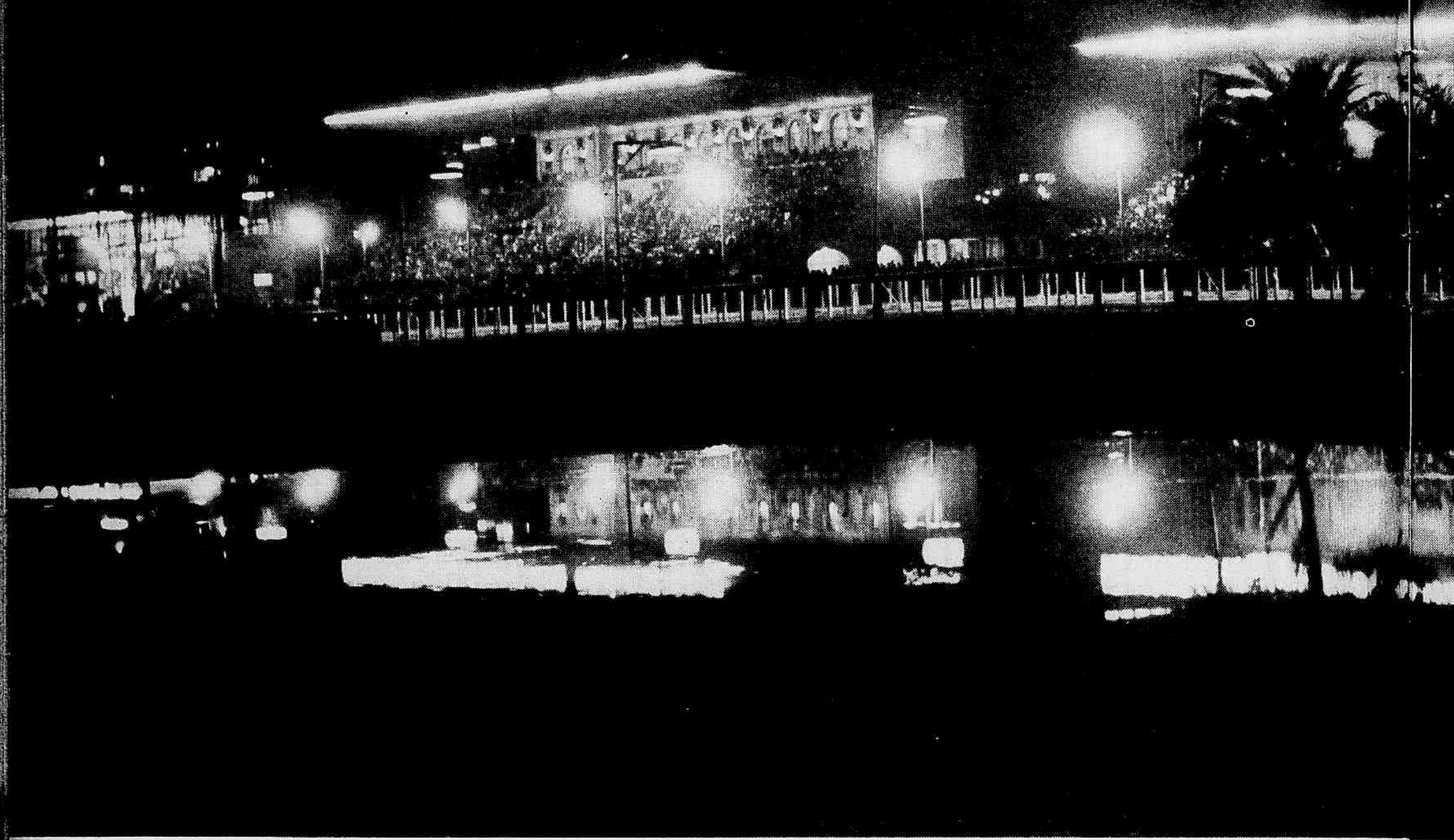


Nos Estados Unidos, não se compreende um desfile, qualquer que seja, sem dezenas de bandas de música, apresentadas com uniformes multicores. E muito menos sem **balizas**, de saínhas curtas e botas compridas. O concurso de Miss Universo, que todos os anos (no mês de julho) realiza-se em Long Beach, não foge a essa regra. E na chamada "grande parada da beleza" (onde as misses desfilam em carrinhos, empurrados por marinheiros), temos a apresentação de uma equipe de motociclistas malucos, de não menos loucos lambretistas, dos xerifes da Califórnia, com os seus cavalos, mas também das bandas coloridas, com as suas graciosas **balizas**. E muitas vêzes, para não dizer sempre, os fotógrafos gastam rolos e rolos de filmes com elas, esquecendo que as misses deveriam ser a principal atração do desfile. O que não é nada injusto, pois muitas **balizas** são mais lindas que as concorrentes...

As **balizas** de Long Beach fazem o que alguns "extras" conseguem, em filmes de cinema: roubam, para si, a principal atenção do público. E então os astros e estrêlas (no caso, as misses), passam para um segundo plano.

A parada de Miss "U", que é sempre realizada em um domingo à tarde, prima pelo bom-gôsto na apresentação das **balizas**. Mas êste ano, a escolha deve ter sido mais rigorosa, ou as garôtas estão ficando cada vez mais bonitas. Ou, então, juntaram-se as duas coisas. Porque o que se viu, foi o público vibrar quando elas passavam, como se ali estivessem também, para julgar a "Miss Baliza 1958".

O Brasil já possui também as suas grandes **balizas**. E quando tivermos concursos, nos moldes de Long Beach, lá estarão certamente, uma Sônia Estrêla, ou uma Roselee Tôrres Viana. Pois ambas são **balizas** de classe internacional. E de beleza também.



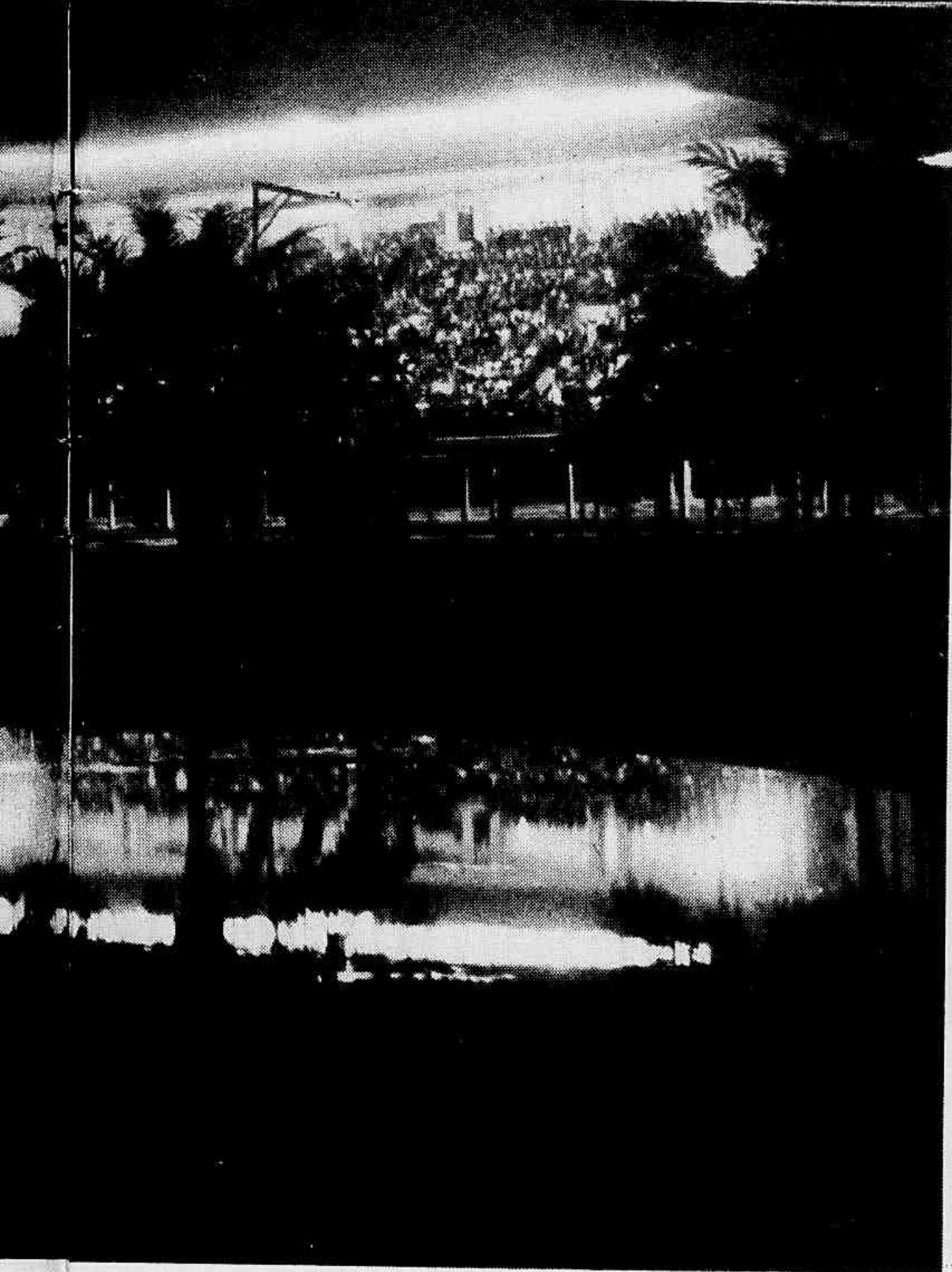
UMA NOITE



Sra. e sr. Mário de Azevedo Ribeiro em companhia da sra. e sr. Irizarri e dos srs. gen. Floriano de Lima Brayner e Horacio Rustillo.



O casal Celmar Padilha ladeando o sr. Castro Madero.



O sr. Francisco Eduardo de Paula Machado com as sras. Condessa de Noialles e João Saavedra.



O sr. Adayr Eiras de Araújo com a sra. Marcelio Lewi e sr. Horácio Ranieri.



Um grupo com a sra. Castro Madero, ministro Trompowsky, sra e sr. Fábio Bey e outros.



Em animada palestra o Conde e a Condessa de Noialles, os srs. Fábio Prado e José Serquinho Assumpção.

E NA GÁVEA

EM UMA NOITE tão limpa e pura como a tarde do Grande Prêmio Brasil 1958, a Gávea reviveu o sucesso do Sweepstake. Corrida noturna em homenagem às delegações nacionais e estrangeiras que vieram assistir à já famosa carreira internacional. Um espetáculo muito bonito, cheio de luzes e animação, grande público e outro desfile de modas. Novamente os vestidos "saco", "trapézio", "colher", "balão" e designações *soi-disant* tomaram conta da festa, principalmente nos salões do hipódromo onde, ao mesmo tempo, se realizava elegante reunião ao som de orquestras e com Julie Wilson cantando coisas lindas. Lá fora, na pista iluminada, as carreiras eletrizavam os aficionados, que levaram às casas de apostas quase 45 milhões. Ao fim das provas, os céus também se iluminaram, num "show" pirctécnico de muito gosto e arte, que foi longe. Uma reunião noturna que foi um sucesso esportivo, social e artístico, com a qual o Jockey Club Brasileiro encerrou a semana da maior festa do turfe nacional. Inspirada nas famosas Nuits de Longchamp, a nossa noite de gala na Gávea vem alcançando, de ano para ano, êxito crescente. E para maior brilho das competições, já cuida a sociedade carreirista de modificar a iluminação das pistas, dotando-as com o que há de mais moderno. Um passo acertado, que fará das noites da Gávea um ponto de reunião dos mais belos do Rio. — A.M.

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380.00 — Casal Cr\$ 520.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João. 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. „PRINCIPEHOTEL“



APRENDA A DANÇAR



CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHORO
VALSA
FOX

em apenas 10 dias,
pelo moderno método do
Prof. Gino Fornaciari, autor
do livro «Como Aprender a
Dançar», já em 9ª Edição,
melhorada, contendo 140 grá-
ficos, que permite a V. S.
aprender em seu domicílio,
sem professor. Faça seu pe-
dido, pelo Reembolso, à Cai-
xa Postal, 649 — São Paulo.
Cr\$ 120.00. — Encontra-se
também à venda em todas as
livrarias do Rio e de São
Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso espe-
cializado de Aulas Particula-
res, diariamente, das 9 hs.
às 22 hs. à Avenida Liberdade,
120 — 2º andar — conj.
8 — São Paulo.

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou
sem firmeza, use BEL-HORMON nº 1
e quando for, ao contrário, demasia-
damente volumoso, use BEL-HORMON
nº 2. BEL-HORMON, à base de hor-
mônios, é um preparado modernís-
simo, eficiente, de aplicação local e
resultados imediatos. Adquirir-o nas
farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Pi-
nheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso
Postal um vidro de «BEL-HORMON»
Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO
Por Vale Postal Cr\$ 150.00

LEIAM

EU SEI TUDO

Cr\$ 15,00

“Mil” lhe oferece:



BUZINAS Sonoras
TIMPANOS Bim-Bam
ELETRICAS-AVACUM-A AR
Colocação imediata



Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6144 RIO DE JANEIRO

PUXE PELO CÉREBRO



3 — O Marquês de Abrantes se
chamava :

- Miguel Calmon du Pin e Almeida ?
- Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro ?
- Agostinho Marques Perdigão Malheiros ?

4 — O “Magnificat” é um cân-
tico de alegrias feito por :

- Salomão ?
- Virgem Maria ?
- O rei David ?

1 — O Palácio do Catete, como
sede da Presidência da Re-
pública, foi inaugurado a
24 de fevereiro de 1897 por :

- Campos Sales ?
- Manuel Vitorino ?
- Prudente de Moraes ?

2 — De quem são estes famosos
versos :

“Quem passou pela vida em
[branca nuvem,
E em plácido repouso ador-
[meceu,
Quem não sentiu o frio da
[desgraça,
Quem passou pela vida e
[não sofreu,
Foi espectro de homem, não
[foi homem,
Passou pela vida — não
[viveu.”

- Olavo Bilac ?
- Fagundes Farel ?
- Francisco Otaviano ?

5 — QUINQUIÓ significa :

- Arvore frondosa da fa-
mília das Olacáceas ?
- Bebida japonesa ?
- Tipo de habitação es-
quimó ?

6 — O nome completo de Ma-
chado de Assis é :

- José Maria Machado de Assis ?
- Joaquim Maria Machado de Assis ?
- João Maria Ribeiro Ma-
chado de Assis ?

7 — O Túnel Coelho Cintra
(Túnel Novo), no Rio, foi
inaugurado em :

- 1906 ?
- 1922 ?
- 1938 ?



8 — Carlota Joaquina, mulher
de D. João VI, era primeira
filha do rei de Espanha :

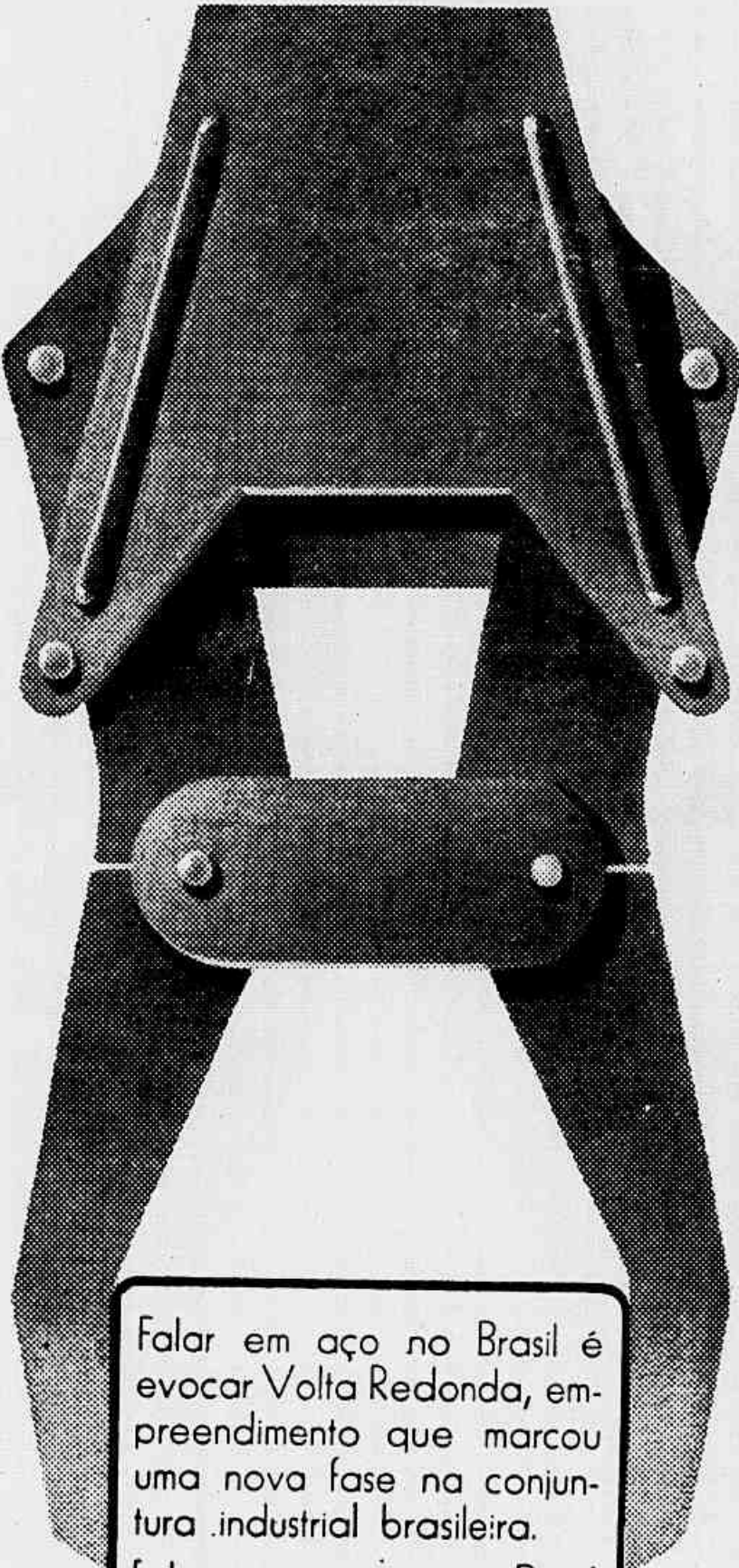
- Carlos IV ?
- Carlos V ?
- Felipe II ?



9 — Marlene Dietrich não tra-
balhou em :

- O Anjo ?
- O Anjo Azul ?
- Casei-me com um anjo ?

1) Manuel Vitorino, presidente interino, na ausência de Pru-
dente de Moraes; 2) Francisco Otaviano; 3) Miguel Calmon du Pin
e Almeida; 4) Virgem Maria; 5) Arvore frondosa da família das
Olacáceas; 6) Joaquim Maria Machado de Assis; 7) 1906; 8) Car-
los IV; 9) “Casei-me com um anjo”, filme estrelado por Jeanette
Mac Donald.



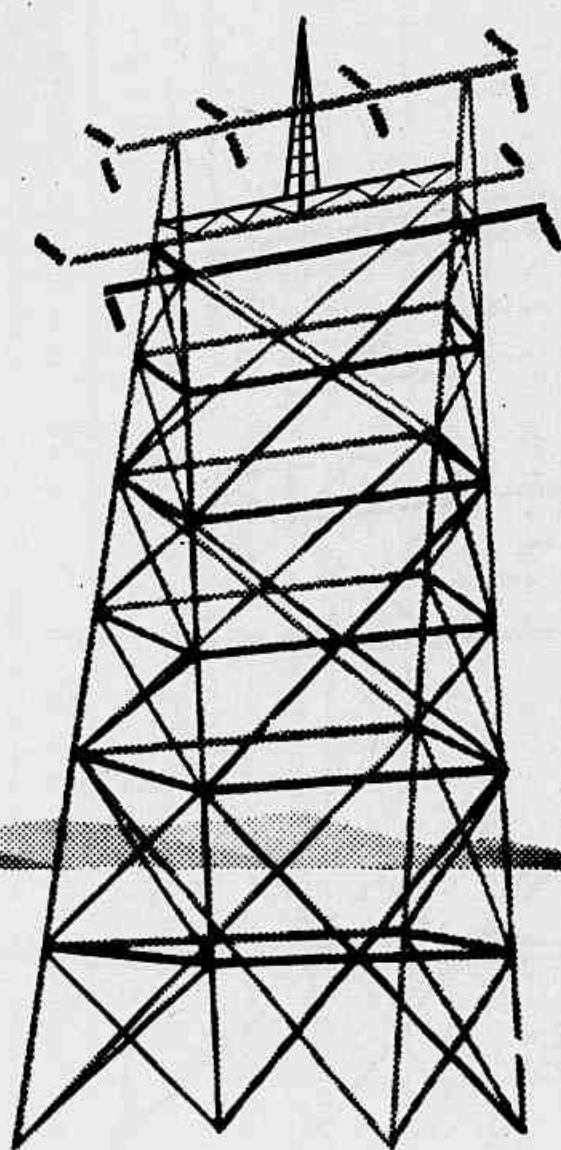
AÇO

E ENERGIA

Falar em aço no Brasil é evocar Volta Redonda, empreendimento que marcou uma nova fase na conjuntura industrial brasileira.

Falar em energia no Brasil é evocar a usina pioneira de Parnaíba, obra de arrôjo técnico e econômico na época, marco inicial da grande industrialização de São Paulo.

Aço e energia elétrica concorreram para a instalação, na região Rio-S. Paulo, do maior e mais complexo parque industrial da América Latina, que já se destaca entre os grandes do mundo.



A SERVIÇO DO PROGRESSO INDUSTRIAL DO BRASIL



DESDE MENINA, Violet Pretty (nascida em Birmingham, em dezembro de 1932) tinha uma idéia na cabeça: ser atriz. E o primeiro passo que deu para isso, foi arranjar emprego no cinema de sua cidade natal, com a idéia de "ir aprendendo alguma coisa"... até o dia em que, dona de grande beleza, ganhou o primeiro lugar no concurso para a eleição de Miss Birmingham — a que concorrera depois de vencer a oposição da família. Tal vitória foi a primeira de uma série, pois Violet conseguiu também o título de Miss Personalidade (de Midlands) e, em 1950, Rainha da Beleza Britânica (em Malla)... Seus retratos espalharam-se pelas mais variadas publicações de toda a Londres, e foi a essa altura que o produtor da "Rank" — Carrol Lewis — a conheceu.

Uma manhã, Violet Pretty subiu a um carro que devia conduzi-la aos estúdios de Pinewood, da Rank, para um encontro com um figurão da empresa, informado de sua beleza. Tudo levava a crer que seria obtido um contrato para aparecer, embora ligeiramente, num filme ali em rodagem. Mas esse trajeto para

Assassinato

de mentira

revelou

Anne Heywood

A CAPA





Pinewood não foi um trajeto comum: durante todo êle, Violet passou a rememorar o seu passado, e a fazer planos para o futuro. Sabia-se bastante conhecida e, principalmente, muito admirada pelas medidas magníficas de seu corpo (busto, 89, cintura 58, cadeiras 90), pela bela cor dos cabelos e dos olhos verdes, bem como pelo seu andar coleante. Tudo isto era ótimo, mas de repente se apresentava com um inconveniente: quem levaria a sério, como atriz, aquela garôta que já fôra Miss tantas vezes e, como tal, vista e revista em diminutos trajes, e atitudes um tanto quanto comprometedoras? E ela disse para si mesma:

— Recomeçarei de novo. Tudo de novo.

E decidiu-se a "matar" Violet Pretty.

Na verdade, quando desceu do auto, Miss Pretty estava "morta", "assassinada". O que apareceu nos estúdios de Pinewood foi uma jovem totalmente diversa, psicologicamente distinta. E não se chamava mais Violet Pretty, e sim — Anne Heywood — o nome de sua mãe, já falecida.

Seu passado de Miss ficou definitivamente para trás. E, como Anne Heywood, fez sua primeira apresentação diante das câmaras, numa pequena ponta em "Sangue no Asfalto" — e num papel maior em "Na Rota do Inferno" e, logo depois, em "Animo, Doutor".

Hoje, no firme caminho para o estrelato, Anne já quase esqueceu aqueles primitivos tempos em que, como Violet Pretty, aparecia nas páginas das revistas, que eram recortadas e coladas nas paredes dos dormitórios dos quartéis, em fotos insinuantes. E não tem, principalmente, nenhum remorso de seu crime.

Sua carreira prossegue, numa ascensão. E seu último filme para a Rank — "Seduzidos pela Maldade" — é já um trabalho de peso. Nessa película, onde contracena com Stanley Baker e Peter Cushing, tem Anne pela primeira vez uma grande oportunidade, além de exibição de seu ondulante físico. E a crítica afirmou que Anne em seu difícil papel dramático conseguiu ofuscar seus fortes concorrentes.

BANDEIRA, POESIA EM GRANDE GALA



Bandeira

MANUEL BANDEIRA é, com Carlos Drummond de Andrade, o primeiro poeta do Brasil. Seu nome é um símbolo, sua obra, uma realidade concreta, dotada de todas as qualidades capazes de a tornar imorredoura. Desde "A Cinza das Horas", editada em 1917, até "A Estrêla da Tarde" (que reúne seus poemas escritos em 1957), longa e variada é a trajetória seguida pelo poeta; trajetória que não é uma linha reta, pois sofreu aqui e ali alguns desvios, logo corrigidos. O arabesco assim formado é todavia belo, e tem a peculiaridade de evitar a monotonia da linha reta. Começada num ponto dado de nossa evolução poética — os versos que compõem "A Cinza das Horas" são neo-simbolistas, alguns denotam uma origem parnasiana —, torna-se tal linha uma convulsão, com "O Ritmo Dissoluto" e "Libertinagem", retorna à placidez anterior com "Estrêla da Manhã", com "Lira dos Cinquent'anos" atinge sua mais sóbria expressão. Os outros livros só fazem confirmar essa sobriedade, essa serenidade. Mas, quando já o destino poético de Bandeira parecia esboçado, e sua obra elaborada dentro de determinadas características, eis que nova vereda lobrica êle — a do concretismo poético —, caminho ainda por desbravar, por isso tanto o seduzindo. Porque é de Bandeira êsse contínuo desvirginar de caminhos poéticos. Não sabemos de outro caso, em nossas letras, de alguém que se sentisse assim impelido para o novo, para o ainda não trilhado — não pelo caráter de novidade que essas coisas possuem, porém pelas possibilidades insuspeitadas de expressão e de comunicabilidade que trazem consigo.

Que outros — os iniciados — digam do concretismo de Bandeira se é ou não autêntico: basta-nos nêle descobrir um sintoma psicológico, não uma realidade artística. Para nós é um documento da alma do poeta em seu comportamento, não em sua elaboração estética. Manuel Bandeira — e é até inútil afirmá-lo — não é um concretista; não é também um modernista, nem um simbolista, nem coisa alguma que não um grande e verdadeiro poeta. Passam todos os ismos com a rapidez de minutos, e nesse desfile de rótulos e etiquetas, só os poetas ficam. Melhor: só fica — como queria Hoelderlin — o que os poetas criam; os verdadeiros e sempre raros poetas.

Agora, uma pergunta: que teria sido da obra poética de Bandeira, se a doença tivesse levado a melhor em sua fase crítica, se se resumisse aquela obra nos versos compostos antes de outubro de 1914? Não teria, de certo, a retumbância que hoje possui; mas assim mesmo, teria sido notada e continuaria digna de todos os encômios. Porque Manuel Bandeira já em "A Cinza das Horas" fizera obra de um legítimo poeta, obra de alguém a quem se abriam em verso, e verso bom, verso-poesia, as portas da expressão. Não sabemos se estão em "A Cinza das Horas", alguns dos mais belos instantes poéticos do escritor, ainda em seus começos, e já tão alto. E aí fica a sugestão para que um dia se estude, dentro da vasta obra do poeta pernambucano, o lugar que cabe a seus livros anteriores a "Libertinagem", por exemplo.

Poeta maior, em que pese sua grande modéstia, Bandeira não raramente gosta de brincar de poesia. Acontece, com êle, o que

em eras medievais acontecia com o sentimento religioso: o povo, de tão religioso, passava a julgar como naturais as coisas da Religião, que não raro mereciam troças e pilhérias hoje absolutamente incompreensíveis a nossos ouvidos. Bandeira, porque sua linguagem natural é a poesia, íntimo dela, por vezes pespegalhe um piparote, pancadinha de irmão que a não maltrata... Muitos de seus poemas espalhados por vários livros, os versos de circunstância de "Mafuá do Malungo", algumas brincadeiras que apareceram agora, em seu último livro "A Estrêla da Tarde" — como por exemplo a dedicada à Diretora do Museu de Arte Moderna, Dona Niomar Muniz Sodré —, tudo isso traduz essa familiaridade de Bandeira com a poesia — familiaridade tão ampla, que mesmo para um folguedo o poeta a utiliza. De resto, como afirma Alfonso Reyes em trecho usado por Bandeira como epígrafe para "Mafuá do Malungo", "quien sólo canta en do de pecho no sabe cantar"... E o que importa, em todas essas folias poéticas do grande autor de "A Estrêla da Manhã", é a humanidade de seu autor, é o seu calor de pessoa humana, aberta a todos os sentimentos.

Mas... a respeito do que todas essas considerações? Por que os lugares-comuns, eternamente repetidos quando se tem de tratar da imensa obra de Manuel Bandeira? Porque vem de ser lançado no mercado de livros uma edição de grande luxo, contendo toda a obra poética do mestre. É um volume, a que se há de seguir outro, contendo a obra de prosador, como necessitávamos, como necessitavam o admirador do poeta e o estudioso de sua obra. Contendo todos os seus livros (inclusive o até então inédito "A Estrêla da Tarde"), todas as suas traduções — e mais colaborações de toda uma extensa equipe acerca da vida e da obra de nosso grande escritor. Assim é que Sérgio Buarque de Holanda escreve "Trajetória de uma Poesia", Francisco de Assis Barbosa "Milagre de uma Vida", Paulo Mendes Campos "Reportagem Literária", Sousa Rocha "Para um Museu M.B.", Onestaldo de Pennafort "Marginália à Poética de M.B."; e ainda há notas preliminares de João Ribeiro, Alceu Amoroso Lima, Antônio Olinto, Mário de Andrade, Múcio Leão, Wilson Castelo Branco, Sérgio Milliet, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Góis e Lêdo Ivo: um selecionado de poetas, de ensaístas, de escritores de várias épocas e de um só valor, convocado para celebrar a obra e a existência de Manuel Bandeira. Depois disso, que importância terá uma estátua em Recife, que interessa que os mediocres estejam contra essa estátua que os fere em sua pequenez com a força de um raio? — Para Manuel Bandeira, dentro de cada leitor, deve existir uma estátua. E a "Poesia" que agora vem a lume, nas roupagens de grande gala que lhe emprestou o Editor José Aguilar (1), é um monumento contra o qual não há Mello que agüente...

(1) — Manuel Bandeira — "Poesia e Prosa". I — Poesia. Biblioteca Luso-Brasileira. Série Brasileira. Editora José Aguilar Ltda. Rio de Janeiro, 1958. 1236 páginas. Com ilustrações e fac-símiles.

GENTE

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT breve editará um volume de memórias, que será como que a continuação de "O Galo Branco". ★ Em setembro, comemorando o cinquentenário da morte de Machado de Assis, a "Revista do Livro" lançará um número especialmente dedicado à obra do autor de "Quincas Borba". ★ Também o Serviço de Documentação do Ministério da Viação e Obras Públicas irá celebrar esse cinquentenário lançando um livro de Magalhães Júnior sobre aquele que foi um de seus funcionários mais ilustres. ★ Estiveram no Rio vários intelectuais pernambucanos: Gilberto Freyre, Gilberto Osório de Andrade, Mauro Motta, entre outros. ★ Até fins do corrente, estará o IPASE recebendo originais de poemas e contos de funcionários públicos concorrentes aos seus prêmios anuais de literatura (vinte mil cruzeiros cada). São julgadores do Concurso de Poesia ("Jorge de Lima"): Augusto Meyer, Renato Jobim e Eduardo Portella; do Concurso de Contos ("Graciliano Ramos"): Marques Rebelo, Saldanha Coelho e Valdemar Cavalcanti. ★ Breve lançamento, em Salvador, dos "Poemas", de Lina Gadelha. Livro de estréia. ★ No último número de "Leitura", Octávio Brandão defende seu "O Nilista Machado de Assis" dos ataques daquela a que chama de "A Crítica Nilista" — encarnados na pessoa do senhor Heráclio Salles. ★ De 23 a 28 de setembro, em Porto Alegre: Primeiro Festival de Poesia, patrocinado pelo "Grupo Quixote" (Rua dos Andradas, 1005, sala 427 — Porto Alegre, RGS). ★ Breve a José Olympio lançará o livro que Luiz Santa Cruz escreveu sobre o Diabo. ★ Tasso da Silveira em Portugal, para conhecer seu admirado Correia de Oliveira, "o maior



Goeldi



Djanira

poeta do mundo". ★ Prepara Adonias Filho novo romance: "Cajango". ★ Ivan Lins, novo imortal, vencendo a seu principal oponente — Cândido Motta Filho — por 6 votos de diferença. ★ Eduardo Portella publicará pelo Ministério da Educação um vasto estudo sobre William Faulkner. ★ Breve: "O Menino João", de Santos Moraes. ★ Aldous Huxley no Rio de Janeiro. Já de regresso aos Estados Unidos John dos Passos. Virá nos próximos meses, ao que se diz, Malraux. Iniciativas do Itamarati, mediante sua Divisão Cultural. ★ Murilo Mendes regressará próximamente ao Brasil, terminada sua missão cultural no exterior.

NOTÍCIAS

LADJANE, pintora pernambucana, mudou-se para o Rio, disposta a vencer. Talvez realize em novembro uma exposição de suas obras, na Gea. *** Benjamin Silva vai expor em São Paulo, na Galeria das Fôlhas. *** Simeão Leal editará breve uma antologia de escritos do crítico de arte Rubem Navarra, falecido em 1951, ainda muito moço. *** Em setembro de 1959, dois congressos internacionais de arte serão realizados no Brasil: o de Museus, patrocinado pela UNESCO, e o Extraordinário, da Associação Internacional de Críticos de Arte — a ser levado a efeito em Brasília. *** Dois jovens artistas que também trocaram a província pelo Rio de Janeiro: Maria Estela de Pinho Campos, do Pará, e Ivan de Freitas, da Paraíba. *** Anna Letycia e Ernani de Vasconcellos não sabem como gozar o prêmio de viagem pelo país, que conquistaram no último Salão Moderno: é duro viver em terra estranha com oito mil cruzeiros mensais... *** Mário Pedrosa está no Japão, Mário Barata em França: a crítica nacional viaja mundo a fora...

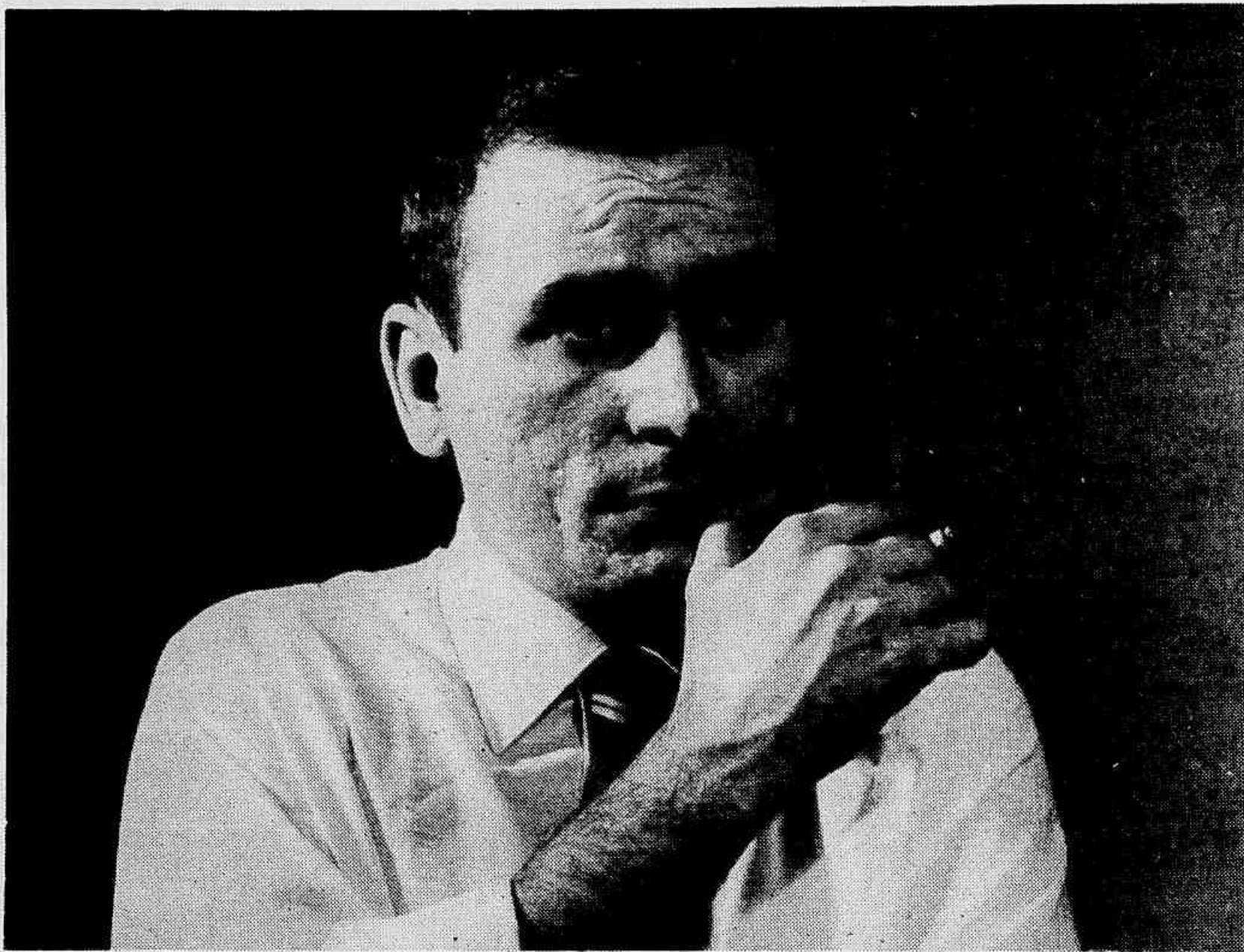
DJANIRA, GOELDI, QUAGLIA

OSWALDO GOELDI (Galeria Gea; desde 20 passado). A última exposição de Oswaldo Goeldi realizada no Rio de Janeiro teve por palco o Museu de Arte Moderna, ainda em sua sede da rua da Imprensa. Esse artista, grande como criador e grande como mestre forjador de alguns dos melhores gravadores brasileiros, é sem sombra de dúvidas o mais característico representante do Expressionismo, entre nós. Viveu na Suíça uma longa temporada, antes de se transportar para o Brasil definitivamente. E na Europa entrou em contato com os grandes artistas expressionistas germânicos, que para sempre lhe marcaram a obra. Kubin, Masereel, Kokoschka, são artistas de temperamento afim ao seu. E, sob esse aspecto, pouco brasileira sua obra — mas o que é mesmo obra brasileira, que não sabemos ao certo?... Técnica; domínio dela. Senso poético, magia da luta eterna travada entre luz e sombra. Vocabulário extenso e intensamente trabalhado. Mestre da xilogravura, Goeldi mostra-se grande como é, nessa exposição que a Gea em boa hora organizou.

DJANIRA (Museu de Arte Moderna, até fim do mês). Sobre a exposição Djanira já antes falamos: é bela, é ampla, permite estudos conclusivos a respeito dessa artista — que cria com a mesma inconsciente beleza com que uma flor desabrocha. Dissemos que Djanira é nossa mais ilustre representante do gênero chamado *ingênuo* — e houve quem protestasse. Como se se tratasse de um desafôro; como se a qualificação importasse numa dimi-

nuição; como se tal classificação contivesse uma velada intenção de lhe restringir o grande valor. Enfim...

QUAGLIA (Clube Ginástico Português, desde 15 passado). Eis a primeira mostra de Garboggini Quaglia, após a premiação no VII Salão. É um artista figurativo — e daqui já estou vendo esquivados de preconceitos pela arte figurativa a torcerem os narizes... Mas não é um bem, ou um mal, em si mesmo, o Figurativismo ou o Não-Figurativismo: bem, é um bom figurativismo — como o é um bom não-figurativismo. De resto, é um mal toda arte ruim. Ao invés de seguir a moda, prefere Quaglia seguir aquilo que é, ou pensa ele ser, sua inclinação. Não é um artista desses que leram todos os livros, hélas, missão que não é própria-mente a dos artistas visuais. É simplesmente... um visual. Pinta o que vê, como o vê. Sua arte nada possui dos cerebralismos do momento, pelo contrário se resumindo a um puro jogo visual, filtrado, é claro, pelo cérebro. Creio que esse artista ainda é passível de maior evolução: em alguns trabalhos (em todos os que constavam, por exemplo, do Salão Moderno), descubro facetas a polir. Esse artista precisa ainda *ver* — e breve poderá fazê-lo. Ver, e amadurecer dentro de si, a coisa vista. A evolução dar-se-á naturalmente. E não interessa se irá voltar da Europa ainda figurativo, não-figurativo ou o que seja, contando que volte ainda melhor do que hoje. Compete a ele traçar um caminho próprio. E a mais ninguém.



"O VALE

DE

ELECTRA"

INICIA:

PÉRICLES LEAL: Pretendemos reconduzir o teatro às suas fontes mais puras.

DIANTE DO REPÓRTER, uma peça vai se transformando em espetáculo. Os diálogos começam a tomar vida; as falas adquirem vida própria; e os atores já não são apenas criaturas simples, profissionais diante de um texto difícil, mas, sim, personagens atormentados, criaturas de um mundo sombrio e violento, vivendo numa atmosfera de passionalidade, falando como num pesadelo, febris e insatisfeitos, vivendo uma grande tragédia.

Esta é a nossa primeira impressão de um ensaio de "O Vale de Electra" (3 atos e 6 quadros) de Péricles Leal, que servirá como cartão de apresentação da nova Companhia de Teatro Contemporâneo, elenco de escol que estreará, dia 3 de outubro, no Teatro São Jorge. No elenco, nomes admirados como Sônia Oiticica, Abdias Nascimento, Munira Haddad e Herval Rossano. Na direção, firme, quase implacável, Péricles Leal, autor e "metteur-en-scène", homem de idéias avançadas e espírito revolucionário.

A NOVA COMPANHIA

Num intervalo de ensaio, ouvimos Péricles Leal enquanto êle se refaz diante de um cafêzinho fumegante.

— Que pretende com a Companhia de Teatro Contemporâneo?

— A Companhia de Teatro Contemporâneo — declara êle — pretende reconduzir o teatro às suas fontes mais puras. Nada de sofisticação, nada de mentiras, nada de convenções. Os nossos espetáculos serão uma pesquisa constante da verdade. Os nossos atores procuram o personagem em sua essência interior, nunca em sua exterioridade. Abandonamos todos os maneirismos de falar, de inflexionar, de gesticular. Tentaremos levar o personagem e a sua compreensão às últimas conseqüências. Era necessário que alguém pensasse assim. A princípio, a idéia foi minha e de Abdias Nascimento. Logo, trouxemos para o nosso lado Munira Haddad, Sônia Oiticica e Herval Rossano. Outros mais virão. O teatro está se afastando muito do povo, da realidade. Uma representa-

ção de teatro é cada dia mais um jogo puramente formal, sem qualquer contato com a vida. Os atores mais parecem bonecos, que gente viva. É contra isto que nos insurgimos.

O QUE É "O VALE DE ELECTRA"

— O que é "O Vale de Electra"?

— "O Vale de Electra" é um drama de terra. Uma tragédia, melhor dizendo. Sua ação está localizada numa fazenda do interior da Paraíba. Vali-me do mito grego porque há uma grande similitude entre a antiguidade grega e o nordeste brasileiro: o mesmo clima passional, a mesma grandeza trágica das suas pessoas. Transpor o mito de Electra não é novidade. Pelo menos quinze autores já o tomaram para si, desde Ésquilo. Depende da maneira como cada um o faça e da sua mensagem.

— Por que resolveu você mesmo dirigir a peça?

— A resposta à sua pergunta está contida na minha maneira própria de ver o espetáculo, a realização teatral.

— Acredita no êxito de "O Vale de Electra" e nessa nova maneira de ver a realização teatral?

— Só penso no êxito de uma forma: uma peça de sucesso é uma peça vista por muita gente. E isto é o que nos interessa: ser vistos. Discutidos, combatidos, vaiados, mas vistos. Mas não quero que pensem que busco o êxito pelo escândalo, à maneira dêsse grande autor que é Nelson Rodrigues, mas que tira toda a seriedade de sua obra pelo afã de escandalizar. Não. "O Vale de Electra" é uma obra séria. A Companhia de Teatro Contemporâneo é uma obra séria. Estamos pensando estar trilhando um caminho novo.

— Um caminho certo...?

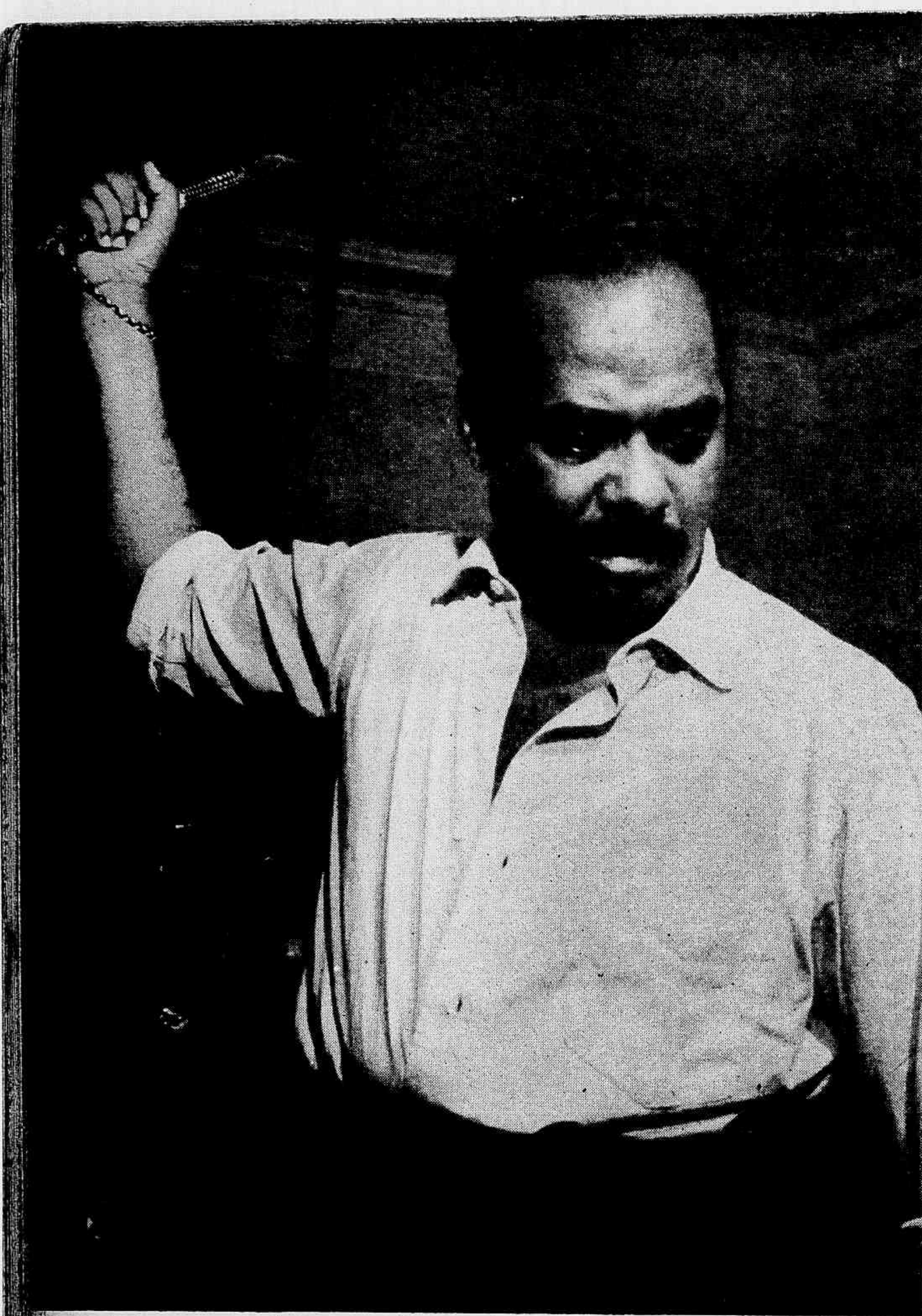
— Isto só o tempo o dirá. Sabemos apenas que os caminhos percorridos por outros não nos interessam. Queremos achar nossas próprias soluções.

GUERRA DECLARADA AO



Lídia (Sônia Oiticica) é a mulher que acima de tudo ama. Pelo amor ela sacrifica o marido. Eis o instante da trágica decisão.

TEATRO CONVENCIONAL



O chicote é o símbolo de Adolfo (Abdias do Nascimento). Ele se torna amante de Lúcia e quase se apropria da fazenda.

Depois de longa ausência no mar, Frederico (Sônia Oiticica) o acaricia como se ainda

Lorca ("Mariana Pineda")

e O'Neil ("Estranho Interlúdio")

nas cogitações da

nova Companhia.

OS PERSONAGENS — OS INTÉRPRETES

- E sobre os personagens?
- Preferiria que visse a peça.
- Como não é possível...

— É verdade. Apesar de estarmos ensaiando há quase um mês, é ainda cedo para que veja os personagens. Por enquanto, ainda são apenas atores à procura dos seus personagens. Talvez já se tenham identificado com seu ritmo exterior. O interior, ainda não. Mas encontrarão. E fá-lo-ão de toda a verdade.

Em seguida, Péricles Leal fala do seu elenco: Sônia Oiticica viverá a apaixonada e vibrátil Lúcia (Clitemestra); Munira Haddad, jovem atriz de tanto talento, terá a responsabilidade imensa do papel principal da peça: o de Ismênia, a fria e implacável Electra; Abdias Nascimento viverá o feitor Adolfo (Egisto), que se torna amante da senhora para se apossar de suas terras; e Herval Rossano, com seu rosto trágico e sua sensibilidade à flor da pele, será Frederico (Orestes), homem que vem do mar para servir de instrumento à vingança arquitetada pela sua irmã.



(Herval Rossano) volta à fazenda. Lídia fôsse o antigo menino.



Electra (Munira Haddad) é a vingadora da morte do pai. Para isso arma o braço do seu irmão Frederico.

A REALIZAÇÃO

— Para a realização de “O Vale de Electra” — prossegue Péricles Leal — não tenho poupado esforços. Jogo tôda a minha vida na Companhia de Teatro Contemporâneo. Para fazer os cenários, chamei Miguel Hochmann, que estuda, neste momento, os problemas que oferecem o Teatro São Jorge. A música da peça...

— A música?

— Sim. A música tem uma importância imensa no desenrolar da peça. É ela quem sublinha, encaminha a ação. Para êste papel tão importante, convidei um jovem ator, compositor e regente de São Paulo, Erlon Chaves que, neste momento, já deve estar empenhado em sua tarefa. Confio muito no trabalho dêsse jovem, inquieto e insatisfeito Erlon Chaves. Será, também, sua estréia no Rio neste setor.

OUTROS PLANOS DA COMPANHIA

— Depois de “O Vale de Electra”, que pretende montar?

— A segunda peça da temporada de abertura da Companhia de Teatro Contemporâneo será entregue à direção de Abdias Nascimento, meu aliado nesta “operação teatral”. Será, possivelmente, “Mariana Pineda”, de Lorca, numa adaptação e tradução livre que estou fazendo, em prosa.

— Quem será “Mariana Pineda”?

— Sônia Oiticica.

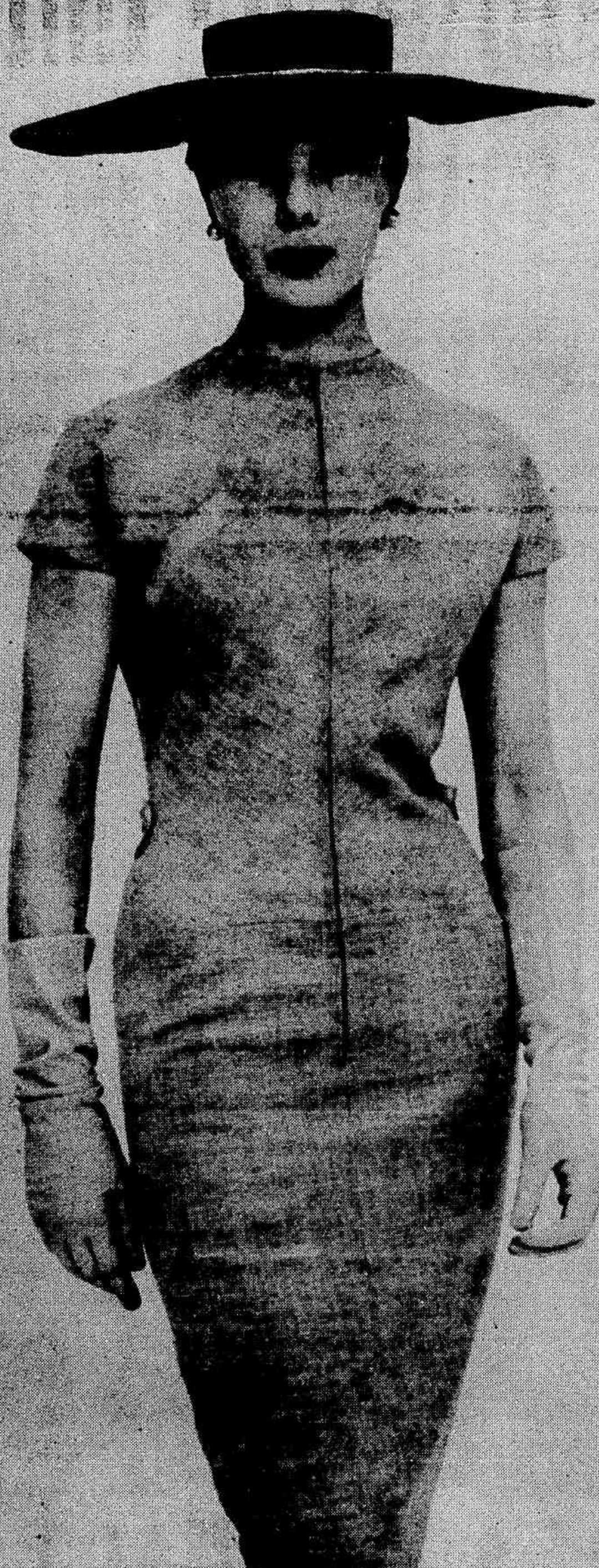
— E depois...?

— Depois? — Péricles Leal reluta, mas termina — depois, no próximo ano, na segunda temporada, pretendo montar “Estranho Interlúdio”, de O'Neill, texto integral, sem tirar uma vírgula. Também para a temporada do ano que vem mostraremos minha nova peça: “A Estrada de Carmen”, cujos esboços já comecei.

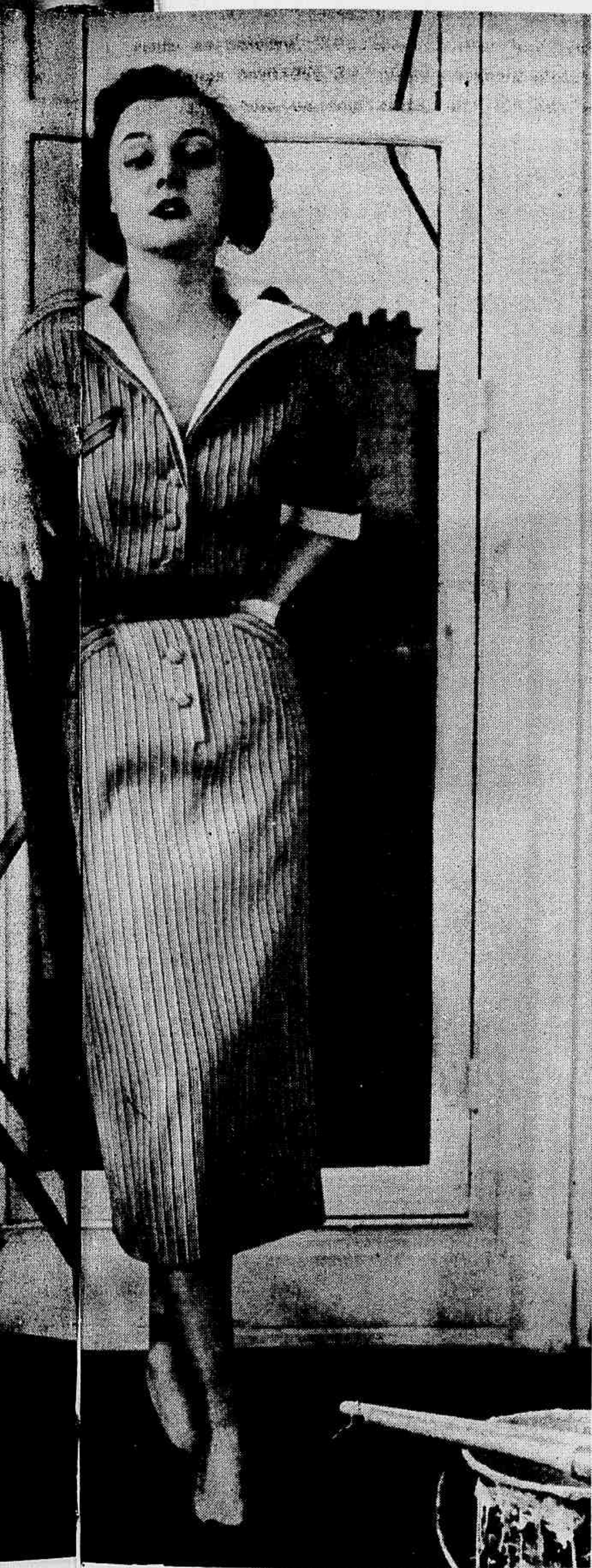
— Que é “A Estrada de Carmen”?

— Ainda não posso lhe dizer. Escreverei a peça durante minha estada na Europa, aonde irei em janeiro, depois da temporada. Está madura dentro de mim mesmo. Preciso somente tempo e distância do meu panorama para escrevê-la.

FEMININAS



SIMPLICIDADE E ELEGÂNCIA



3

1 — Griffe — Vestido princesa com mangas curtas, dois botões em diagonal no alto do busto, cinto martingala com botão, decote no pescoço. Elegante e muito "habillé"; 2 — Maggy Rouff — flanela listrada cinza, branca e preta, mangas compridas e mangas bordadas de "piqué" branco, cinto de couro de vernal preto. 3 — Demis — em flanela bege, original entalada, pode ser usada com ou sem cinto, saia plissada em toda a volta. Decote em "V".

Embeleze o rosto



A BÔCA

— Quem tiver a boca um pouco grande deve evitar pintar os lábios nos cantos, insistir mais com o baton no centro.

— Boca demasiado pequena: convém usar, nos contornos dos lábios, baton de cor mais acentuada do que para o centro e ultrapassar, um pouco, o contorno natural. Ao contrário do caso precedente, pintar os cantos da boca.

— Se tiver um dos lábios mais forte: restabelecer o equilíbrio pintando o lábio mais forte um pouco aquém do contorno natural e o lábio mais fino um pouco além do contorno natural.

— Se tiver um lábio muito mais fino, aconselhamos restabelecer equilíbrio ao passar o baton, de preferência, modificando o lábio inferior.

Para certos defeitos mais graves, de nascença, a cirurgia estética consegue certos resultados satisfatórios.

AS ORELHAS

— Pequenos defeitos como orelhas demasiado pontudas: convém usar pó de arroz ou base bem claros nas pontas. A curva da orelha demasiado forte: usar pó de arroz ou "rouge", quase vermelho na parte superior e na inferior uma maquilagem bem clara.

— Orelhas muito afastadas da cabeça: nos casos simples, tanto para crianças como adultos, usar à noite boina especial para prender as orelhas.

O QUEIXO

— Queixo muito proeminente ou curto: passar creme de base mais escuro do que no rosto e em "dégradé" na altura dos maxilares. No pescoço, usar pó de arroz mais claro.

— Para queixo muito forte, convém fazer massagens num movimento para cima: cultura física do pescoço e procurar manter um porte impecável. Para casos mais graves, massagens elétricas.

OS DENTES

— Para dentes amarelos ou manchados: convém mandar tirar o tártaro pelo dentista e limpá-lo cuidadosamente. É quase indolor.

— Dentes mal implantados: para as crianças existem aparelhos especiais para endireitá-los, aparelhos que devem ser apropriados para cada caso individual e ajustados de acordo com os defeitos.

— Uma cavidade nunca deve ser conservada por muito tempo. É necessária a colocação de um dente "pivot", pois o vácuo entre dois dentes muito prejudica os dentes vizinhos. Existem, agora, dentes de "pivot" em porcelana, matéria plástica, tudo muito leve.

— O máximo cuidado é indispensável com os dentes cariados; as obturações, coroas, são agora realizadas por diversos sistemas e, uma vez aplicadas, absolutamente invisíveis.

Não há desculpa perdoável ao se tratar dos dentes, sobretudo no que se refere às mulheres.

AS PENUGENS

— Penugem pouco acentuada: pode simplesmente ser descolorada com água oxigenada 20 volumes. — Muito acentuada, pode ser suprimida por meio de depilação elétrica.

A FORMA DO ROSTO

— Forma de rosto estreita: retoque de "rouge", indo das faces, em "dégradé", até as fontes.

— Demasiado largo: retoque de "rouge", descendo das bochechas até quase o nariz, sempre em "dégradé".

— Rosto sem relêvo: o "rouge" deve ser espalhado por toda a bochecha.

— Bochechas por demais salientes: atenuá-las, usando um pouco de "rouge", sempre em "dégradé", por baixo delas.

A CÚTIS

— Ligeiras manchas: usar creme de base de um tom mais escuro do que a cor da cutis.

— Sardas: as gotas de orvalho que se encontram, pela manhã, nas folhas são excelentes para compressas.

Pode-se, também, duas vezes por semana, passar água oxigenada a 20 volumes sobre as sardas. Convém, porém, usar depois um creme nutritivo, efetuando ligeira massagem a fim de evitar que a cutis resseque.

— Contra as rugas: os casos mais graves dependem de operações estéticas, tratamentos especiais realizados por peritos. Para os casos mais simples: usar bastante creme nutritivo; ao andar no sol, usar óculos escuros; repousar, com frequência, por alguns minutos, diariamente.

A "REVISTA" HÁ 50 ANOS

Domingo, 23 de agosto de 1908

É AINDA A EXPOSIÇÃO NACIONAL o assunto dominante neste número da "Revista da Semana". Na primeira página, F. Mendes Jr. começa por fazer uma séria observação a respeito do carioca que, depois de comparecer em massa à inauguração da Feira, lá não tornou a voltar. E fala na tristeza da população que não encontrou, no recinto da Exposição armada na Praia Vermelha, bastante motivo para nova visita.

"É que o Rio está em sua fase de tristeza. O mortal que se aventurar pelas paragens da antiga Escola Militar em um dia de semana, mesmo à noite, principalmente à noite, em busca de sensações alegres, de um passatempo divertido, de um pouco de animação, tem uma das suas maiores desilusões e se sofrer de nostalgia, só poderá agravar e muito a sua moléstia".

"A desolação é enorme, o silêncio é quase sepulcral; é que aquêle recinto, todo refulgente de luzes, repleto de luminarias, causa ao visitante um grande desânimo, uma amarga tristeza, e as próprias notas de algumas raras bandas militares que por ali se perdem esparsas por entre os brancos monumentos lembram sonatas dolentes e melancólicas ouvidas de muito longe co-

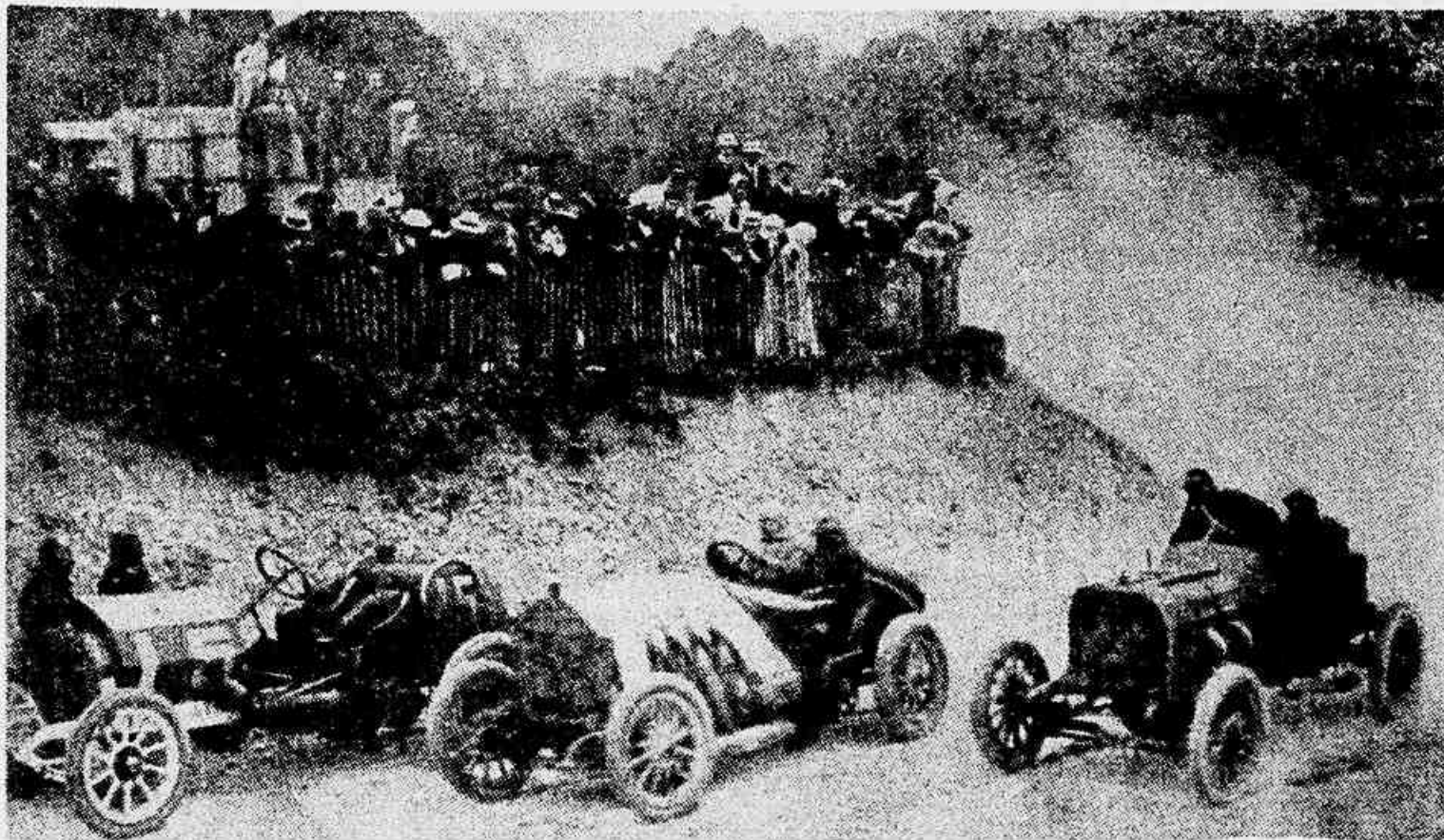
mo que a perderem-se na amplidão dos espaços".

"Gente, povo, multidão, vida, alegria, movimento, animação, são as únicas coisas que em vão pode procurar o visitante semanal; não se encontra porque ali não as há, não as pode encontrar, porque ali faltam os elementos para os atrair".

E conclui:

"O nosso público é por sua natureza inimigo de sair de casa e se quando se decide a sair não encontra algo que o prenda, que o absorva, um pouco de futilidade que o divirta, não torna a tentar a experiência".

Ecos do embarque do Marechal Hermes para a Alemanha merecem duas páginas d'êste número; também às regatas do último domingo, em Botafogo, quando foi levado a efeito o Campeonato do Rio de Janeiro, dedica a Revista uma série de fotografias. As notícias internacionais se referem, por sua vez, à visita do rei Eduardo VII a Bristol, à Exposição Franco-Britânica de Londres (onde aparece a Rainha da Inglaterra fazendo um passeio nas "montanhas russas"), como também a grande corrida anual do Automóvel Clube de França — o "cir-



Flagrantes da grande corrida anual do Automóvel Clube de França — o circuito de Dieppe — nos dias 6 e 7 de julho de 1908.

cuito de Dieppe", ao qual concorreram 22 franceses, 9 alemães, 6 italianos e mais dez corredores de diversos outros países. Foi vencedor um automóvel alemão — Mercedes — que fez o percurso de 770 km. em 6 horas e 55 minutos — numa média de 111 km. 500 por hora. A prova foi acidentada, com panes e abalroamentos — registrando-se a morte — não de um dos corredores — mas de um espectador, que sofria do coração...

Transcreve a revista uma receita publicada por um jornal francês de medicina, aconselhando as abelhas aos reumáticos, asseverando que a cura é infalível:

"O doente cobre com açúcar a região afetada e vai sentar-se ao pé de um cortiço. As abelhas, atraídas pelo açúcar, pou-sam, sugam e cravam o ferrão..."

O doente, claro é que geme, mas daí a a pouco está completamente livre do mal. Logo que a inflamação produzida pelas picadas desaparece, a afecção reumatismal ou artrica terá desaparecido também.

O remédio é fácil — conclui a Revista. Não diremos que seja suave, mas está ao alcance de todos. E, se, de fato, a cura se obtém, que significa a mordedura de uma ou de mais abelhas a par das dores que o doente experimenta?..."

A NOTA PITORESCA vem através de um tópico intitulado "A Linguagem das Luvas". "É de origem inglesa — explica a "Revista" — mas alguma das nossas leitoras lhe dará foros nacionais, se tiver interesse nisso". Ei-la:

Deixar cair uma luva, quer dizer: — sim.

Engelhar as luvas com a mão direita: — não.

Metade da luva calçada na mão esquerda: — indiferença.

Bater no ombro esquerdo com a luva: — segue-me.

Dar com as luvas no queixo: — já não te amo.

As luvas ao avesso: — odeio-te.

Dobrar as luvas com esmero: — desejo estar contigo.

Deixar cair as luvas: — amo-te.

Bater nas mãos com as luvas: — estou aborrecida.

Dar volta às luvas em roda dos dedos: — tem cuidado que nos espiam.

Engelhar com ambas as mãos: — foge que vem aí o papá ou a mamã.

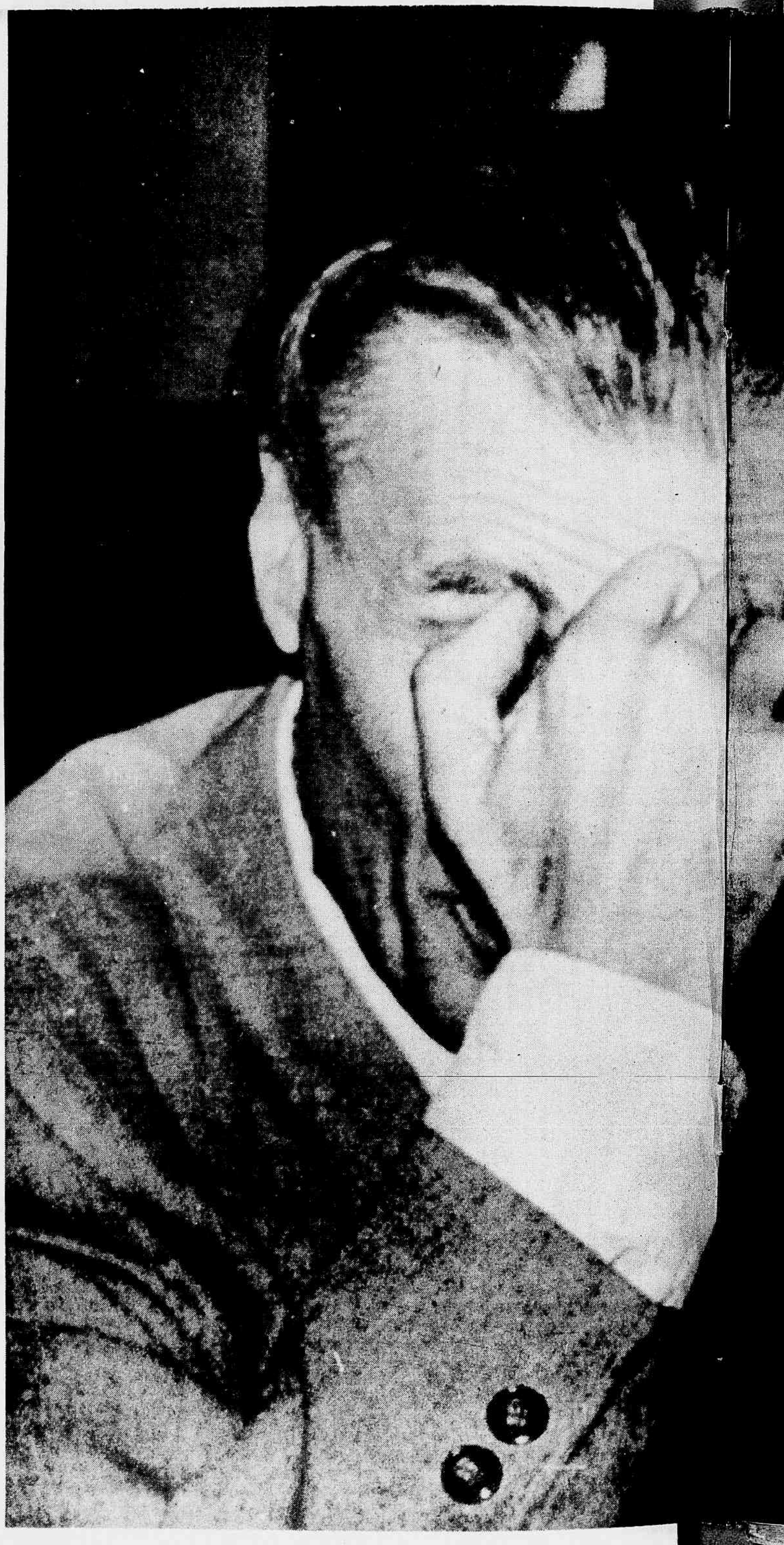
Atirar as luvas ao ar e apará-las com ambas as mãos: — aproxima-te que estou sozinho.

E, finalmente, mudar as luvas: — quando me escreves?

"A língua do coração é universal — conclui sãbiamente a Revista. Basta, apenas, a sensibilidade para entendê-la e falá-la"...

Era assim há cinquenta anos...

Aldous Huxley (no Brasil) exclama patético:





- FALA-SE EM IDEOLOGIA, ENQUANTO O MUNDO PASSA FOME!

JANOS LENGYEL

TRÊS OCASIÕES diferentes nos levaram ao encontro de Aldous Huxley durante a sua estada no Brasil. A primeira, quando p'sou o solo brasileiro, no Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, exatamente às onze e meia da noite, numa segunda-feira úmida e fria. Huxley e sua esposa deixaram o avião; foram até à rua defronte da "gare", deram alguns passos. Ouvindo a conversa de gente em volta, Huxley exclamou:

— "É o fracasso da espécie: aqui estou, ouço o que dizem e não os entendo. Sinto-me envergonhado, humilhado. Sem preparo, sem estar à altura dessa visita."

Três repórteres o abordaram. Mostrou-se afável, disposto a falar, preocupado, apenas, de não perder o avião que, minutos depois, levantaria vôo rumo ao Rio de Janeiro. Um dos jornalistas, um rapaz moço, ávido em fazer pergunta apropriada, saiu-se com essa:

— A sua obra literária segue algum princípio básico?

Huxley ficou um tanto perplexo. Era como se lhe perguntassem se usa das pernas, quando anda. Respondeu sorrindo:

— O senhor não acha?

E, para ajudar ao moço, revelou o seu moto na vida:

"Existe um pequeno esbôço de Goya no Museu do Prado, em Madri. É um velhinho num jardim, catando com sua bengala na relva. "Aún aprendo" diz a legenda do desenho: nisso encontrei a razão da minha vida, o meu ideal eterno. Na profunda impressão que o quadro me deixou."

A segunda vez foi o acaso que nos levou à presença de Huxley. À porta do hotel em que se hospedou em Copacabana, esperava o automóvel que o levaria a alguma visita, ou passeio. Também à noite, uma noite carioca, quente e abafada, olhava o mar, ausente de tudo que se passava em sua volta.

"Não há nada mais belo que essas luzes, saindo e entrando cidade a dentro" — disse. — Creio que o Rio de Janeiro deixará uma das impressões mais profundas da minha vida. Deve ser feliz êsse povo, que vive cercado de natureza tão bela.



HUXLEY (NO BRASIL)

Na sua elegância peculiar, com um enorme lenço colorido no bolso do paletó, cabelo comprido caindo pela testa e, também, pela sua altura fora do comum, o escritor se destacava no pequeno grupo que se formou à porta do hotel, no movimento habitual dos que iam e vinham. Seus olhos vasculhavam o horizonte, traíndo a sua ineficiência: estão abandonando seu dono, numa traição inqualificável para quem tanto deles precisa, tantas e tão importantes tarefas lhes atribui. E fazem Huxley virar-se cada vez mais para dentro de si, torná-lo mais filósofo do que escritor, mais pensador do que apreciador, a julgar as coisas externas da vida. Ele mesmo disse:

— Confesso que estou um tanto atrasado no acompanhamento da literatura contemporânea e receio que ficarei mais, ainda, com o tempo, devido à essa minha dificuldade visual. O que me resta, é ouvir rádio, leituras e pensar, no tempo que me sobra do meu trabalho.

E revelou, que dois novos livros seus serão publicados brevemente: ainda este ano, um pequeno estudo sobre os perigos que enfrenta a mente humana e um outro, mais profundo, mais complexo, ainda em preparo. O primeiro alerta sobre a supermecanização, supereficiência, os exageros da propaganda nas suas diversas formas, que podem envolver a mente humana, a ponto de sufocá-la por completo. O segundo livro, "uma fantasia", disse, será seu tema ferindo princípios delineados no "Admirável Novo Mundo", examinados sob outros ângulos, diferentes.

NÃO SABEMOS NEM DIZER O QUE QUEREMOS

Sua paixão, conforme declarou numa entrevista formal dada à imprensa do Rio, a terceira ocasião em que o vimos, é o desenvolvimento da educação da mente humana.

— Estamos nos delimitando à educação verbal, quando, já há muito devíamos estar no terreno da educação mental. O campo é imenso; faltam-nos, porém, os meios práticos de sairmos do nosso pobre círculo de entendimento. Estamos presos às palavras e não sabemos como criar as novas que nos permitissem invadir os novos territórios. Cercamo-nos de ciências classificadas, como psicologia, fisiologia, antropologia e outras mais e estamos a procurar tudo dentro desses caminhos desbravados, sem termos possibilidades de iniciativa para abriremos outros. Não sabemos nem como dizer o que queremos: falta-nos o vocabulário, faltam-nos os termos. E, na verdade, nem estamos muito propensos a acreditar no que não se acha classificada numa dessas "terminologias".

Olhou com seus olhos transparentes em torno de si, enquanto o intérprete transmitia as suas palavras. Agradava-lhe, visivelmente, a conversa, antes de cansá-lo. Fazia o que mais gostava de fazer: desenvolver, à luz do dia, teses que lhe comprimiam a alma, constantemente.

— Ainda se não sabemos como dizer, de qualquer maneira sabemos querer invadir o terreno novo. E o faremos, não tenham dúvida. Alargando a nossa capacidade de percepção, chegaremos à metade do caminho, dentro em breve: a educação orgânica será um dos caminhos, o controle maior sobre o nosso sistema nervoso será o outro. E a química também dará a sua contribuição: não tenho dúvidas de que, em menos de vinte anos, a mente humana terá recebido benefícios incalculáveis dessa ciência.

Alguém perguntou se Huxley se referia à utilização de drogas como aceleradoras da percepção.

— Talvez drogas, talvez outra influência qualquer. Não entendo de química, nem sei do método que virá a ser utilizado. É este, exatamente, o ponto crucial: encontrar o método mais indicado. Sei, apenas, que o homem poderá e deverá ter maior domínio sobre seu destino individual e coletivo e o terá, sem dúvida. Tão convicto estou, que já tentei interessar no assunto organizações sérias que não se recusaram a colocar seus cientistas no estudo do problema. A Fundação Ford pesquisa ininterruptamente a forma de alargar a perceptividade da mente humana. E convicto era meu avô, T. H. Huxley, já em 1860, como também Carrell, além de vários outros que, no século passado, se dedicaram a fazer sair a humanidade dos seus limites filosóficos autodeterminados.



Creio que o Rio de Janeiro deixará uma das impressões mais profundas de minha vida. Deve ser feliz esse povo que vive cercado de natureza tão bela.

As perguntas tornam-se mais práticas, procurando assuntos mais palpáveis. Se o cérebro humano tem um limite de "carga", já que, conforme estabeleceu Bertrand Russel, não muda de forma, nem de peso, apesar do constante crescimento da matéria que recebe.

— Certamente tem limite, mas nós estamos muito longe de atingi-lo. Com toda a sabedoria que julgamos possuir, com toda a versatilidade de assuntos que fazem sua carga sobre a massa cinzenta, ainda não lançamos mão de vinte por cento do seu total. Não falta, pois, lugar para o armazenamento, como não falta matéria para depositar: falta o elo que faz chegar um ao outro. E, entre todos os cientistas, todos os especialistas que estão presos aos seus ramos específicos de interesse deverão ser os escritores sem compromisso que abrirão à humanidade as possibilidades de expressar-se numa nova linguagem. Os escritores que sempre marcharam muito à frente dos sábios. Homero, que muito antes de Aristóteles, falou de espírito maligno que o possuía, relatando estado psicológico; Shakespeare, que aplicou psicotécnica nas suas obras, somente muito mais tarde colocada em termos científicos ou Dostoiewsky, antecipando-se à Freud, na definição de peculiaridades da mente humana.

"Estão em choque ideologias, exageram-se povos no seu super-nacionalismo, quando dois terços da humanidade não tem o que comer" — tomou Huxley o fio da conversa, visando objetivos mais práticos. "Se vê, como estamos mal dirigidos, como utilizamos erradamente o nosso poder de pensar. Como não sabemos adaptar-nos, nem à lógica do tempo em que vivemos. Há problemas de simples aritmética, que preferimos desconhecer para poder continuar em paixões fúteis. Coisas que pareciam-nos naturais em tempos idos são inteiramente fora da lógica, hoje. A divisão da Europa em trinta nações soberanas era a coisa mais natural no tempo

em que foi feito e como parece ridículo, hoje. No entanto, insistimos em mantê-lo assim."

Vem uma pergunta:

— A propósito, Mr. Huxley: a felicidade do homem era mais completa na idade média, é absoluta hoje, ou ainda está para vir o equilíbrio perfeito?

"Ah, eu acho que é o grau de ansiedade que regula a felicidade humana. E a ansiedade da mãe que podia perder o seu filho a qualquer momento, por uma pequena doença que fôsse, era, por certo, maior do que a da mãe dos nossos tempos. Muitos fatores falam contra a decantada felicidade do homem simples, da idade média. Vivía trinta anos, apenas, quando hoje atingimos setenta; não podia locomover-se no espaço físico horizontalmente, como eram delimitados os seus caminhos espirituais. Não creio que tivesse sido mais feliz, do que o homem moderno."

Se o cinema, a televisão podem prejudicar a novela como forma de expressão? "Não, nunca" — respondeu Huxley. — "Também é uma simples questão de aritmética: quanto pode durar um programa de televisão ou um filme? Uma hora, duas, três? E se fôsse quatro ou cinco? Seriam vinte mil palavras, em vez de dez ou quinze. E jamais alguém poderá expressar em vinte mil palavras, o que pode ser dito em duzentas mil."

Se o lirismo encontraria sua morte na luta contra o materialismo? "Não, nunca" — respondeu Huxley. "Por mais materialista, mais técnico que se torne o homem, sempre se voltará para as histórias de amor, sempre manter-se-á sentimental."

"Foi numa recente conferência de escritores soviéticos, em plena Moscou, que se estabeleceu o assunto que mais interessa ao leitor: é o amor. Muito mais, incomparavelmente mais, do que o estudo da indústria do concreto."

É um otimista, Aldous Huxley. Com fé irrestrita nos destinos da humanidade, irradiando confiança.



AS VERDADES DE MARIAZINHA MARANGUAPE



O ESCRITOR Aldous Huxley teve uma penosa impressão de sua visita à Academia Brasileira de Letras, ocasião em que foi recepcionado por todos os matusaléns do ilustre cenáculo. E ainda levou um bruto susto, ao ser inesperadamente cotucado pelo Viriato Corrêa. No primeiro momento, Huxley julgou que se tratava de um personagem de "science-fiction"...

DE MALAS PRONTAS para Belo Horizonte o moço Guilherme Vidal, que irá dirigir na capital mineira a nova fábrica da tradicional Cerâmica S. Caetano. Mariazinha que o viu de calças curtas, pode dizer, tranqüilamente: "Este menino vai longe!"

NUM BATE-PAPO sobre o cinquentenário da "Careta", Mariazinha descobriu que o austero sr. Mário Brant já foi destacado colaborador daquele semanário humorístico, assinando em priscas eras a seção intitulada "Cartas De Um Matuto". As graçolas roceiras faziam sucesso.

VÁRIOS AMIGOS de Murilo Miranda estão dispostos a criar um "slogan" eleitoral que será decisivo em sua campanha: "Vote no cunhado e candidato de Rubem Braga". Os referidos cavalheiros consideram o velho Braga uma fábrica de votos.

A HISTÓRIA DO CAVALO Endymion é um exemplo da boa estrêla do Major McCrimmon, que nos leilões passados pretendia adquirir outro animal — o Numantino — somente desistindo quando a turf-woman Lygia Castilho de Moraes, num gesto de teimosia feminina, replicou seus lances e fez o preço varar a casa dos seiscentos mil cruzeiros. Aí, nesse gabarito, falou mais alto o espírito comercial e McCrimmon saiu do páreo, indo afogar sua raiva num scotch & soda caprichado. No dia seguinte, ao telefone, tanto chateou Roberto Seabra que conseguiu levar o Endymion por menos de quinhentos mil cruzeiros, apesar do potro ser reservado pela coudelaria Seabra e tido em alta conta. Endymion, a esta altura dos acontecimentos, é o líder da geração e um crack em perspectiva, enquanto Numantino ganha fama de matungão. O que só vem provar uma coisa: a estrêla do Major continua iluminada pela luz da Light...

AQUÊLE CAVALHEIRO cujas aventuras boêmias recentemente denunciei, contando de como saía do Sacha's, de manhãzinha, para acompanhar o seu brôto até o colégio, ora carregando-lhe a pasta, ora de dedinho dado, continua a fazer das suas. Semana passada o VT (Velhice Transviada) foi localizado nas proximidades do Caiçaras, namorando a mesma mocinha. O uniforme da dita cuja e uma pasta comprometedoras, denunciavam a gazeta lamentável. Vou saber dos boletins do brôto e tomarei providências nesta coluna. Se o esdrúxulo romance estiver ameaçando a menina de levar bomba, rabisco o nome do VT e sua vítima, com tôdas as letras. Afinal de contas, não fiz isso até hoje em respeito ao miocárdio do pai dela. Mas se a própria

filha não o respeita, detonando esta bomba de alto teor explosivo nos exames finais, corro o risco, previno o velho e ponho um fim às trampolinagens dêste balzaquiano pirata.

FRANCAMENTE RIDÍCULA a Festa Inaugural da Primavera que Abellard França anuncia para o futuro calendário turístico da cidade. "Seu" Abellard: nós só temos duas estações, chamadas respectivamente de "mais calor" e "menos calor". Primavera e outono são lorotas da Condessa de Ségur, e inverno, no Rio, é mero acidente. Se você quer fazer uma festa que seja turística e popular, organize uma entrada triunfal do verão. E temos conversado!

A GINKANA DOMINICAL que Caio Prado organizou há quinze dias atrás exigia dos concorrentes, entre outras coisas, que trouxessem consigo uma barata. Dennis Still, atrapalhado, andava atrás de baratas naqueles botecos imundos do Pôsto 6, quando alguns lambretistas souberam da brincadeira e se ofereceram para auxiliá-lo. Dez minutos depois um rapaz prestativo aparecia, de Jaguar, indagando: "Infelizmente não tinha baratinha dando sopa por aí. Será que serve êste Jaguar?"

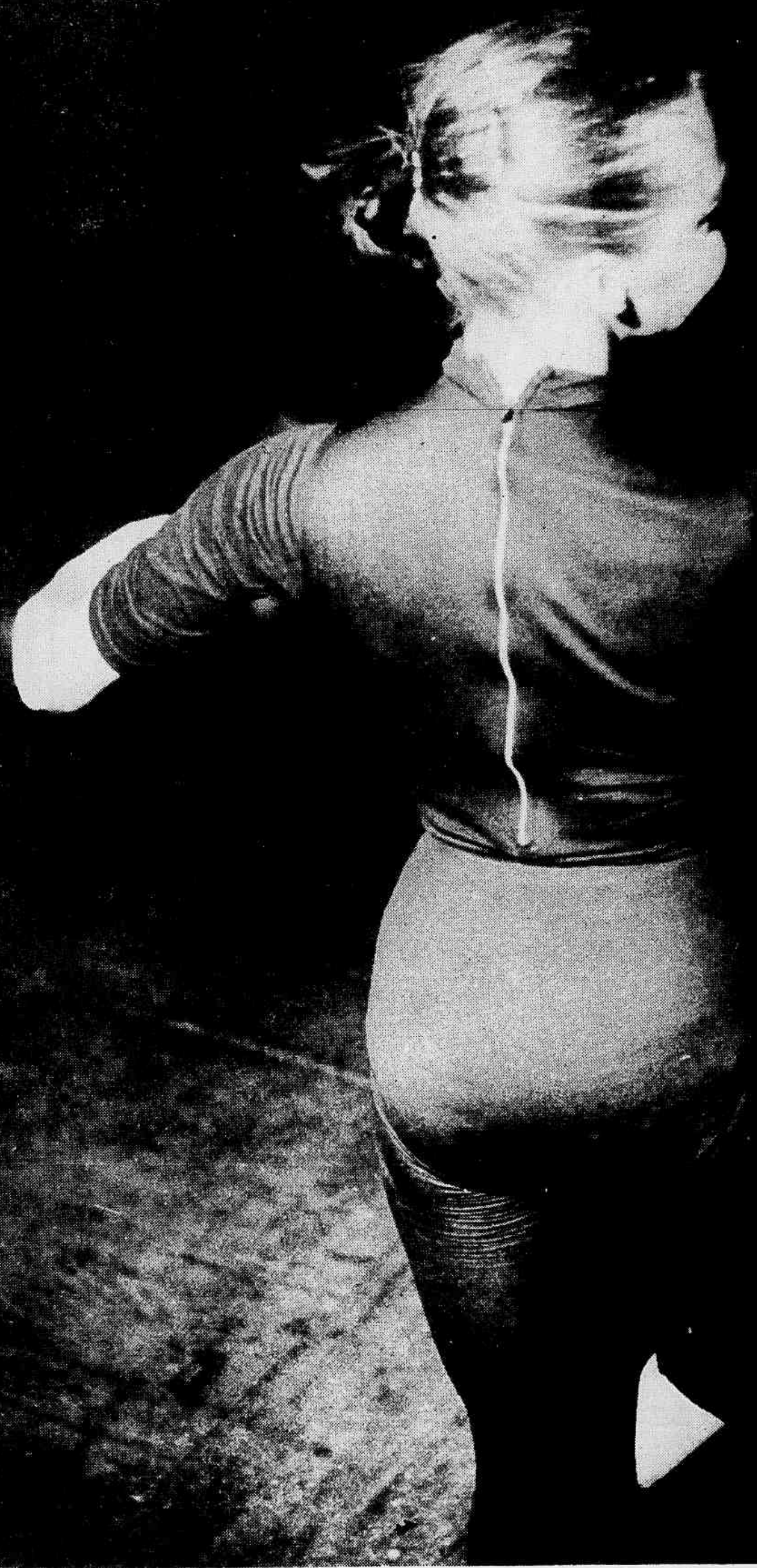
O GAVEA GÓLFE está disposto a oferecer um prêmio para a alma caridosa que descobrir um meio de obrigar certo sócio a liquidar suas contas, mais atrasadas que trem da Central. O hábil golfista resistiu até hoje, impavidamente, a tôdas as pressões, indiretas e intimações. É o espêto mais intransigente na história do cluêpe.

NO LOTAÇÃO a bonita lourinha narrava suas andanças pelo país — Campos, Macaé, Belo Horizonte, Pôrto Alegre, Niterói, São Paulo — a serviço do original show-business. Ouvindo o programa da menina, Mariazinha se comoveu até as lágrimas. José Alvaro, meu filho: você acaba matando estas garôtas do seu charleston itinerante. **The show must go on**, porém devagar e sempre...

OS DECORADORES andam em grande atividade, tomando as primeiras providências político-administrativas para disputar as gordas encomendas com que Brasília acena. Temor geral: a interferência de corpos estranhos da Novacap na aquisição de peças e material, como aconteceu a Maria Celina Simon e a própria herdeira do favorito Niemeyer. Coisas do Vice-Rei Israel...

AFONSO ARINOS, que abraza mão de sua candidatura a deputado federal em Minas por comodismo — é um comodista incorrigível — está se arrependendo amargamente da hora em que inventou de ser candidato ao Senado pelo Distrito Federal. Tudo por obra e graça do Carlos Lacerda, que não lhe dá folga, inventando expedições a favelas pouco civilizadas e subúrbios nunca dantes navegados...

Depois do Russo



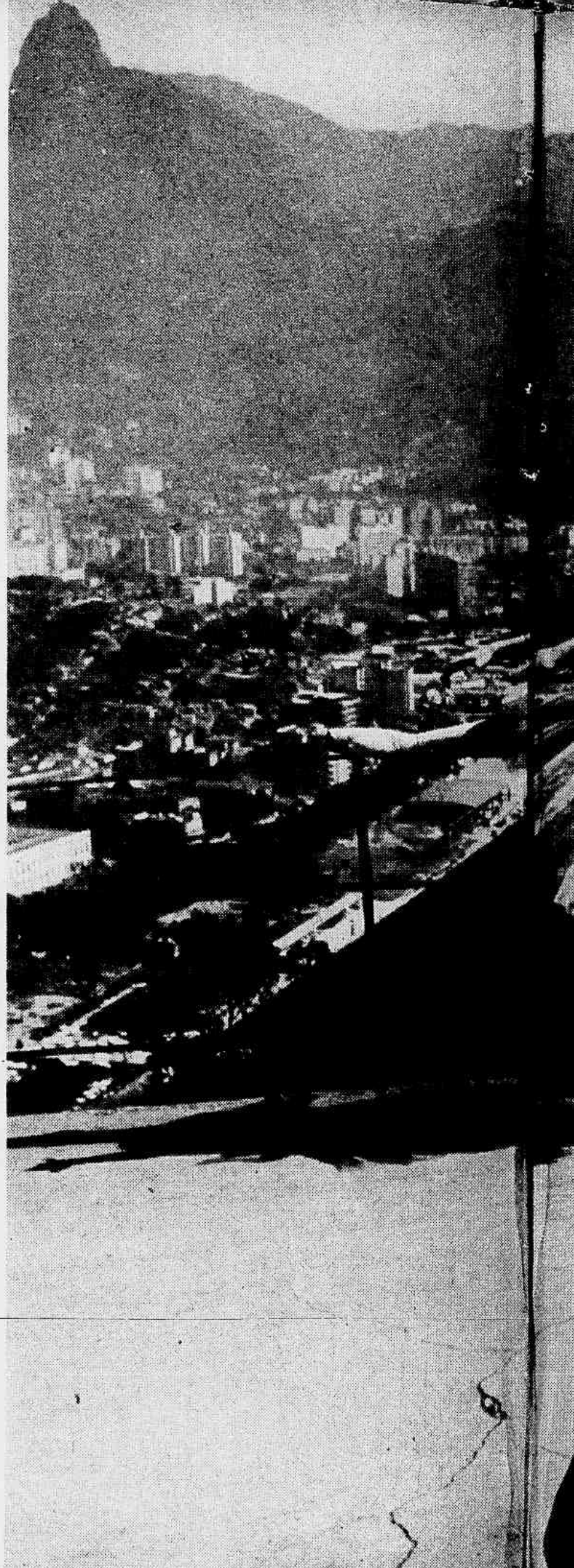
**MOSTRA O AMERICANO A
CLASSE DE SEU BALLET**

O Ballet de São Francisco

bailou também

ao ar livre sob o céu

da Guanabara.



Para a exibição na Urca e no Pão de Açúcar, Leon Kalimos (diretor do ballet) levou as seis mais lindas bailarinas.

Elas aproveitaram a oportunidade, para tam

POUCOS DIAS depois da vinda do ballet da Geórgia — viu o Rio o ballet de São Francisco. Primeiro, o russo; depois, o americano. Coincidência? É possível... De qualquer modo, essa dupla exibição de arte de duas potências rivais, no intervalo de menos de um mês, não deixa de ser curiosa. É como se os Estados Unidos não quisessem — nem no terreno artístico — ceder um passo aos seus seríssimos antagonistas... E nos mandasse o Ballet, nos moldes clássicos como o soviético — para afirmar que também ele, neste setor, tem a sua grandeza...

E o público do Rio correu ao Teatro Municipal, nos dias 7 e 8, para assistir à segunda etapa da maratona artística ocidente versus oriente — e, insensivelmente, comparar com o glorioso e tradicional ballet russo — o que nos mandava o "International Exchange Program of the American National Theatre and Academy". Conheceu ele, já, o grande Chabukiani — aclamado como o maior

bailarino da Rússia de nossos dias. E se perguntava se não era uma temeridade do americano, aquela apresentação; e indagava: que figuras poderia mandar-nos Tio Sam, para contrabalançar o novo gênio da dança soviética?

Houve os espetáculos (dois no Teatro Municipal e um no "Maracanãzinho"), e o público aficionado de ballet a eles compareceu, e tirou, naturalmente, as suas conclusões. O russo era melhor? Ou era o americano? Concluiu sãbiamente: que cada um tinha a sua força. Tinha as suas características. O russo, com sua tradição secular, sua clássica e majestosa grandeza. E o segundo, jovem, com as liberdades que se permitem aos jovens, dando um enriquecimento ao tradicional — com sua leveza, graça, beleza, colorido, através de uma coreografia liberta e expressiva, da juventude de suas figuras e de seu moderno decorativismo. Interpretando os grandes compositores da velha Europa, conservando o



bém tirar fotos, umas das outras, com a vista da "cidade maravilhosa".

espírito do ballet clássico, êle se individualizava, entretanto, pelas arrojadas e modernas concepções coreográficas. E se apresentava com uma mensagem nova, típica de uma jovem nação.

A HISTÓRIA

Mas como nasceu êsse ballet — é o caso de se perguntar — que os Estados Unidos enviam para o exterior, sem temer os riscos da concorrência com os famosos ballets de todo o mundo?

Embora relativamente recente — em comparação com outros da velha Europa — o "San Francisco Ballet" já tem sua história. Foi êle fundado em 1933 e é a mais antiga organização de ballet norte-americana. Inicialmente organizado para prover de bailarinos as apresentações da ópera de São Francisco, logo se tornaria completamente independente. Mesmo nos primeiros tempos, sob



Para muitas foi esta a primeira viagem ao exterior. E Eugênia Van Horn achou "tudo muito lindo" mas o bondinho do Pão de Açúcar "bastante perigoso".



BALLET

a orientação de Adolph Bolm, começou a ter um renome isolado de sua associação com a companhia de óperas. Em 1936, Serge Oukrainsky substituiu aquele primeiro coreógrafo, e a companhia teve ainda mais nível e desenvolvimento. Dois anos mais tarde, com Christensen, iniciou-se para a companhia uma nova era: ampliação da organização, longos ballets em seu repertório, as primeiras "tournées". Ao mesmo tempo, a escola de ballet a ela ligada progredia de igual modo.

William Christensen ficou à frente da Companhia até 1951, sendo então substituído por seu irmão Lew — grande dançarino, coreógrafo e diretor, já de grande experiência em Nova Iorque. Lew acrescentou ainda maior brilho e amplitude ao repertório iniciado pelo irmão.

Suas ligações com Nova Iorque, por outro lado, possibilitaram-lhe a troca de entendimentos, feita em 1952, entre o Ballet de São Francisco e o de Nova Iorque, pela qual cada Companhia podia apresentar trabalhos do repertório da outra, bem como permutar solistas. Isso veio enriquecer sobremodo o repertório do Ballet, que passou a contar com a presença do famoso George Balanchine, do Ballet novaiorquino; este apresentou, por sua vez, trabalhos de Christensen, com bailarinos do "San Francisco", em "tournées" pela costa do Atlântico.

Tais "tournées", de grande repercussão, foram o início de uma nova e gloriosa fase: a de sua divulgação por todo o país. E tal foi a repercussão obtida da crítica ("New York Times", "New York Herald Tribune" e "News-week") que ele se viu, de repente, projetado além fronteiras.

Em janeiro de 1957, tem o Ballet de São Francisco um de seus grandes momentos: representa em países do Extremo Oriente. E, esse é um triunfo do próprio ballet clássico americano — pois pela primeira vez desde 1920, com Pavlova, ali chegava uma companhia ocidental. A "tournée" estende-se por dez semanas por toda a Ásia — passando por Singapura, Sião, Ceilão, Índia, Paquistão, Irã. E seus triunfos impellem a Companhia a novos vãos. E chega, finalmente, a vez da América do Sul — e do Brasil.

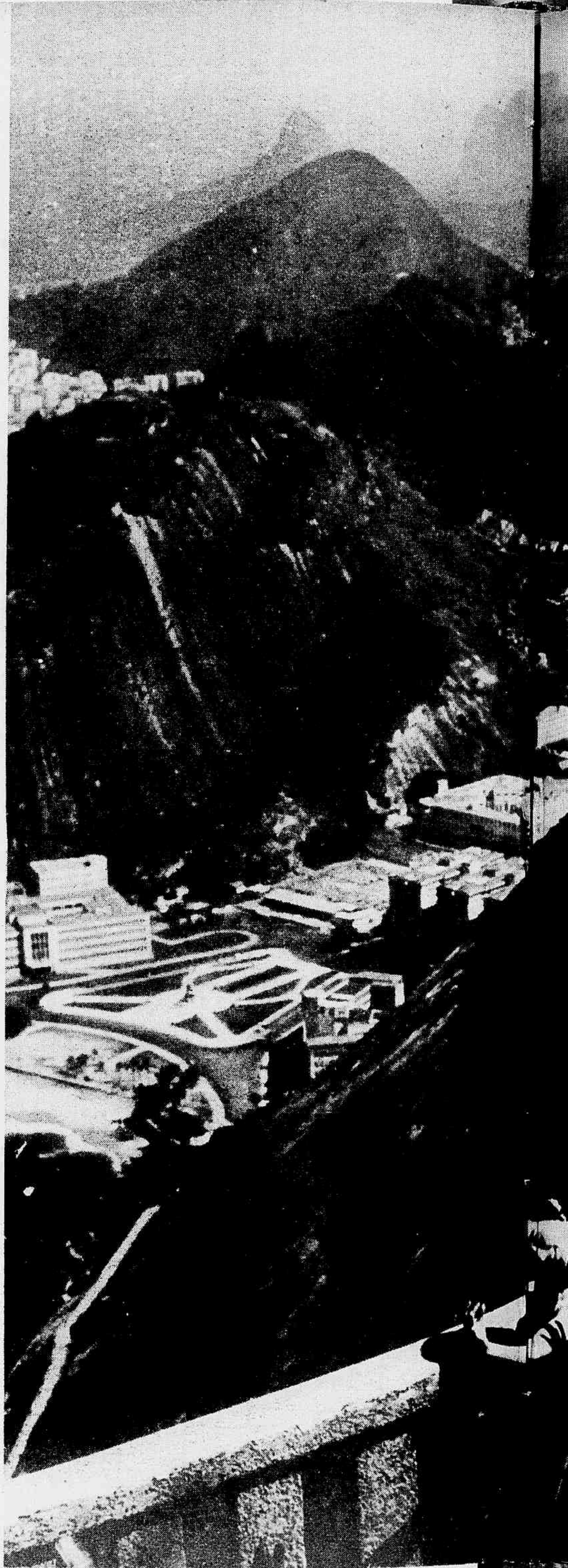
O REPERTÓRIO

Os trabalhos entre nós apresentados pelo "San Francisco Ballet" são de pura tradição americana. E Lew Christensen, que tem hoje lugar de honra entre os mais afamados coreógrafos da América, é o criador da maior parte dos trabalhos. Foi ele, aliás, quem trouxe nova vitalidade à arte centenária do ballet, recriando belas histórias de amor, comédias, tragédias, através dos passos alados. Apresenta ainda a Companhia trabalhos de Balanchine (como o "Concerto Barroco"), que exerceram forte influência no ballet americano.

Tais bailados são baseados em obras de Bach, Mendelssohn, Mozart, Schubert, Vivaldi, Tschaikowsky, Stravinsky. Assim, pelo seu repertório, pela classe de seus bailarinos, é ele um dos característicos representantes dos mais finos ballets de todo o mundo.

Entre os seus principais artistas, figuram a jovem Nancy Johnson (27 anos), que tem se apresentado freqüentemente como solista no Ballet da Ópera de S. Francisco: Sally Bailey, também da Escola de Ballet; Gordon Paxman, natural do Utah, primeiro bailarino, e um dos favoritos das platéias em que se apresenta, quer como o romântico "Siegfried" de "O Lago dos Cisnes", quer através de papéis cômicos como "Renard" e "Con Amore". Tem, ainda, o novaiorquino Lion Danielian (convidado), ex-aluno de Mikail Nordkin, e que já foi primeiro bailarino do Ballet de Monte-Carlo; Jocelyn Volimar, também convidada, primeira bailarina desde 1948 do Ballet de São Francisco, e que, além de sérias atuações em Nova Iorque, tem feito temporadas pela Europa, África do Norte e América do Sul, com o grupo do Marquês de Cuevas.

Como principais trabalhos do repertório, apresenta o Ballet "Con Amore", bailado em 3 atos com música de Rossini; "The Dryad", em dois atos, fantasia de Schubert; "Emperor Norton", em quatro atos, com música de Vernon Duke; "Ballettino" (música de Vivaldi); "A Dama de Shallot" (música e libreto de Arthur Bliss); "Uma máscara de beleza e o pastor" (música de Gluck) — todos eles com coreografia de Christensen.





A exibição no Pão de Açúcar foi privilégio de repórteres e turistas.



"PARLIAMENT BUILDING" — Mas nem tudo cheira a flores em política.

MARGARIDA COM TULIPAS GANHOU VICE

MAURICIO CAMINHA DE LACERDA



DAISY — Vale ou não vale um jantar ?

EM OTTAWA

UM HALO DE COLORIDA fragrância espalhou-se, faz mais ou menos trezentos anos, pelo Ocidente, envolvendo de inéditos matizes a princípio um retalho e, sem demora, todo o rugoso chão europeu. Tratava-se de alguma coisa de positivamente novo. O continente ancião retinha ainda a desagradável lembrança das golfadas de brutalidade e sangue que lhe haviam borrado o mapa, derramadas em aluvião desde a Ásia Menor. Agora, porém, era uma flor de estranha delicadeza e formosa, a balouçar em compridas hastes e semelhando tomar ao arco-íris as nuances das pétalas e das corolas, o que enviavam à Europa, por mãos anô-

As tulipas atuam como ímã. Só porque as cultivo recebi numerosos



EXPOSITORA E FOTÓGRAFOS — Um "hobby" em cada mão.

nimas, os povos da Turquia e do Cáucaso, como os das longínquas nações que Átila mobilizara outrora contra a cultural ocidental. Eram tulipas.

ONDE APARECE MARGARIDA

A esta altura, adivinho a pergunta que de muitos lábios está prestes a escorregar: que relação tem isso com a moça da foto, aliás tão delicada e tão bonita quanto a mais bonita e delicada entre todas as tulipas? Explico: a pequena é emérita cultivadora delas. Sua profissão rotineira não é essa: a moça trabalha numa bolorenta repartição pública, sempre às voltas pois com questões de Estado (que invariavelmente cheiram mal, como sabem) e rabiscados papéis. Mas nos domingos e nas demais horas de folga, manda a burocracia, as tentações do mundo e os bonitões plantar batatas, e entrega-se de corpo e alma a esse **hobby**.

Assim, por exemplo, afora as tulipas que lhe vicejam (também nascidas de batatas) como bebês acarinhados nos múltiplos cantos do jardim, possui em casa, na biblioteca, infundável coleção de preciosidades bibliográficas, contendo, folha por folha, toda a árvore genealógica da encantadora família floral. Difícil topar outra capaz de, com tanto amor e leidez, diferenciar uma tulipa *gesneriana* ou uma *suaveolens* daquelas que portam o complicado nome de *oculussolis*. Frase da menina: "Você sabia que a *gesneriana* veio da Rússia Central?". Não, eu não sabia.



FESTIVAL DE CORES — Tulipas

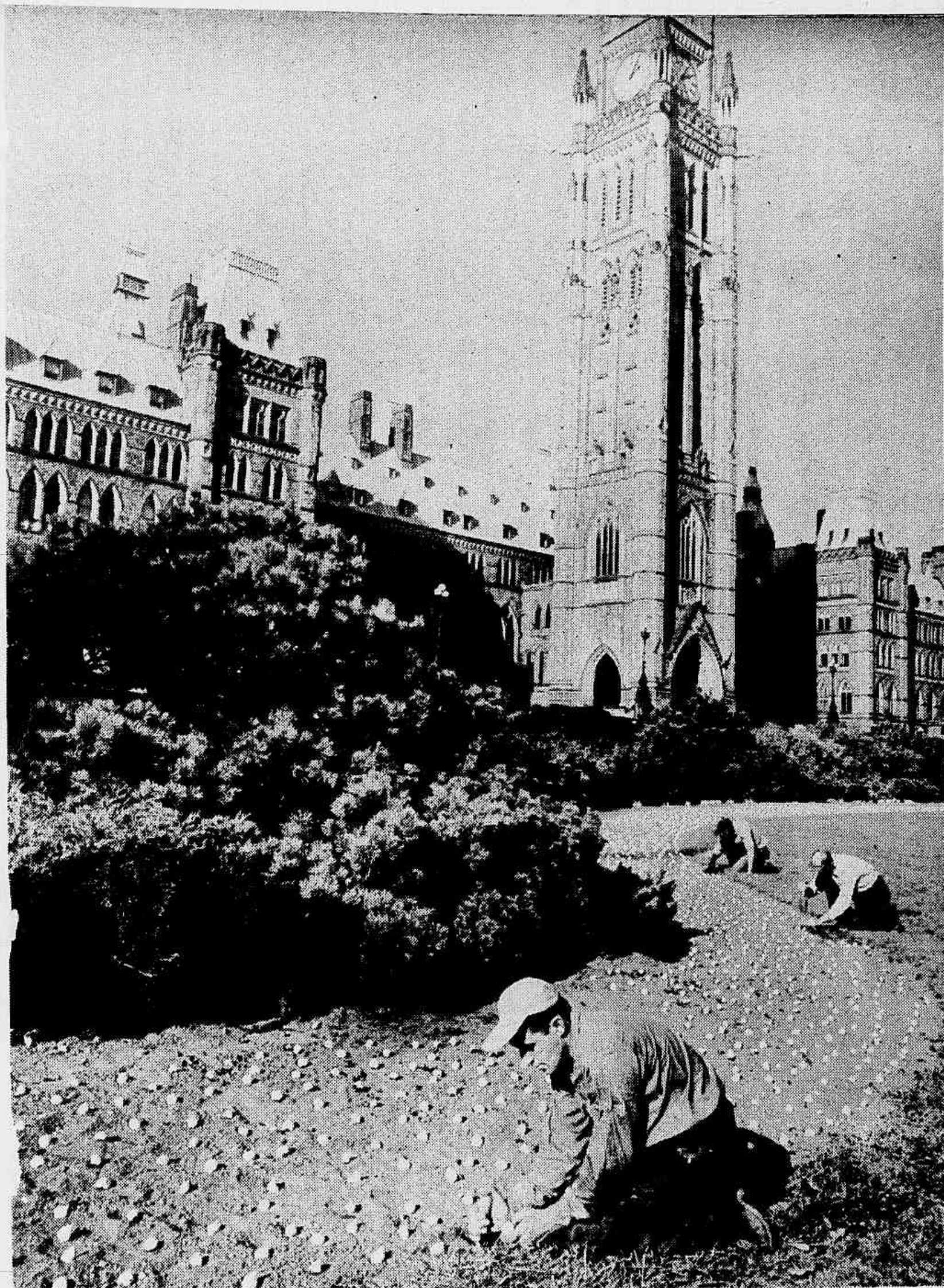
O que sei, no entanto, é que ela (não a flor, a pequena) se chama Daisy Jensen e mune-se de um dos sorrisos mais sedutores de alguém ou de além Cortina-de-Ferro, embaixo de um narizinho chove-dentro muito petulante e muito simpático. Chamar-se Daisy, por sinal, não deixa de ser curioso, pelo menos no caso, porque a palavra, convenientemente traduzida, significa — Margarida — nome de outra flor.

TULIPAS EM FESTIVAL

Ora, a nossa Daisy (ou Margarida) anda ultimamente satisfeítíssima porque, no recente Festival da Tulipa do Canadá, virou notícia e colheu aplausos em quantidade. Razão: como a Colombo com suas formas em Long Beach, ela obteve com suas espécies tulipáceas em Ottawa um honroso segundo lugar. "Desde o início dos Festivais em 1953", diz-me agora, "a eles concorro na esperança de uma primeira colocação. Ainda não realizei o sonho. Mas um vice já é prêmio a considerar". No Festival de 1958, Daisy fez um sucesso enorme. "As tulipas", explica, "atuam sempre como um ímã sobre a curiosidade alheia. Quer uma prova? Só porque eu as cultivo recebi, de muitos visitantes da exposição, numerosos convites para jantar". Para a dona de um rosto assim, convenhamos, essa doce ingenuidade não assenta mal. Fausto, o da Gretchen e o do Mefistófeles, iria ao ponto de adorá-la.

Igualmente pela Daisy fico sabendo que as primeiras tulipas de Ottawa foram plantadas por volta do começo do século e que,

os
convites para jantar...



pas
em arquibancadas.

CAMINHO EM TECNICOLOR — E o gótico em "background".

contudo, somente depois da Segunda Grande Guerra seu cultivo se intensificou naquela capital. "A Princesa Juliana, regressando à Holanda, sua terra natal, depois do seu exílio, e desejando expressar gratidão pela hospitalidade canadense, doou à América do Norte britânica dezesseis mil bulbos de tulipas todos os anos a partir daí. Por sua vez, seus súditos, entusiasmados com a idéia, presentearam ao antigo Domínio cem mil bulbos mais".

FESTIVAL EM ITENS

Eis alguns itens que anoto na conversa:

1 — Cinquenta mil tulipas são plantadas nos Festivais diante do edifício do Parlamento do Canadá. Renovam-se os canteiros cada três anos.

2 — Os visitantes que chegam para ver as tulipas geralmente aproveitam a ocasião e visitam os pontos turísticos e históricos da capital. "Até russos existem entre a multidão".

3 — Pormenor emocional: "Os veteranos canadenses da guerra, segundo recomendação da hoje Rainha Juliana, recebem ramalhetes especiais de tulipas holandesas como preito de colorido reconhecimento pelo seu sacrifício na libertação da Holanda".

4 — Contam-se por dezenas de milhares as fotografias à cores tomadas durante os Festivais.

5 — Outros sítios onde o governo manda plantar os bulbos doados pela Rainha da Holanda: a famosa avenida em Parliament Hill e o National War Memorial.

6 — Numerosos habitantes de Ottawa têm como hobby cultivar tulipas. E organizam entre si competições e mostras de novas espécies em maio.

7 — "Quem quiser cuidar de tulipas deve antes tratar de arranjar terra adubada e bastante revolvida".

8 — "De que espécie de tulipa eu gosto mais? Da Van Thol. Acho um amor o contraste entre o amarelo e o encarnado."

9 — "Se além das tulipas tenho outras manias? Hum... creio que não. Espere! Tenho sim: durmo sempre com o dedo na boca."

GABIRUS TERÃO DE VIAJAR

Já vimos onde estão as tulipas. E Daisy, onde está? Sinto desapontar os gabirus: já foi embora para o Canadá, onde nasceu e onde mora; e não pretende retornar tão cedo, segundo me declarou. Não lhe sei o endereço. Quem quiser vê-la em pessoa terá então de aguardar o próximo Festival, e assim mesmo se se dispuser à viagem. Convém, não obstante, que eu advirta os prováveis Baby Pignatari: ela não aceitou nenhum daqueles convites para jantar. Agora talvez aceite, vamos lá, conversar por alguns minutos com quem lhe queira encomendar uma boa centena de tulipas.

A dificuldade é que elas são caras como o diabo.



"ANGELINA", me chamava êle. Como me lembro de suas mãos felpudas, de sua barba espessa e dos amplos bigodes retorcidos. Seu rosto andava sempre noturno, envolto por um brilho. Meu Deus — seriam as estrêlas que lhe impregnavam o rosto — pensava — ou o dia com sua luz? Sabia de suas canseiras, da caminhada longa de seus pés, conhecedores de todos os solos, de todos os climas. E eu sonhava com as estrêlas que lhe manchavam o rosto. Procurava-as nas noites lá nas alturas do espaço. Andariam na constelação do Cruzeiro; seriam da Ursa Menor ou se esconderiam na do Escorpião, ou noutra qualquer do hemisfério oposto? Nunca pude saber, e as estrêlas batiam as pálpebras maciamente, sem sentirem, nem de leve, minha presença angustiada. Qual delas pousara tanta luz na face de meu pai?...

"Angelina! Angelina!" — era êle a chegar noturno. Não trazia balas, sua face brilhava e seu hálito era tépido. "Angelina" e eu levava-lhe as chinelas aos pés fatigados. Papai tinha a barba escura e espessa, nunca o vi durante o dia. Seu rosto era fino, os dentes certos e brancos, os olhos belos e fundos — dois abismos ambulantes. Por que os olhos de meu pai eram assim?

Mamãe... "Angelina". Por que era tão mansa e pálida? "Angelina" e ia aguardar a roupa no quaradouro — lep... lep... lep... e a água ia caindo aos lençóis, às colchas na relva. Eram diferentes



Diago

NATANIEL DANTAS





Angelina - disse-me êle

seus olhos. Não brilhavam nem semelhavam a duas fontes fundas e negras. "Angelina", gritava. Seu vulto esguio se voltava para mim. Falava, falava e eu ia ver a mamadeira dos meninos, as panelas ou me aprontava para levar a roupa. Confesso que, às vezes, trocava as ordens. Ia ver a mamadeira ao invés das panelas ou vice-versa, apenas porque me deixava surpresa, maravilhada a olhar seu rosto fino, os lábios e mais as tranças que lhe pendiam espessas.

"Angelina"... e seus olhos pareciam mais vermelhos. Seu ventre engrossava. Crescia... Eu pensava que mamãe brincava com um balão oculto sob as roupas. Um desses balões transparentes — verdes, azuis, amarelos... Entretanto, numa tarde, num dia, em plena noite, eu a via se ir vagarosa, apoiada na vizinha de cima. Nessas ocasiões seus olhos me envolviam. Represava um pranto. Fazia-me recomendações — "teu pai isto, teu pai aquilo". "Angelina, Angelina, Angelina"... e um carro de aluguel, de capota de pano, na esquina se perdia a caminho da rua principal.

Meu pai então chegava mais tarde. Aproveitava-se... Um Angelina me cortava o sonho. Seu grito era um sopro a desfazer espumas, porque meus sonhos eram de tule e rendas. Eu corria por cima das águas, me abanava com um grande leque, desses que têm damas de cabelos postiços e moços donzéis em reverência. Eu era a moça. A brisa do leque me atravessava o corpo e eu me sentia bizarra, lépida — adejava como fôlha. "Angelina"... tudo se desmanchava — o leque, a brisa, as cabeleiras postiças. E me via, de novo, na grande cama e seu vulto (o de meu pai) bem distinto, cambaleando, incerto diante de mim — "Angelina"...

Aquecia-lhe a sopa. O café fumegava na xícara. Ele mastigava em silêncio com sua cara brilhando e as mandíbulas naquele movimento repetido. E quando me ajoelhava para banhar-lhe os pés, surpreendia então aquele olhar profundo... Isso entorpecia meus nervos, a fazer-me esquecer seus gritos e maldições, o sonho frustrado, até que de seus lábios só me chegasse sua respiração e por todo o silêncio, se a ouvisse como um desfalecer de vagas num cais, numa praia de quietude e morte. Quais seriam os sonhos de meu pai? — e adormecia a me embalar com esse doce devaneio — quais seriam, quais seriam?...

"Angelina" e as fraldas se estendiam no varal. Minha mãe muito pálida debruçava-se ao tanque com um oleado negro resguardando o ventre, e as pernas mais do que nunca se inchavam de varizes roxas.

Aonde andariam os balões de vento, os de côr, os rubros, azuis e verdes? Em que sítios ela os deixara? Deveriam andar além da rua principal — meu Deus, "Angelina" — e no ar cabeceava uma pipa colorida. Deixava-a serenamente, a cauda dançava como serpentinhas. Dava linha, muita linha, a espera de que se perdesse e se confundisse com as nuvens, que lá seguiam como brancos flocos à deriva dos ventos. Aonde andariam os balões de ar que ela ocultava sob as vestes, aonde estariam?... "Angelina", eram as roupas. As trouxas pesavam, mas valia a pena. A cidade... o trem corria, as casas, os postes, as estações... após, o bonde e além das árvores, dos verdes canteiros e da amurada, o mar azul.

As estátuas pálidas pareciam garças. "Angelina, garças?" Sim, eram brancas, lácteas, sujas de limo e se deixavam horas e horas, sempre naquela atitude imperturbável. Portanto, garças. Os navios singravam ou as velas lá iam barra a fora, barra a dentro. Não sabia a razão, mas tinha uma sensação de absoluto e mistério, idêntica à que me proporcionava a pipa de encontro ao fundo azul ou nublado do céu. Dava linha, linha, linha... esvaziava o novelo. Os balões que mamãe ocultava.

Sentia tudo isso diante do mar. "Angelina"... e me aproximava das águas. As ondas eram mais altas do que meus cabelos, do que o teto, do que o mundo, podia sentir nas pernas e nos dedos o contato com as terras dos pólos, da China, da África, porque o mar as toca, soluça aos pés de suas falésias, nas areias ou rochedos de suas ilhas e golfos. E me sentia tão participante e integrada, como a quilha dos navios que merguhavam para além da barra. As trouxas não me pesavam. "Angelina", que prazer ir a Botafogo.

"Angelina" e a mulher de tranças era minha mãe. Os cílios não deploravam, ocultavam-se sob as pálpebras. Não estavam mais raiados de vermelho, nem me envolviam como de costume. Sua face lá estava limpa, lânguida, espartilhada entre as tranças. Pus-lhe uma flor entre os dedos, em troca do terço de suas devoções, cujas contas eram baças e se puseram mais baças depois, pela insistência de minhas súplicas.

"Angelina" e pela primeira vez vi o rosto de meu pai sem a luz das estrélas. Não dizia nada. Deixava-se a um canto como um trapo. Espiava, às vezes, a morta e recalrava um soluço ou uma queixa... Todavia, ao vê-lo pensativo, seu olhar permanecia o mesmo. A bebida não lhe raiava o branco dos olhos de vermelho e posso dizer, que ocultavam a beleza das noites, uma poesia desligada de seus pés, de sua bôca, de seus traços e de seus vícios. Meu pai...

"Angelina" e meu corpo... — como seria meu corpo? Eu tinha quinze anos e a fragilidade de minha mãe. Os sonhos eram cortados por sua voz e seu vulto bêbedo surgia de encontro à luz. "Pronto, meu pai". A sopa fumegava, o café na xícara, e ao banhar seus pés rudes, sentia cada vez mais o mesmo irrefreável mistério diante daqueles olhos. "Angelina" e seu grito estromecia a casa, sua bôca espumava impropérios, um hálito quente e azêdo. Mas calava e adormecia, ao ver que meus irmãos me envolviam a soluçar — "Angelina, Angelina"...

Os olhos de meu pai eram fundos como a noite e dela escondiam o mistério. Sabiam das razões de sua revolta e do gemido de seu pranto; do momento de amor que me deu origem; de todas as palavras de afeto e ternura, que puseram o riso nas faces de minha mãe, sombrias e gastas depois, com tanta lida e mortificação.

"Angelina" e também seus olhos se esconderam sob as pálpebras. Seu rosto barbeado me pareceu menos rude e sofrido, em suas mãos, pus duas flores, uma por mim e outra por minha mãe defunta.

êle num dia, com profundo amor. Gosto de ti, porque és inatural.

E dêle herdei um par de abotoaduras e um missal. Pude assim saber, por seu uso, da sua devoção por Deus. Eu, que sou uma mulher banal, jamais mandaria fazer das abotoaduras um par de brincos, guardaria para um dos meninos, porém, o curioso, é que êle me pediu jamais delas me separar. O missal seria consumido por meus dedos nas novenas e matinas, seguiria o meu soluço quando orasse por êle e minha mãe. Seria, em suma, um missal gasto na eloquência de minha tristeza. E o foi.

"Angelina"... seu olhar guardava ainda o esplendor antigo, embora o rosto fôsse mais obscuro e corroído. Quis tratá-lo em casa, mas o médico me convenceu de que seu mal era incurável. "Não debes fazê-lo, Angelina". "Angelina, Angelina, Angelina" — sua lucidez foi breve, e o delírio longo...

Contemplei o retrato de minha mãe — "Angelina, Angelina, Angelina". Seu semblante pareceu-me calmo, embora no de meu pai, naqueles mesmos olhos, existisse a dúvida, o ciúme e o mistério.

Relembrei de seu vulto recurvado ao tanque, das varizes roxas, de seu pranto freqüente e me deixei quieta sem dizer nada. Os olhos de meu pai me dominavam, aquêle tremor atingiu a minha pele e senti do silêncio, o gargalhar estranho de minha mãe. Meu Deus!

"Angelina, Angelina, Angelina"... era Tiago a me chamar, agora. Tiago entrou em minha vida assim:

— Era pálido, esguio e só. Nós nos encontrávamos na Praça Paris. Era junho, as folhas caíam, tisnavam-se e as amendoeiras eram verdáceas e rubras... As mãos de Tiago eram como asas repousadas, seus dedos semelhavam-se às hastes aflitas de certas flores — aduncos, esguios... E suponho que me casei com êle por sua poesia, por seu inconformismo, ou porque fôsse muito parecido com os personagens dos livros que lia. Tiago...

"Angelina", e não quis ouvir a sua confissão. Êle tinha, como meu pai, uns olhos densos de escuro e aquela mesma luz emanada das estrêlas. Podia contemplá-lo sem incesto, mas havia nêle uma zona perdida, que sentia palpar, mas se dissolvia sob a onda de seu encanto. Tiago...

Tiago penteava-me os cabelos. Beijava-me com carinho. Vestia meus vestidos. Usava meu Chanel e a certas noites, seu pranto, seu andar pelo quarto me punham louca e se eu o chamasse com carinho, lhe inquirindo — "Angelina, Angelina"... e se abraçava a mim num soluço. Tiago... era uma alma delicada e por essa razão, tôda a minha proteção era pouca. Não o achava ridículo nem quis nunca a sua ajuda, porque sempre fui uma mulher forte e habituada à fadiga. Mas êle, não...

— "Angelina — me disse num dia de profundo amor — gosto de ti porque és uma mulher inatural"...

— !?...

— Explico. Desliga-te com tal facilidade de ti mesma e te fazes tão pensamento, que vejo que os ventos te atravessam e te confundem com as migalhas e as folhas. Os teus cabelos se desfaldam, todo equilíbrio se vislumbra na tua face repousada, que se desloca do tronco e passa a ser abstração. Tu te confundes

com o pó, a paisagem e as águas, para multiplicada e decomposta, extraíres o segrêdo e a essência das coisas. Gosto de ti por teu senso poético, cujas leis situam-se, não nas restrições criadas, porém na amplitude das coisas universais.

Gosto de ti, quando em momentos de funda meditação te fazes diáfana e frágil; nas mil luas e flores em que tu te anulas, para ergueres depois, mais compenetrada do que nunca; na tua simplicidade e humildade, motivo dos teus gestos na fabulação do universo. Está aí uma lição, Angelina, da tua grande força, cuja chave anda na mutilação, no sacrifício e na renúncia, como fazem os místicos e os santos."

"Angelina" e passou a sair à noite. Não houve mais soluços, luzes apenas em seu rosto, treva abismal nas suas pupilas.

Um dia me vi ao espelho, meu Deus, descobri em mim o mesmo aspecto desolado de minha mãe. Eu vivera em tal plenitude o meu amor, que me humilhava e sofrera, sentindo-me desligada fisicamente das coisas, a viver apenas na profundidade do espírito.

"Angelina, Angelina, Angelina" e todo o espanto lhe congestionou a face, estremeceu-o, e eu não o quis ouvir nas suas razões. Dei-lhe então o par de abotoaduras como empenho de que jamais lhe perguntaria nada, e sei, sim eu sei, que Tiago passou a usá-las como se fôssem brincos — brincos de Angelina, vestidos, perfumes de Angelina...

Tiago escrevia versos. Sempre li muito e hoje me culpo por ter sido tão etérea... "Mas Angelina, se tu não o fôsses, jamais conceberias êsse amor". Sim, foi por essa mesma razão que o pude amar, porque era absurdo e suas dimensões ultrapassavam do comum. Os meus vestidos em seu corpo tomavam uma graça alada e eu me via num daqueles sonhos por sobre as águas, diáfana, a me abanar. Ninguém gritaria mais "Angelina, Angelina, Angelina"... Tinha a posse de meu sonho e sabia que aquêle olhar de Tiago era a ternura e o sortilégio de meu pai. Não serviria mais a sópa, nem lavaria seus pés tão absorta a espiar seus olhos.

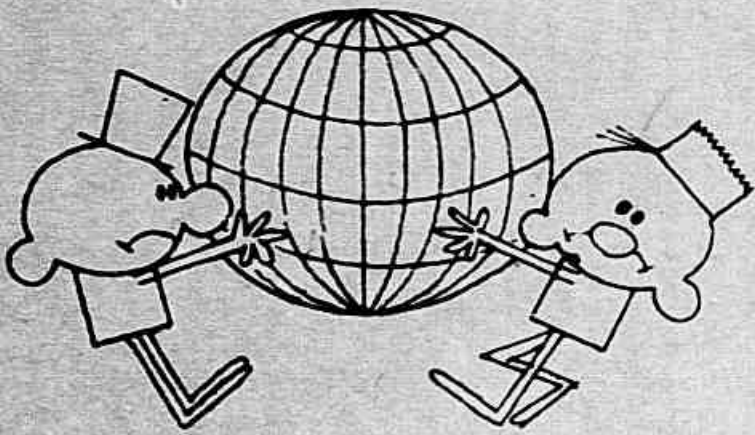
"Angelina"... e Tiago foi a noite. Pólux, Ursa Menor, Caciopéia, as de Capricórnio — tôdas elas lambusavam seu rosto de luz, embora eu não as identificasse particularmente.

"Angelina, Angelina, Angelina"... foi a carta mais patética que já li. Tiago se fôra com um amigo e me deixara as abotoaduras, que meu pai me pedira que guardasse. Hoje, sou uma mulher de rosto e olhar tristonho, os meus tédios não conhecem dimensões, e há momentos que me transfiguro e me deixo estar no abandono das meditações. O sumo das plantas passam por minhas veias, faço-me líquido e inseto. Tenho a impressão de que consigo, através da desintegração, chegar a essência e conhecer, transfigurada, a centelha primitiva que concebeu o universo. E só assim, encontro as mãos e os lábios de Tiago e os sinto banhados de orvalho, de luz, em plena treva inicial.

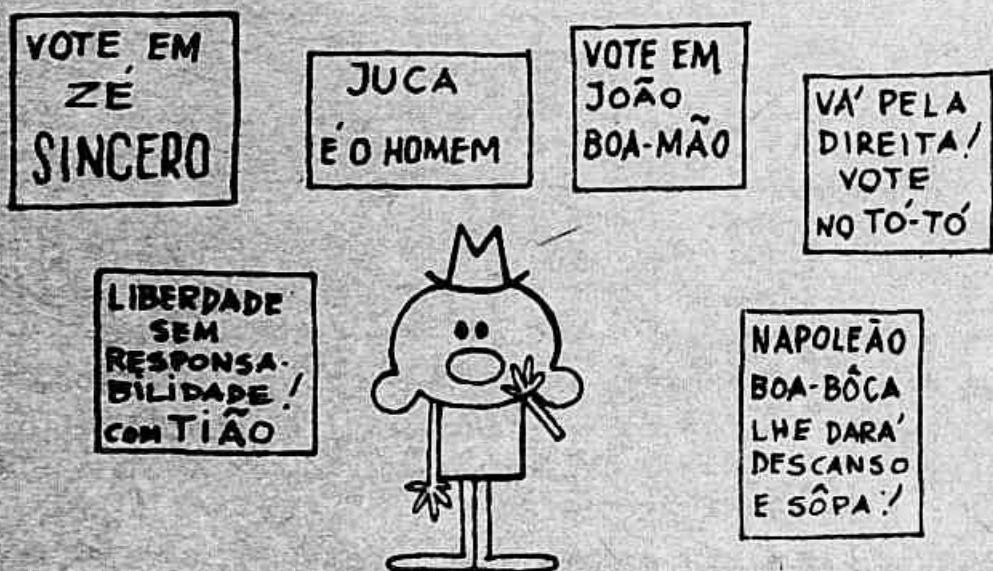
Hoje, o Angelina soa como fatia de um poema nunca escrito, e quem me vê passar, se admira da mulher etérea, que usa, às orelhas, uns brincos de ágatas tão estranhas. Nunca saberão, porém, que nesses brincos, vai a tragédia de seus amôres...

AMBRÓZIO

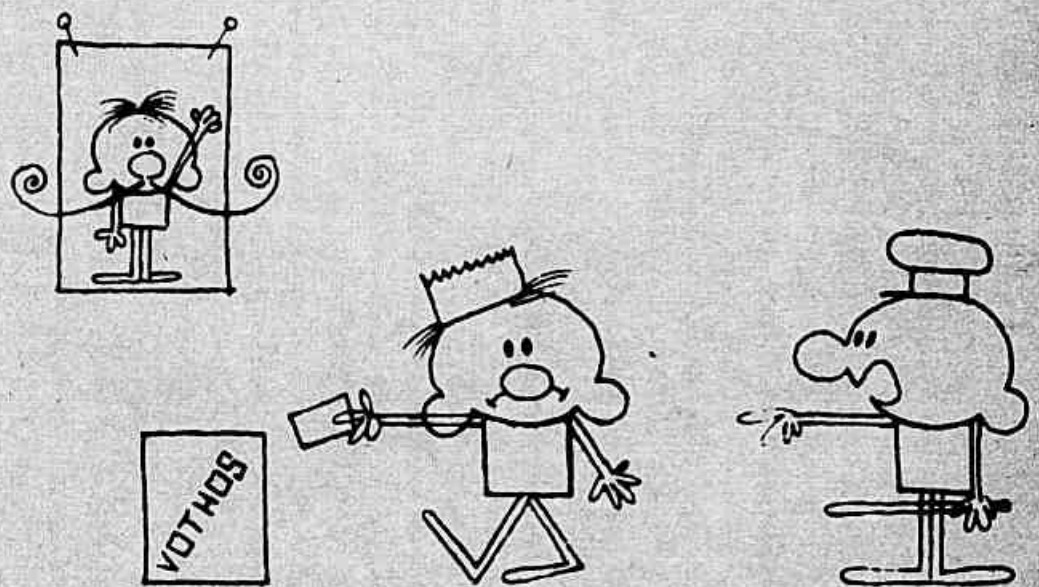
OCIDENTE x ORIENTE



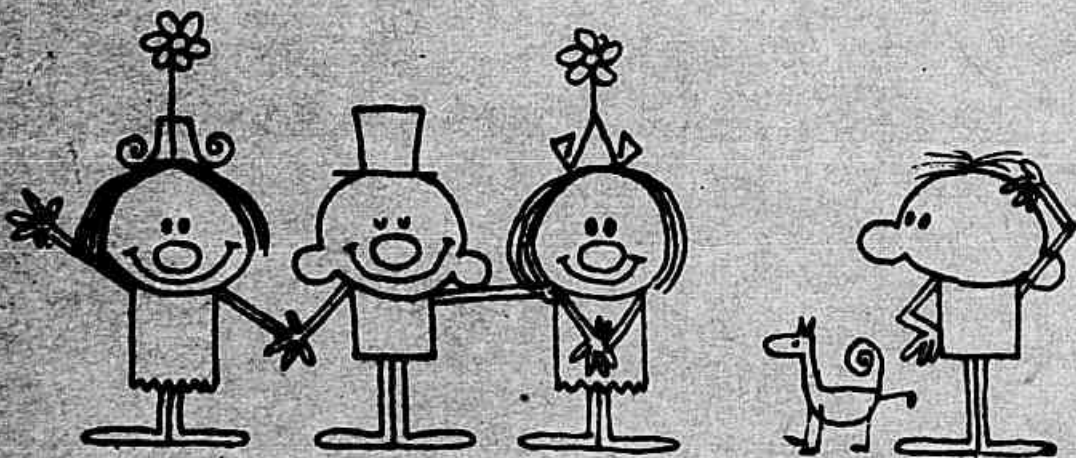
1 O Mundo atual divide-se em dois hemisférios política e economicamente opostos: Ocidente e Oriente.



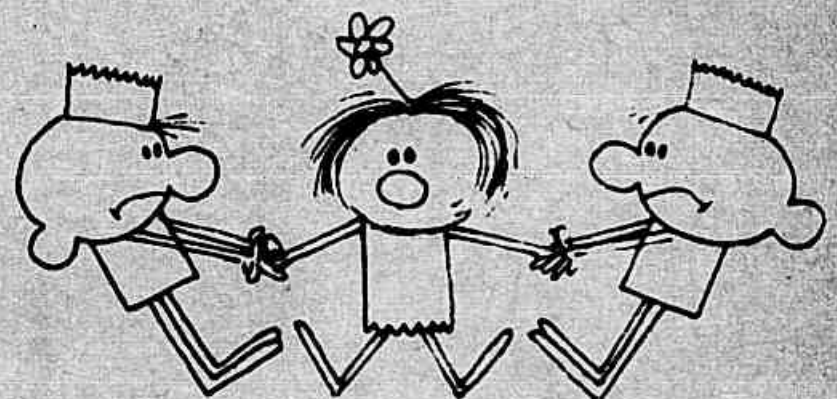
2 No Ocidente é livre a escolha pelo povo dos responsáveis pelo Governo...



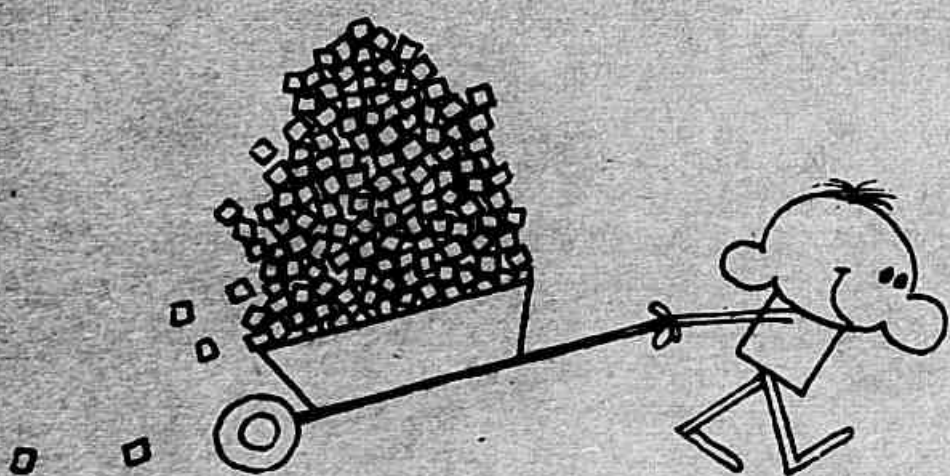
3 No Oriente, o Governo é eleito... pelo próprio Governo...



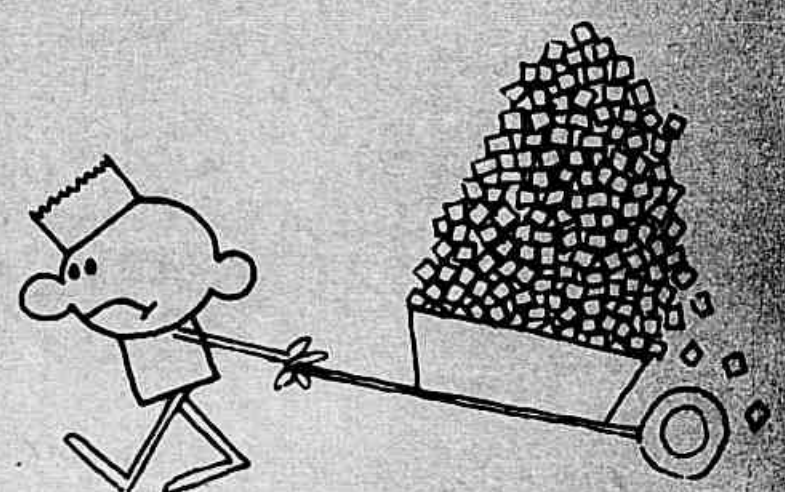
4 No Ocidente, existe a livre iniciativa, o capitalismo privado...



5 No Oriente, prevalece o comunismo, tudo é de todos, nada é de alguém...



6 No Ocidente, o cidadão tem o direito de escolher a profissão, que mais gosta...



7 No Oriente, cada qual faz o que lhe mandam...

TRAPÉZIO

OSÓRIO NUNES

PANORAMA

NEM PETRÓLEO NEM CAFÉ. Magnólias. Eis os resultados, em síntese da viagem do Secretário de Estado John Foster Dulles ao Brasil, apurados após o encerramento das festividades oficiais e o retorno a Washington.

O Secretário de Estado entrou, com sua visita, na guerra psicológica desencadeada pela URSS a fim de perturbar os EE.UU. dentro de seu próprio "quintal", a também chamada América Latina. Mas não veio com armas econômicas por dois motivos principais. Com relação ao petróleo: o governo brasileiro preparou-se para conversar com o sr. John Foster Dulles dentro da legislação vigente, isto é, sem afastar o monopólio estatal representado pela Petrobrás. (Atitude incompreensível para norte-americanos). Relativamente ao café: o governo dos EE.UU. não pode prometer muito nesse campo, dado que as condições atuais o favorecem. (O Brasil está perdendo a liderança da produção de café, o que força a baixa de preços, e a concorrência é estimulada pelas plantações com capitais norte-americanos na África). Querer esperar mais, é desejar demais. (Nem, mesmo, talvez, se Nixon reprisasse a sua viagem com todos os acompanhamentos...) Por isso, a missão entrou para o terreno do simbolismo. Dulles plantou magnólias.

NENHUM RESULTADO financeiro considerável advém da viagem. O empréstimo de 150 milhões de dólares, feito pelo Banco de Exportação e Importação, à luz da realidade, tem valor também quase simbólico. Trata-se de dinheiro destinado a saldar, nos próprios EE.UU., dívidas comerciais do Brasil recentes e que não foram salgadas pela queda da receita nacional em dólares. Corresponde a uma virtual transferência de pagamento. A longo prazo atenderemos a esse compromisso, ora contraído, para saldar desco-

bertos atuais. O montante do empréstimo não terá influência, portanto, na cotação do dólar no Brasil.

RESTOU A OPERAÇÃO PAN-AMERICANA. Impulso lírico, apresentado como objetivo, a Operação Pan-Americana corresponde uma idéia generosa que, segundo se revela, já estava em curso no Itamarati antes da saída do chanceler Macedo Soares. O Presidente Juscelino teve o senso de oportunidade de lançá-la com grande estardalhaço, na hora em que ainda ecoavam as pedradas sobre o carro do Vice-Presidente Nixon, em Caracas. Jogou-a com tanta força, que se estabeleceu a prevenção nas chancelarias continentais. Nem os Estados Unidos estavam interessados em solidarizar-se com a tese, expressa daquele modo. Pensava-se que o governo brasileiro queria agir por cima da OEA e dos organismos diplomáticos habituais. Não tendo efetuado consulta prévia às nações interessadas e falando em seu nome, o Presidente brasileiro expôs-se a uma série de consequências políticas externas, que começam a aparecer, não obstante o apoio encontrado por parte do sr. John Foster Dulles.

A COLÔMBIA ENCABEÇA A REAÇÃO. Ao mesmo tempo que recebia os enviados diplomáticos do governo brasileiro, o presidente Lleras Camargo (ex-secretário geral da OEA, Organização dos Estados Americanos) realizava uma conferência de chanceleres de seu país, da Venezuela e do Equador. Ao final, foi expedida uma declaração que constitui verdadeira oposição à Operação lançada pelo Presidente Juscelino e sugere aos demais países que se unam em atitudes semelhantes.

Assim terminou a semana, com a Oposição criticando a forma adotada na política externa pelo governo e pedindo a JK que tenha mais prudência nas suas andanças internacionais, pois o santo é de barro e a procissão mal começou...

★ *Morto o almirante Alves Câmara, periclitou o equilíbrio político na Marinha. O falecido Ministro (tão necessário, que fazia parte da Reserva Remunerada) estava no cargo por um acordo "intra-muros" a que não seria estranho o sr. Plínio Salgado, um dos fiadores do 11 de Novembro.*

★ *Agora, quem vai manter o equilíbrio na Marinha? "Maquisard" vai ter que procurar outro alvo.*

★ *Lúcio Meira (primeiro lugar em todos os cursos da Escola Naval) seria o ministro natural da Marinha, se não estivesse tão preocupado com o Ministério da Viação.*

★ *O sr. Fernando Nóbrega estava psicologicamente preparado para dirigir o Ministério da Agricultura quando foi surpreendido com o convite para o Ministério do Trabalho. Fernando Nóbrega (boa administração no Banco de Crédito Cooperativo) encontra-se, agora, meditando sobre os problemas do M.T.I.C., prudentemente, sem manifestações exageradas.*

★ *As mulheres petebistas (Distrito Federal) são dirigidas por um colegiado, cujo presidente é revesada de três em três meses. A Liga Feminina Trabalhista (luta pelo sr. Lutero Vargas) é dirigida, agora, pela*

sra. Jandira de Castro. O que mais as preocupa: o problema dos preços.

★ *Ao chegar para o lançamento de "Presença na Política", seu quarto volume de memórias, perguntaram a Gilberto Amado se ele ia candidatar-se à Academia e ele respondeu: "Deve ser o outro. O outro Gilberto do tempo da coleta de títulos".*

★ *O sr. Carlos Luz está se recuperando politicamente. Foi passar o aniversário entre*

os eleitores da Zona da Mata, reduto eleitoral que o torna tão forte que o PSD mineiro não pode prescindir do ex-Presidente.

★ *Os economistas esperam ganhar o mandato de segurança contra a nomeação do sr. Eurico Sales para o Conselho Nacional de Economia. Será necessário outro posto para o ex-ministro da Justiça e muitos outros cargos semelhantes não poderão mais ser preenchidos ao arbitrio do Governo.*

FIGURAS, FATOS E FUNÇÕES



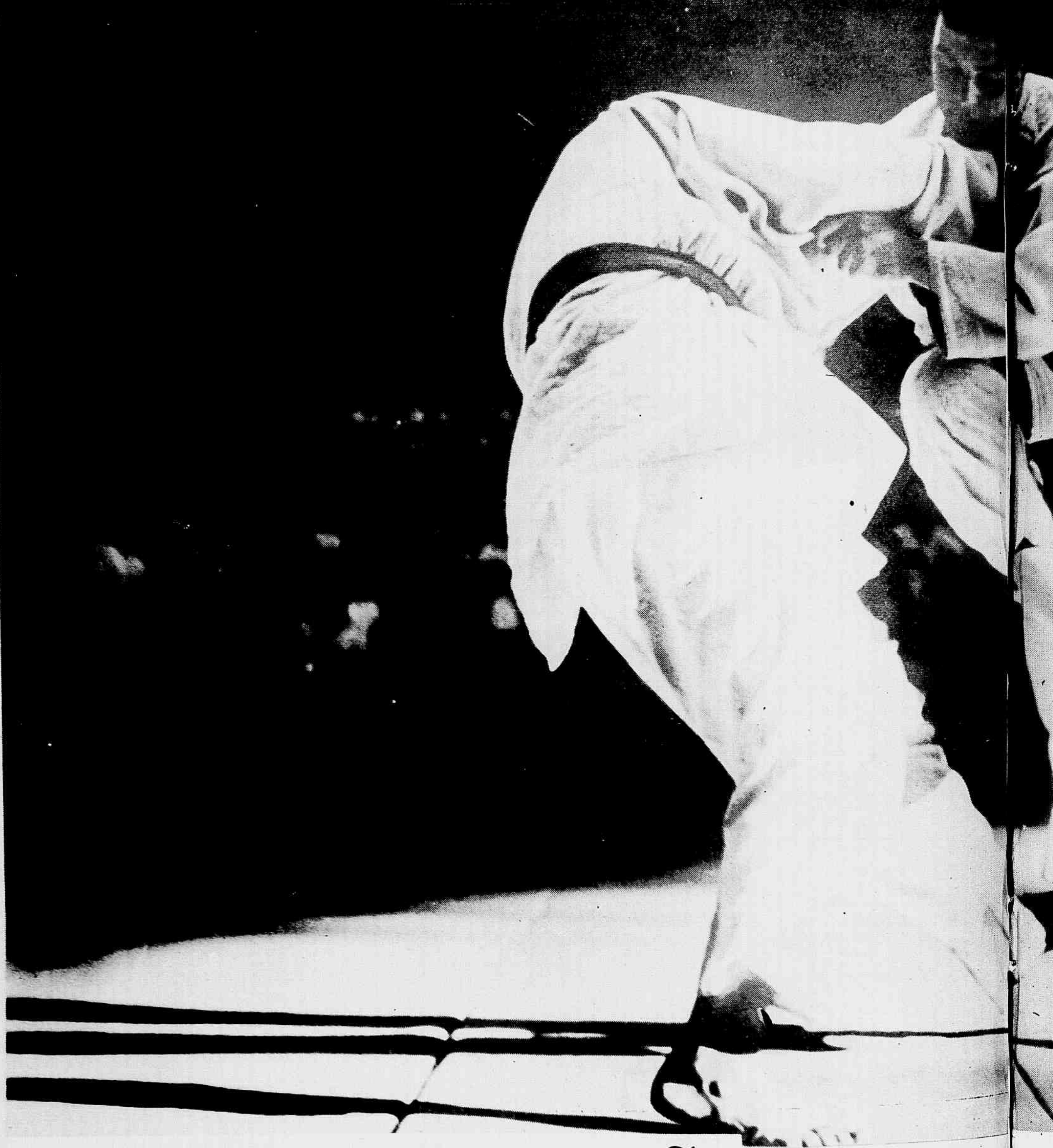
Carlos Luz.



Fernando Nóbrega.



Alves Câmara.

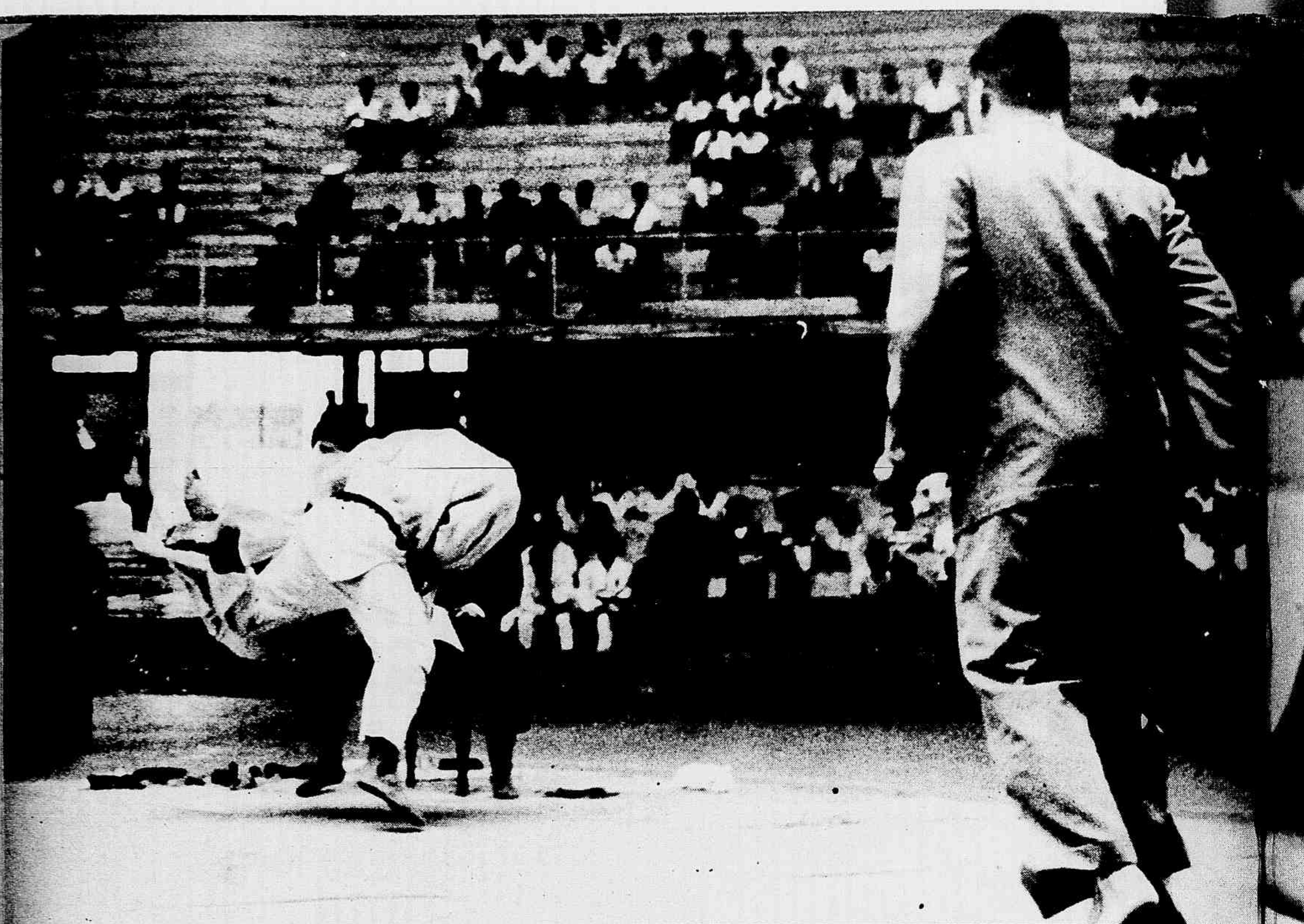


BRASIL: CAMPEÃO PAN-A

JUDÔ EM TEMPO DE BALLET: LUÍS ALBERTO
MENDONÇA — DO BRASIL — SAGRA-SE CAM-
PEÃO DERROTANDO O NORTE-AMERICANO NED



I-AMERICANO DE JUDÔ !

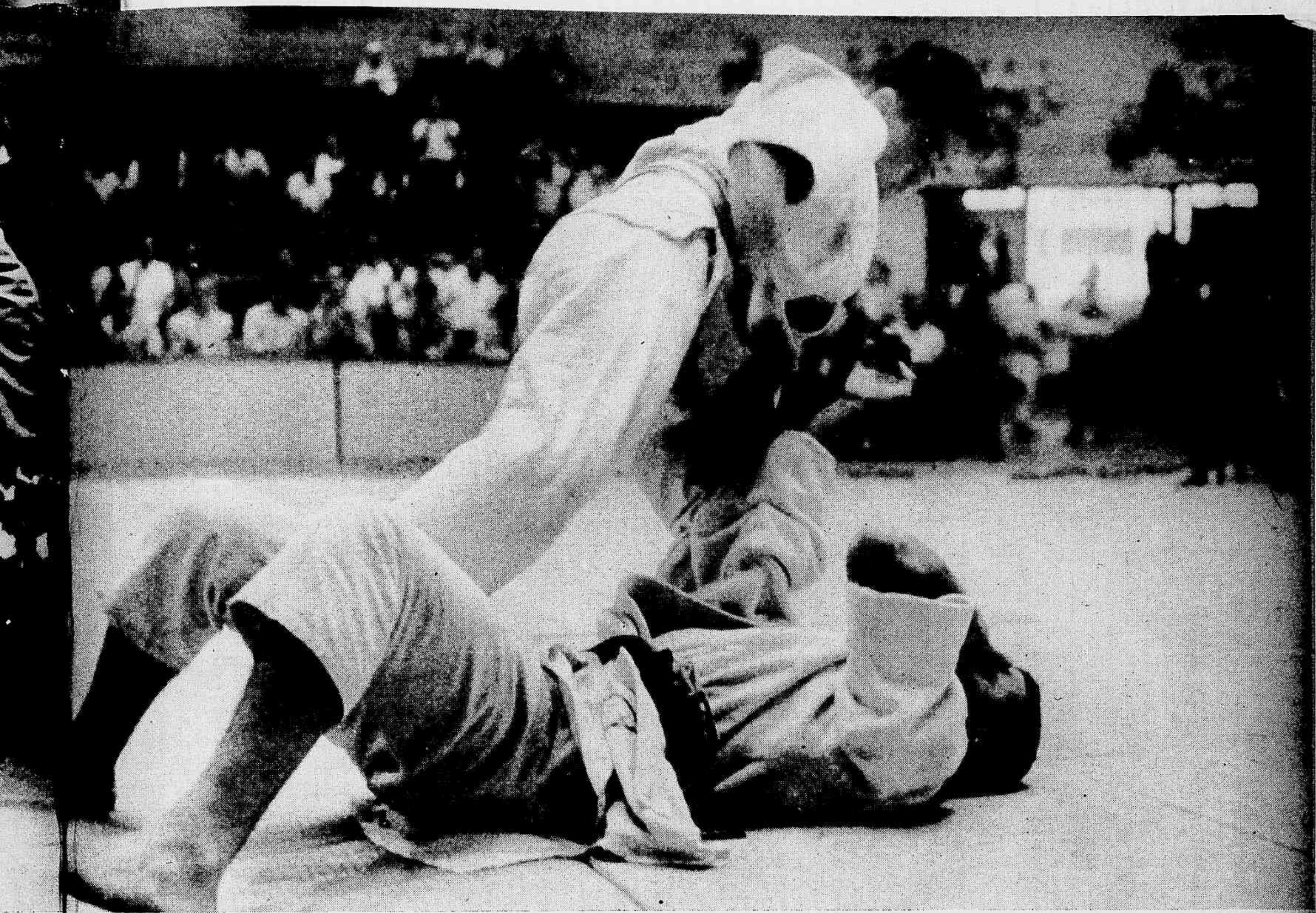


KAWAKAMI, PENTACAMPEÃO ABSOLUTO DO BRASIL, LIQUIDA O ARGENTINO YAMAMOTO, APLICANDO O SOTOGARI.



COM A PARTICIPAÇÃO de Brasil, Argentina, Estados Unidos, México e Cuba, foi iniciado no dia 9 o III Campeonato Pan-Americano de Judô. O certame foi dividido em três fases distintas: a primeira no Rio (Maracanãzinho), dias 9 e 10, com a disputa dos campeonatos individuais; a segunda dias 14 e 15 em Belo Horizonte (Minas T.C.), com a decisão do título por equipes; e a terceira etapa, a final, no dia 17 em São Paulo (Ibirapuera), em que foi conhecido o campeão pan-americano absoluto, isto é, o judoka que após lutas sucessivas obteve maior número de vitórias, em tôdas as classes. Neste torneio, competiram lutadores das duas categorias (kiuws) superiores do judô: faixa marrom e faixa preta, sendo que os judokas faixa preta subdividem-se em graus (dans), de acôrdo com as respectivas capacidade técnicas.

O esporte está na ordem do dia no Brasil. Além da "Copa", conquistamos neste ano vários títulos continentais no esporte amador. Está chegando a vez do judô ganhar a sua cota de celebridade neste feliz 1958. É verdade que a grande maioria do público mais ambientada com as lutas de box ou vale-tudo encontra um panorama bem diferente ao assistir a um espetáculo de judô. O "ring" é substituído por quadriláteros superpostos quase ao rês do chão, semelhantes à tapetes forrados de palha. A luta é precedida e encerrada por um cerimonial religiosamente cumprido, a comando do árbitro (terno, gravata e sem sapatos, no Maracanãzinho). Um dos detalhes que causa mais sensação no público é o grito rouco com que o judoka por vêzes acompanha certos golpes que desfere ou recebe, certamente repetindo a atitude dos ancestrais mestres japoneses. Este grito chama-se kyak, e auxilia o lutador a desenvolver a força muscular na aplicação de uma chave.

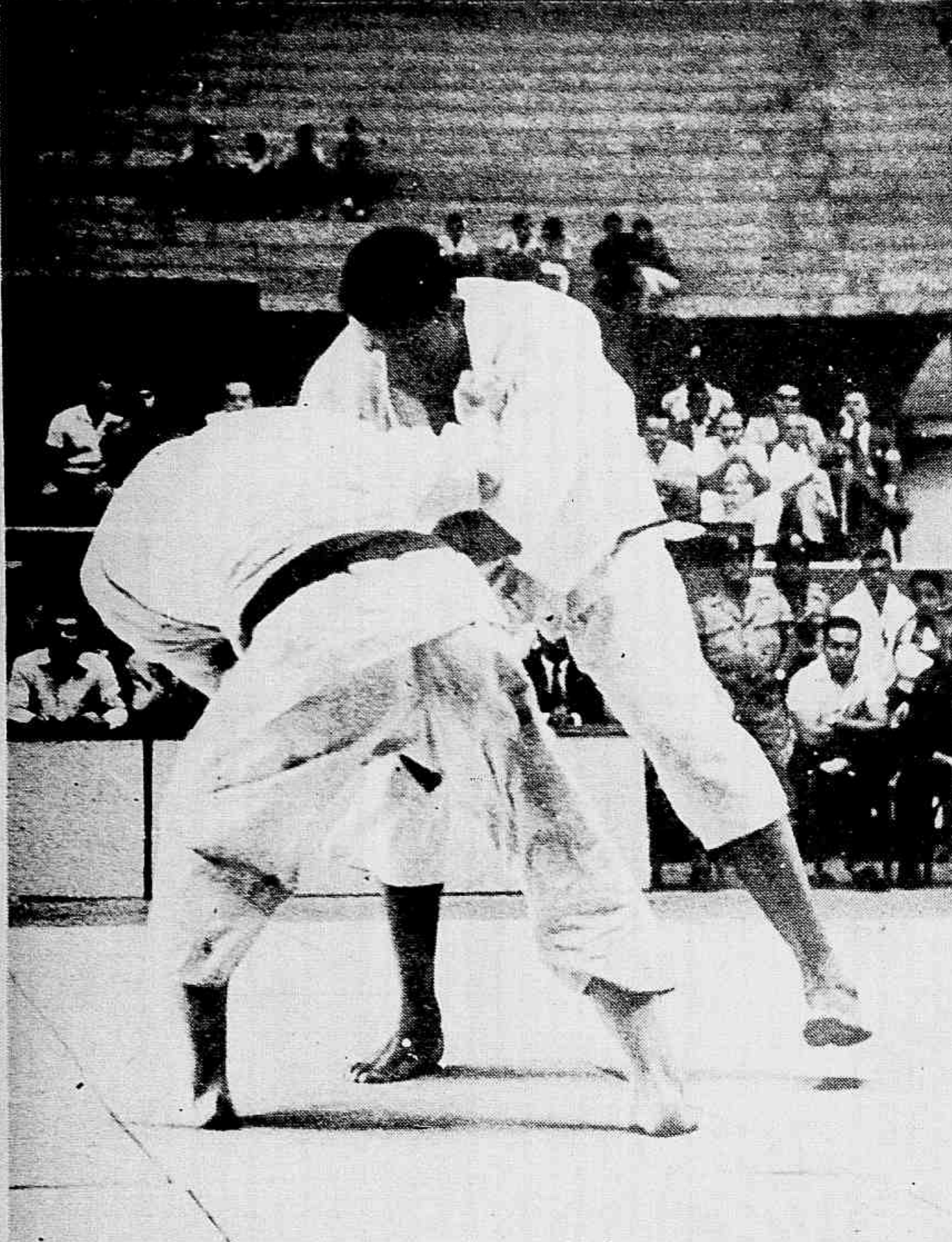


UCHIMATA DE YOSHIWO (BRASIL) EM GOLDSMITH (MÉXICO). O REPRESENTANTE DO BRASIL É CARREGADO EM TRIUNFO.

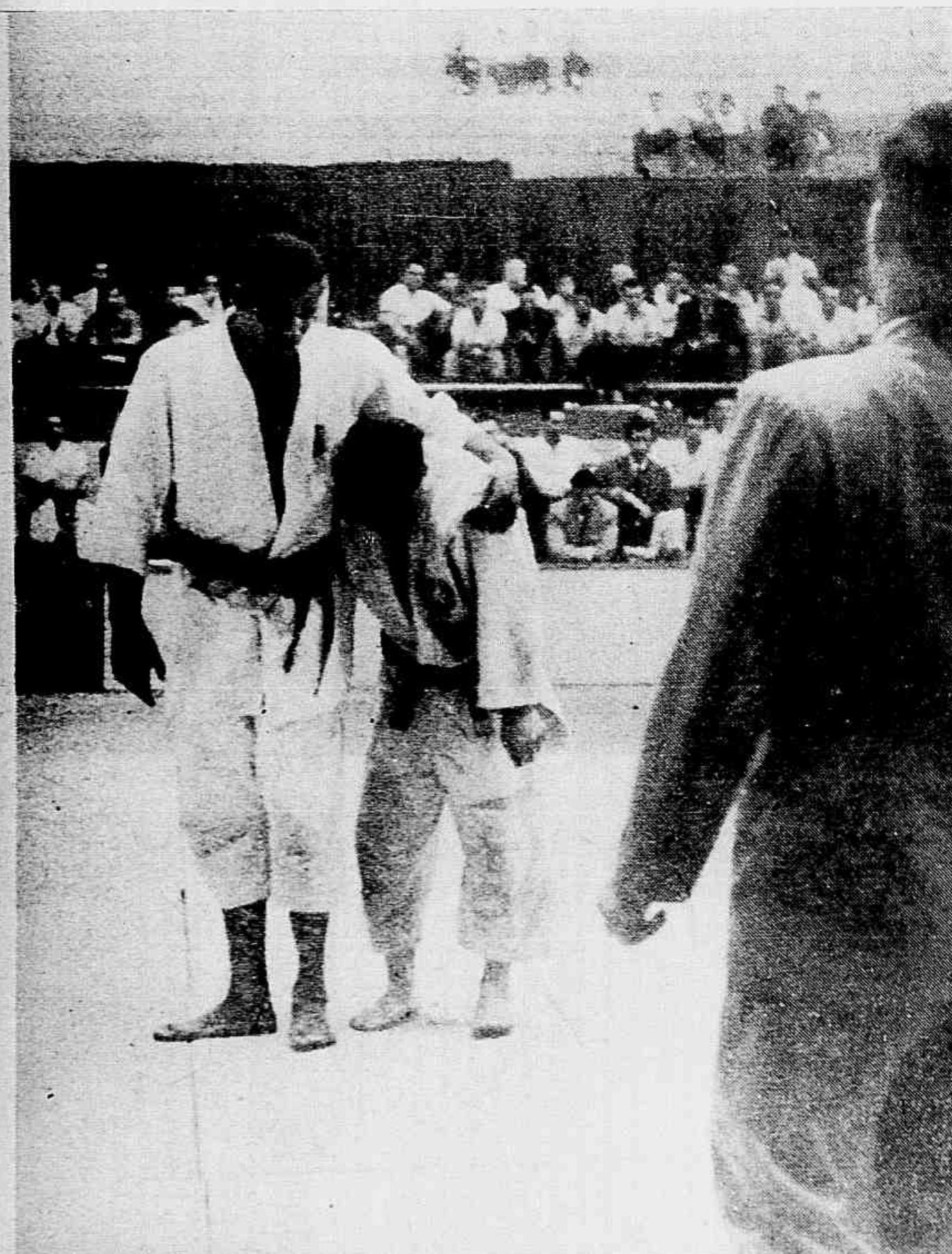
idos,
Pan-
dis-
com
e 15
o por
(Ibi-
oluto,
mero
luta-
mar-
em-se
nicas.

opa",
porte
ele-
ia do
o en-
lo de
quase
luta
cuni-
s, no
o pú-
certos
e dos
uxilia
uma





O GIGANTESCO norte-americano Williams (2 metros) consola Hanako Kurashi, do Brasil, depois de o derrotar a duras penas.



Campeões absolutos: Kawakami e Harris empatados.

O Campeonato Pan-Americano de Judô, em sua primeira fase, foi comprometido pela coincidência dos horários das lutas com os jogos do Campeonato Carioca de Futebol. O grande público que se interessaria pelo desenrolar do certame, principalmente em vista das destacadas possibilidades da equipe brasileira, viu-se privado de prestigiar em massa o acontecimento.

A torcida que compareceu ao Maracanãzinho não foi das maiores, portanto, e em sua maior parte formada por iniciados no judô, muitos deles acompanhando os combates com binóculos, fazendo comentários técnicos e aplaudindo imparcialmente o melhor lutador. Entretanto, quando se travavam os confrontos tipo David x Golias, como os que reuniram os pequeninos brasileiros Kurachi e Kawakami contra os gigantes americanos Williams e Harris, o público vibrava apaixonadamente. Não se pode afirmar, neste caso, que se tratava do clássico duelo de técnica contra força, porque aqueles que representariam a força, os "colored" norte-americanos, são portadores de uma habilidade incomum para o esporte, fazendo do físico uma garantia complementar para a exatidão dos golpes que aplicam.

A representação dos Estados Unidos é a favorita do Campeonato. Trouxe um judô com a reputação de segundo melhor do mundo, só batível pelos insuperáveis japoneses. George Harris, que conquistou domingo o título de campeão individual do 4.º dan, faixa preta, é bicampeão absoluto dos Estados Unidos. Harris foi apontado desde o início, quase que unânimemente, como o mais provável campeão absoluto pan-americano. Foi ele quem derrotou no Maracanãzinho ao cinco vezes campeão absoluto do Brasil, Massayochi Kawakami, grande estrela da nossa equipe.

Além do vice de Kawakami, o Brasil já conquistou brilhantemente outros quatro títulos pan-americanos. São eles: Campeão individual Yoshio Anraka, faixa marrom (1.º kiuw), vencendo ao argentino Florentino Alonso; Campeão individual Luís Alberto Mendonça, faixa preta, 1.º dan, batendo Edmund Ned, dos Estados Unidos (Mendonça já se sagrara em 56 campeão pan-americano faixa marrom); Campeão individual Shonji Hinata, faixa preta, 2.º dan, que obteve duas vitórias das mais espetaculares: um relâmpago (dez segundos) sobre o mexicano Hernandez e outra, a decisiva, contra o bom lutador norte-americano Jerome Reid aplicando sensacionalmente o seiotoshi. Tivemos ainda um outro vice-campeonato, obtido pelo faixa preta, 3.º dan, Manabo Kurachi batido por Lewood Williams, dos Estados Unidos. Foi um combate renhido, a despeito da desproporção física notável. Williams com quase dois metros de altura e Kurachi não chegando à cintura. E o americano só conseguiu a vitória através de dois suados meio-pontos. Kurachi, derrotado da maneira mais honrosa, deixou o tablado em prantos, nos braços dos companheiros.

Na etapa de Belo Horizonte, o Brasil levantou o título de campeão pan-americano por equipes. A finalíssima foi disputada com os grandes favoritos norte-americanos, verificando-se inicialmente um empate de 3x3. Houve a prorrogação e a vitória brasileira então foi esmagadora: 5x1. Para a conquista deste título, louve-se a tática do Brasil, de colocar Kawakami contra Ned (obtendo assim um ponto garantido) e Akira contra Harris, lutando Akira exclusivamente para o empate, o que veio a conseguir por duas vezes.

E em São Paulo mais um grande feito seria perpetrado pelo Brasil: o grande Kawakami resistiria a Harris após várias prorrogações, logrando assim dividir o título de campeão pan-americano absoluto com o estadunidense.

se, foi
m os
o que
e em
viu-se

iores,
judô,
zendo
or lu-
David
urachi
arris,
neste
fôça,
norte-
ara o
ara a

meo-
or do
Harris,
do 4.º
Harris

mo o
quer
to d
ipe.

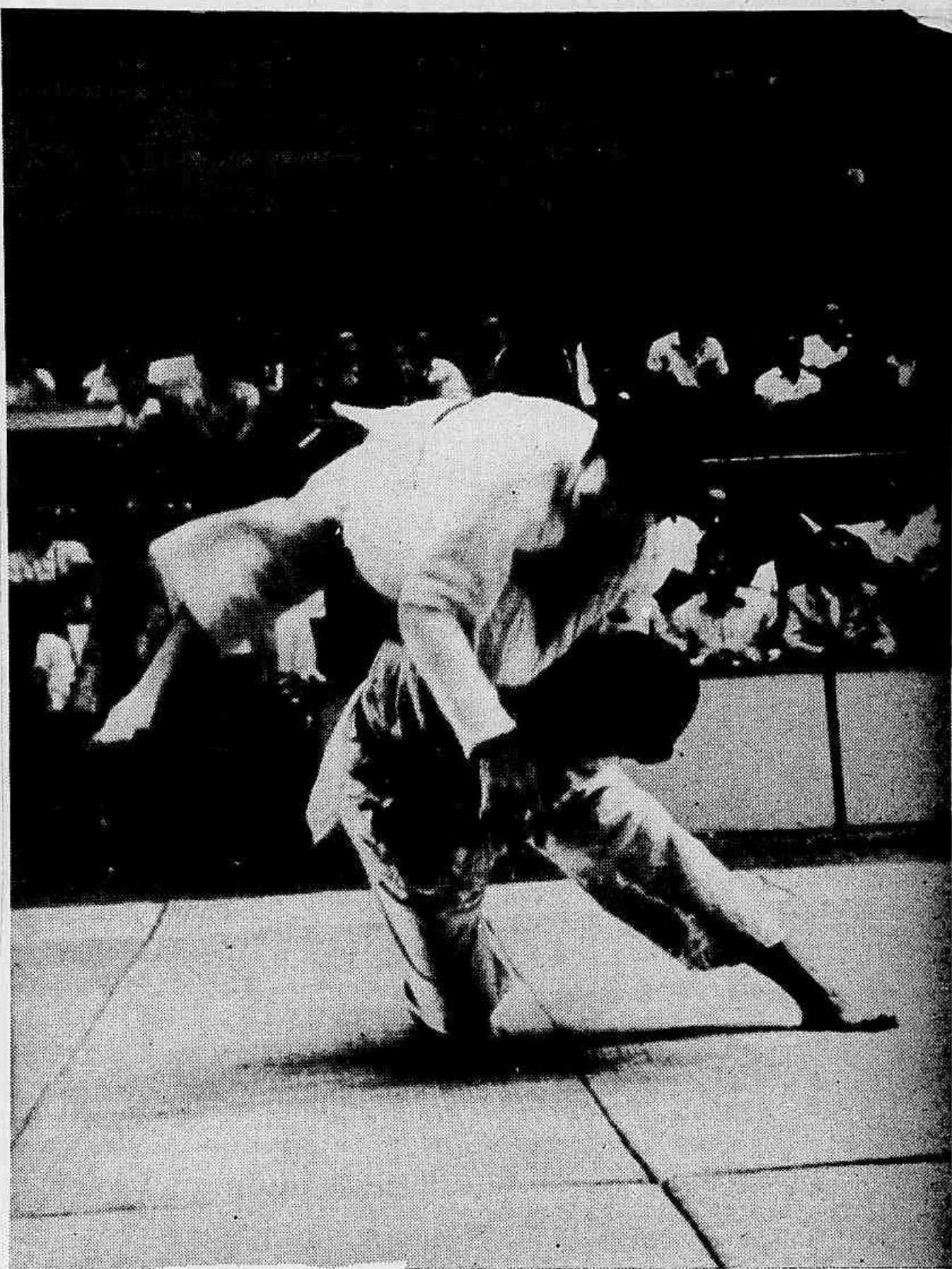
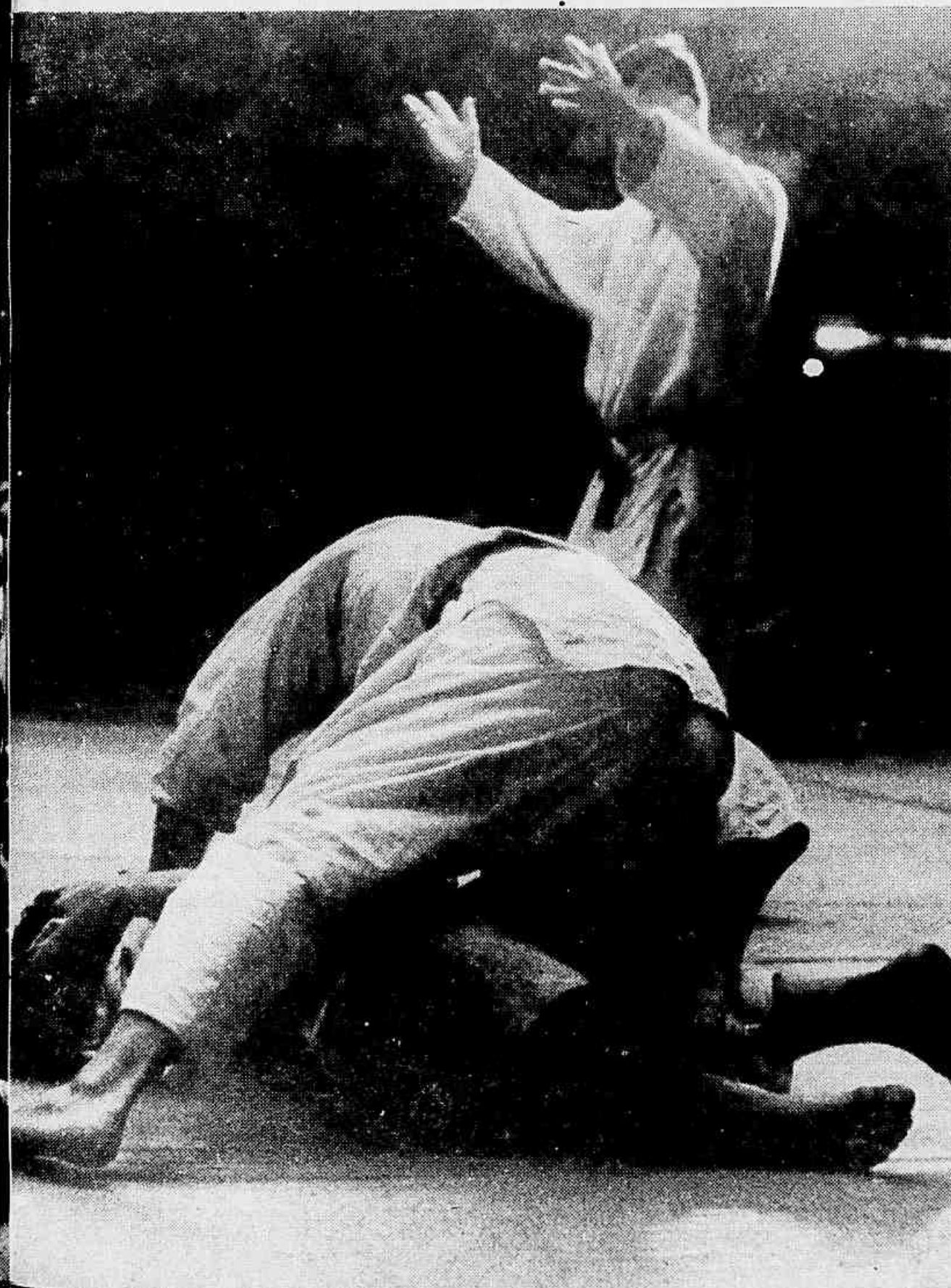
nante
meão
acendo
lberto
stados
ricano
preti,
um
outra
Reid
outro
rachi
com
otáveis
o ih
través
mais
mpa-

cam-
a com
mente
ileira
ve-se
tendo
Akira
duas

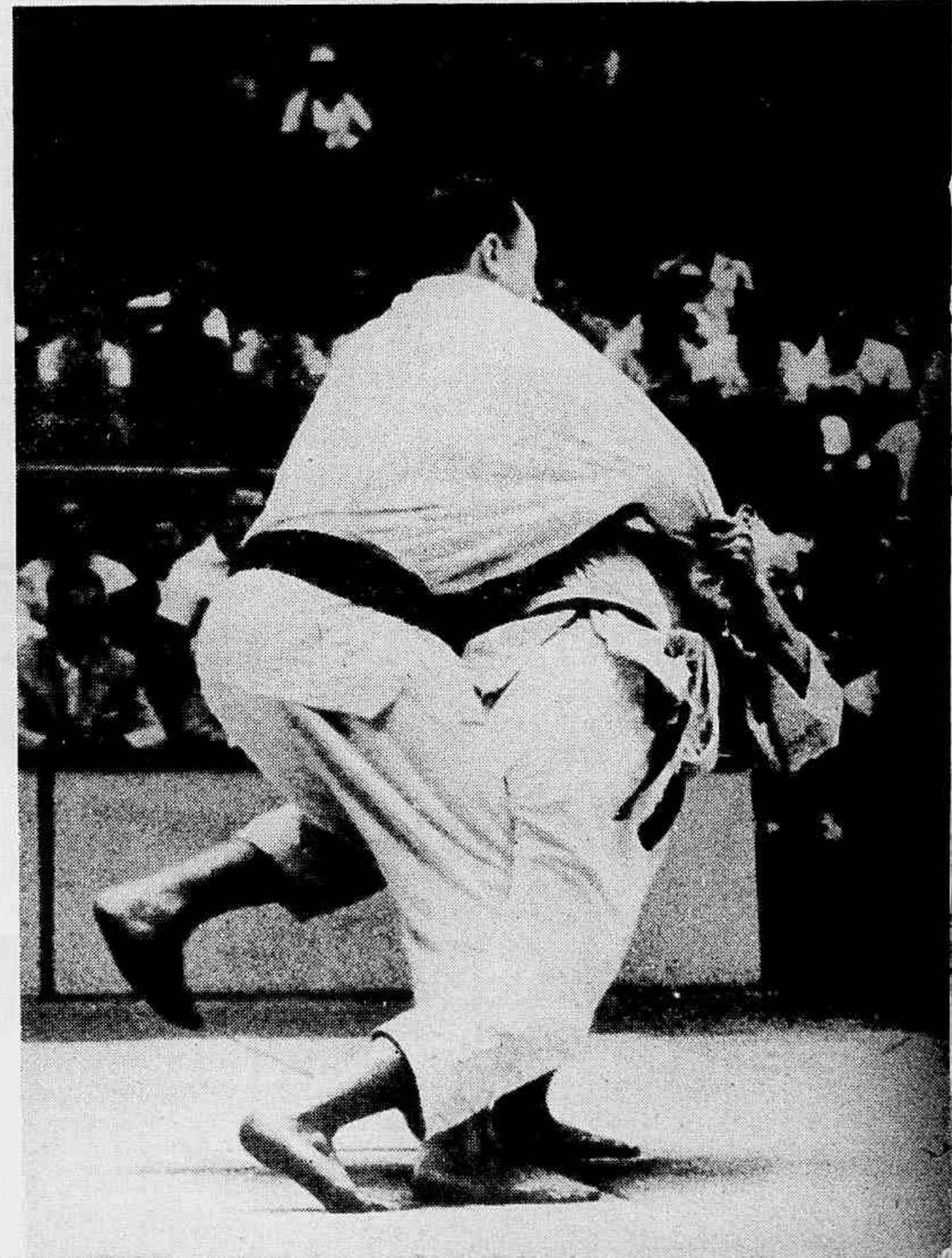
pelo
pror-
meri-



LUTA NO CHÃO e tentativa de "osototoshi": Mendonça repete o feito do Pan-Americano de 1956, levantando um título em 58.



HINATA (BRASIL), rei do "seoiotoshi" no Pan-Americano: Reid, dos Estados Unidos (ao alto) e o argentino Moreno decolam.



SAPATOMANCIA



SEMPRE ACHEI — e naturalmente todos também acham, pois sou uma mulher banal, pensando como a maioria — que os objetos de uso pessoal parecem, em geral, muito com os seus donos. Tomam a forma dos sonhos e das ambições de seus proprietários, são capazes de contar atitudes dignas ou vis, capazes de falar de erros passados ou de conquistas das vésperas.

Nesses objetos, para mim os sapatos ocupam o primeiro plano. Um homem — ou mulher — marcam nos sapatos não apenas a maneira de andar mas até de pensar, de agir; não tive portanto nenhum espanto lendo uma notícia recém-publicada por um jornal desta cidade, contando que um gerente de grande loja de calçados em Londres, homem experimentado na profissão, conhecedor da influência do sapato na vida dos compradores, tenha criado uma ciência novíssima a que chamou a Sapatomancia. Pela forma dos pés, tamanho dos dedos, curvas de plantas, forma de tornozelo e do calcanhar, o ilustre (deixemos cair sobre ele o justo qualificativo) inglês sabe e acha que todos podem saber, o caráter do cliente, seus sentimentos, defeitos, vícios, tendências e até suas qualidades.

Naturalmente quem cria uma ciência vai buscar em épocas distantes o fio da meada até à descoberta final e, por isso mesmo, o britânico sapateiro relembra o conceito "sapatos grandes, cérebro pequeno" e afirma que de há muito os pés são julgados um pouco o álibi e a vítima do cérebro. Exemplifica: "quando se faz mal alguma coisa se diz que ela foi feita pelos pés". Aquilo que na nossa língua brasileira dizemos: "meteu os pés pelas mãos".

Eis-me de acordo com a Sapatomancia e, por isso mesmo, na obrigação de divulgar o descobrimento da nova ciência que poderá ter escapado a muita gente. Os sapatos podem dizer a qualquer um de nós, na hora em que olharmos os pés que os calçam, se estamos diante de uma criatura boa ou má, digna ou indigna. É verdade que diante de certas descobertas, nunca devemos aceitar cento por cento as afirmativas teóricas que elas encerram. Um homem desempregado, miserável, usando rotos sapatos, está contando sua tragédia de tal modo, que será impossível verificarmos, através da sola esburacada, dos fios poidos se seu caráter é bom ou mau, se é um homem capaz de trabalhar e reerguer-se ou se não tem capacidade de reação, de tal maneira deixou-se dominar pela miséria, passando definitivamente a fran-galho humano.

O jornal desta cidade, apresentando a nova teoria, fez ironias. Pensou numa seção nas revistas, substituindo os consultórios sentimentais (tão prejudiciais, que deviam ser condenados) na qual se leria: "mande-me um sapato da pessoa que deseja analisar e nós lhe diremos tudo a respeito dela". Lembrou ainda a possibilidade de ser descrito por um romancista: "... um homem bem

vestido, mas as linhas truculentas de seus sapatos não revelavam nada de bom". Lembrou também que um conquistador, no momento mais alto de uma declaração de amor, podia ouvir, do objeto amado uma frase assim: "não adianta tentar enganar-me. Leio nos seus sapatos a sua falta de sinceridade".

Creio que houve grande injustiça do mencionado órgão de nossa imprensa com a descoberta londrina. Aprender a ler o destino ou o caráter das pessoas nos sapatos será coisa exigindo longos estudos, academias próprias. Até hoje muitas criaturas se enganam com os semelhantes porque nunca leram ou procuraram saber aquilo que chamo a psicologia trivial. É verdade que nosso querido povo carioca tem uma frase que já deixa transparecer a possibilidade de julgamento de qualquer um diante de certas pessoas: "está na cara".

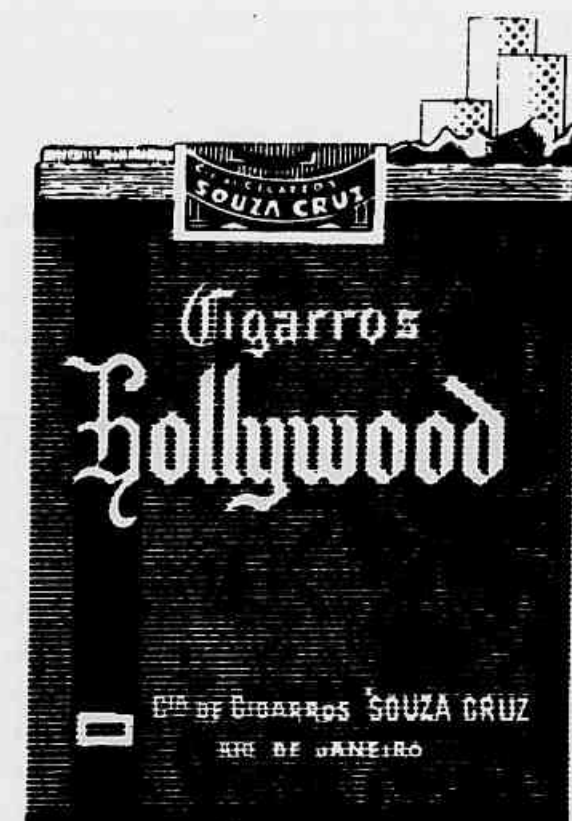
Se está na cara a malandrice, a falta de caráter, o tom safardana, é mais do que natural que também estejam nos sapatos as definições da pessoa a quem acabamos de conhecer ou que conhecemos há muito. Não acho possível que possamos julgar alguém pelos sapatos sem antes conhecermos profundamente a teoria da Sapatomancia.

Os sapatos. Já foram baratos, hoje são caríssimos. Como são bonitos os sapatos que as mulheres agora ostentam com bicos tão longos que parecem cisnes prontos para serem comemorados num soneto de Júlio Salusse. Já vi um homem muito pobre um dia, conversando numa vitrina com sapatos. Havia vários e de todas as cores e ele conversava com todos, numa intimidade de quem é amigo velho. Sapatos leves das mulheres, os delicados, espirituais sapatos brancos de verão também chamados sandálias. — Os sapatos de duas cores caíram de moda, disse outro dia um cronista mundano. — Como estão caros os sapatos, uma vergonha. — Viste, aquele sapato é lindo, mas custa Cr\$ 2.500,00.

Antes de comprados nada significam; são apenas sapatos. Mas depois que se adaptam ao proprietário ou à proprietária, ficam os sapatos de Margarida, os sapatos de Aristóteles, e aí contam histórias que podem vir desde aquele encontro de Margarida com Aristóteles, até a tragédia, quando os dois, numa briga tremenda, viraram notícia de polícia e foram dormir juntos numa mesa de necrotério.

O inglês que criou a Sapatomancia tem em mim uma fiel crente. Estou somente à espera de que surja seu tratado (que desejo seja bem volumoso) para que me entregue de corpo inteiro ao estudo dessa nova ciência ou teoria e — quem sabe? — dela serei apóstola no Brasil. Quanto ao resto, é preciso que faça aqui uma confissão: mulher sem vaidades e sem luxos, se há coisa no mundo que eu goste e muito é de sapatos. Natural portanto minha adesão ao sábio inglês.

Brisa cariciante...
sol tropical...
alegria de viver... e um maço
de Hollywood!



Uma
tradição
de bom
gosto

COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ

Uma pequena lição

EU SEI TUDO



TU SABES TUDO



ÊLE SABE TUDO



NÓS SABEMOS TUDO



VÓS SABEIS TUDO



ÊLES SABEM TUDO



TODOS SABEM:



EU SEI TUDO

a revista que

TUDO SABE • TUDO CONTA • TUDO EXPLICA

REDAÇÃO: RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO